

**“CAMINHO DA FÉ”: PEDESTRIANISMO, ESTADOS EMOCIONAIS E
REFLEXÕES SOBRE A AMBIÊNCIA**

JAQUELINE COSTA CASTILHO MOREIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biotecnologia do *Campus* de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade (Área de Pedagogia da
Motricidade Humana).

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Maio - 2007

**“CAMINHO DA FÉ”: PEDESTRIANISMO, ESTADOS EMOCIONAIS E
REFLEXÕES SOBRE A AMBIÊNCIA**

JAQUELINE COSTA CASTILHO MOREIRA

Orientadora: Profa. Dra. GISELE MARIA SCHWARTZ

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do *Campus* de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade (Área de Pedagogia da
Motricidade Humana).

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Maio - 2007

JAQUELINE COSTA CASTILHO MOREIRA

**“CAMINHO DA FÉ”: PEDESTRIANISMO, ESTADOS EMOCIONAIS E
REFLEXÕES SOBRE A AMBIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do *Campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Motricidade Humana).

BANCA EXAMINADORA:

Titulares:

Prof. Dra. Gisele Maria Schwartz, UNESP

Prof. Dra. Mara de Campos-Carvalho, USP

Prof. Dra. Carmem Maria Aguiar, UNESP

Suplentes:

Prof. Dra. Silvia Deutsch, UNESP

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente a Deus, força soberana e imprescindível e à Nossa Senhora da Aparecida, sem a qual não haveria o “Caminho da Fé”;
- À minha orientadora Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz que acreditou, incentivou e acompanhou este trabalho;
- À Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo que financiou por meio da “Bolsa Mestrado” oferecida aos professores da rede pública, esta pesquisa;
- À Profa. Dra. Mara Campos de Carvalho da USP de Ribeirão Preto pela sua paciência em me conduzir pelos caminhos da Psicologia Ambiental;
- Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Simões Pião e a Profa. Dra. Maria Lúcia L. Wodewotzki, ambos do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação, do Instituto de Geociências (IGDE, UNESP - Rio Claro) que me auxiliaram nos cálculos e análises estatísticas;
- À Profa. Ms. Marinêz de Fátima Ricardo que, além de revisar meus textos, sempre me apoiou e me incentivou por meio de seu exemplo;
- Ao Prof. Dr. José Q. Pinheiro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por sua confiança em disponibilizar-me arquivos relevantes sobre o comportamento pró-ambiental, alguns no prelo, outros ainda em vias de serem publicados;
- Aos amigos e professores da UNESP de Rio Claro, Afonso Antônio Machado, Mauro Betti, Luiz Lorenzetto, Carmen Maria Aguiar, Suraya Cristina Darido, Cátia

Mary Volp pela colaboração, apoio e valorização da perspectiva ecológica voltada para a Motricidade Humana;

- Aos professores da Pós-Graduação em Educação Ambiental (UNESP de Rio Claro) Luiz Marcelo de Carvalho e Dalva Maria Bianchini Bonotto que colaboraram tirando dúvidas e emprestando livros sobre a temática;

- À Paula Lima, grande amiga e companheira, exemplo de determinação e abnegação, por me acompanhar e me tolerar na aventura do “Caminho da Fé”;

- Ao Arani Marchetti, o “Grings Cover”, incentivador, divertimento nas horas de dificuldade e patrocinador do “apoio” durante o trecho de Borda da Mata à Aparecida;

- À Lara Forni, “fotógrafa oficial” da expedição;

- Ao Sr. Almiro Grings, um dos idealizadores da trilha, e a todos aqueles que participam da Associação dos Amigos do Caminho da Fé, pela colaboração cedendo-nos entrevista e material para a dissertação;

- Ao autor Luiz Carlos Marques Silva pelo incentivo, por tirar as minhas dúvidas, pelos seus livros sobre o “Caminho da fé”, que em muitas horas, no mato, quando ainda faltava um tanto para andar..., era o que nos situava e incentivava;

- Às Prefeituras de Tambaú, na figura do Sr. Edílson Anastácio de Faria, Diretor do Departamento de Esportes e Turismo de Tambaú, que nos recepcionou e cedeu material e informações;

- A todos os meus amigos e amigas do Mestrado e do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) por permitirem o compartilhar de experiências, conhecimentos, livros e muitas risadas;

- Às meninas da Biblioteca da UNESP de Rio Claro e do xerox pela atenção, em especial à Moema de Baptista Medina, pela paciência em normatizar as referências bibliográficas multimídias do trabalho;
- A todos os meus familiares e amigos, pelo apoio e compreensão nos momentos de necessidade;

E em especial:

- Aos “Povos do Caminho” que nos recepcionaram tão bem como se fôssemos familiares retornando...: Almando, Íris, “Limão” e “Tarzan” de Tambaú; Cidinha de Vargem Grande do Sul; D. Cida e José Luiz de São Roque da Fartura; Tina e Fabiana de Águas da Prata; Seu Lorival, sitiante da divisa de Águas da Prata e Andradas; Pedro, enfermeiras e médico de plantão da Santa Casa, todos de Andradas; Dona Terezinha e Seu “Duti” de Tocos do Mogi; Dona Zezé da padaria e pousada de Estiva; e a todos aqueles que encontramos pelo caminho e que pediam para orar por eles, quando chegássemos à “casa da mãe” em Aparecida;
- E, finalmente, a todos os participantes da trilha, “Pessoas do Caminho” que infelizmente não tenho como citar, peregrinos corajosos que, voluntariamente despojaram-se de suas couraças para procurar respostas; minha admiração, carinho e gratidão... sem os quais não seria possível completar este trabalho.

OFERECIMENTOS

Dedico este trabalho

... ao meu marido Octávio que peregrinou junto comigo pelos caminhos e descaminhos, não só do “Caminho da Fé”, mas por toda romaria para se obter o título de Mestre; que suportou, pacientemente, minhas ausências e mau humor, e que, não obstante, sempre esteve presente como base e fonte de acolhimento e bom senso;

... à minha filha Marina que, nos momentos em que eu não tinha mais força para pesquisar, me ajudou e me incentivou a continuar;

...aos meus pais adotivos Luiz e Carmem, falecidos, que permitiram, através de seus esforços, que eu chegasse até aqui;

.... e, principalmente, à romeira Tereza e seu bebê, os quais, ao irem cumprir sua promessa em Aparecida, morreram queimados, em um acidente ocasionado pelas más condições de um ônibus de excursão em 1982.

EPÍGRAFE

“Concluo com a idéia de que há toda uma caminhada, que nos chama para a frente (no velho latim se diria: pro-vocat). Amigos africanos me asseguraram que, em muitos idiomas nativos da África, há um montão de termos para “caminho” e “caminhar”, com incríveis nuances. Caminhar com uma criança, se fala de um modo. Caminhar com os pais, já se fala de outra maneira. Caminhar com os amigos, se diz de um jeito. Com uma pessoa amada, ainda de outro. Mas – segundo me disseram esses amigos da África – , apesar de tantas palavras para “caminhar”, nas línguas deles não existe nenhuma palavra para “caminhar sozinho”.

Assmann, 1995, p. 115

“...Dizem que todos nós perdemos vinte e um gramas no momento exato de nossa morte. Todos. Quanto cabe em vinte e um gramas? Quanto é perdido? Quando perdemos? Quanto se vai com eles? Quanto é ganho? Vinte e um gramas. O peso de cinco moedas de cinco centavos. O peso de um beija-flor. O peso de uma barra de chocolate. Quanto pesa vinte e um gramas?...”

Antonio Machado

Filme de Alejandro Gonzalez Inárritu, escrito por

Guillermo Arriagan. www.21-grams.com

RESUMO

A necessidade premente de atentar para a finitude dos recursos naturais tem alertado estudiosos de diferentes áreas para a importância de se incutir idéias preservacionistas. Entretanto, este movimento se apresenta ainda sutil na área da Motricidade Humana, merecendo o enfoque incisivo deste estudo, de natureza quanti-qualitativa. O objetivo de nosso trabalho foi investigar os estados emocionais presentes durante uma caminhada longa, na perspectiva de internalização de valores e no desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente, capazes de fomentar o comportamento pró-ambiental. O ambiente escolhido foi a trilha “Caminho da Fé”, trajeto de 425 km entre Tambaú e Aparecida/SP, o qual atrai turistas, praticantes de atividades físicas e fiéis. Após leitura sobre as temáticas envolvidas, foi realizada uma pesquisa exploratória, na qual se utilizou um “conjunto de instrumentos trifásicos” para a coleta de dados. Foram eles um questionário misto, a “LEA – RI - Lista de Estados de Ânimo, Reduzida e Ilustrada” e a “Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson & Barton”, aplicados a uma amostra aleatória, composta de sete participantes da trilha, adultos, de ambos os sexos. Esse “Conjunto de instrumentos” foi aplicado nos locais de parada, no momento inicial da trilha, no meio do percurso e ao final do trajeto. A análise quantitativa dos dados foi feita por meio da “Análise de Componentes Principais” e a análise qualitativa foi realizada de forma descritiva, por meio da utilização da técnica de “Análise de Conteúdo Temático”; com resultados apresentados também de maneira percentual, para ilustrar. Como conclusão, infere-se que, mesmo que os estímulos tenham cessado ao final do trajeto com o término da atividade física e da contextualização naquele ambiente; sua intensidade, quantidade e qualidade estimularam processos de reflexão, evidenciando que houve variações de estado de ânimo e diferenciação de atitudes para com o ambiente antes, durante e depois da caminhada. Associado às variações de condições de ambientais tanto físicas como sociais, a pré-disposição ao diálogo; aos momentos em que declararam meditar e a identificação simbólica, na qual, por meio de uma analogia de sua vida com a caminhada, os participantes puderam perceber possibilidades de condução e transições de valores e novos sentidos para suas vidas.

Palavras-chave: lazer, caminhada, estados emocionais, comportamento, ambiente.

ABSTRACT

The need of considering the natural resources finiteness has been alerting specialists of different areas for the importance of preservation attitudes. However, this movement is still subtle in the Human Movement or Leisure area, deserving the incisive focus of this study, of quanti-qualitative nature, which aimed to investigate the emotional states resonance which have come upon the corporal experiences in nature, under the perspective of internal values and the development of positive ecological attitudes to capable of stimulating the pro-environmental behavior. The chosen environment was the "Caminho da Fé", a trail with 425 km-itinerary between Tambaú and Aparecida/SP, which attracts tourists, physical activities performers and churchgoers. The study was developed by a literature review about the matters involved and by an exploratory research, using a group of three instruments for collecting data: a mixed questionnaire, the "LEA - RI - List of Mood State, Reduced and Illustrated" and "Thompson & Barton's Scale of Ecocentrism and Anthropocentrism", applied to an aleatory sample, composed of seven trail participants, among adults, of both sexes. That group of instruments were applied in the stop places, in the initial moment of the trail, in the middle of it and at the end of the itinerary. The quantitative data were made for "Principal Component Technique Analysis" and the qualitative obtained data analysis was accomplished in a descriptive way, by the use of "Thematic Content Analysis", with results also presented in a percentile way, to illustrate. As conclusion, it is inferred that, even that the stimulation has ceased with the ending of the hike, the intensity, amount and quality of the experience had stimulated reflection processes, evidencing variations on mood state and differentiation of attitudes with the environment, before, during and after the hike activity, associated to variations on physical and social environmental conditions, the predispose to the dialogue; to the moments where they had declared to meditate and the symbolic identification, at which, through an analogy of their lives with the hike, the participants had been able to perceive possibilities of conduction and transitions of values and new senses for their lives.

Key-Words:. leisure, hike, emotional states, behavior, environment.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AFAN – Atividade Física de Aventura na Natureza;
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
- CPA – Comportamento pró-ambiental;
- EMS – *Environmental Motives Scale*;
- Escala T&B – Escala de Econcentrismo e Antropocentrismo de Thomas & Barton;
- GR – Grande Rota;
- IAAF – *International Association of Atletism Federation* (Federação Internacional de Associações de Atletismo);
- IAT – *Implicit Association Test*;
- IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Renováveis;
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- INS Scale – *Inclusion of Nature in Self Scale*;
- IOS – *Inclusion of Other in Self*;
- LEA-RI – Lista de estados de animo reduzida e ilustrada;
- LEP- Lista de estados de ânimo presentes;
- n - Tamanho da amostra;
- NEP Scale - *New Environmental Paradigm Scale*;
- NOLS – *National outdoor leadership school* ;
- ONG – Organização Não Governamental;
- PR - Pequena Rota;
- QMT – Questionário misto trifásico;
- VBN – *Value Belief Norm*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01- Aquarela “Caminho da Fé”.....	01
Fig. 02- <i>Performance</i> “Canibal”.....	07
Fig. 03- Tendências filosóficas do “Ambientalismo”.....	17
Fig. 04- “Caminho da Fé” – <i>link</i> “mapa”.....	51
Fig. 05- Imagem de Nossa Sra. Aparecida com sorriso nos lábios.....	56
Fig. 06- Grupamento na saída de Águas da Prata/SP.....	62
Fig. 07 e 08- Segunda aplicação do “Conjunto de instrumentos”.....	85
Fig. 09- Crianças no lixão de Sapucaí Mirim/MG.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Valores de primeira ordem e de ordem superior.....	27
Quadro 2- Triangulação de fontes.....	201

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quais os motivos que o levou a escolher a trilha.....	92
Tabela 2- Como (imagina que esteja, está, estava) o trajeto.....	103
Tabela 3- Você (pensa em fazer, pensa em continuar, fez) a caminhada.....	114
Tabela 4- RESPOSTA ABERTA: Razões para seguir sozinho.....	116
Tabela 5- RESPOSTA ABERTA: Razões para seguir acompanhado.....	124
Tabela 6- A caminhada (pode ajudar, está ajudando, ajudou) os participantes a pensarem na preservação do ambiente?.....	134
Tabela 7- (Você esperava vencer alguns, ocorreram, você venceu) obstáculos ou dificuldades na caminhada?.....	143
Tabela 8- Explicação de que tipo de obstáculos.....	144
Tabela 9- Escore de fatores da caminhada - LEARI.....	150
Tabela 10- Coeficiente de Saturação dos itens LEA-RI por fator nas três fases da caminhada.....	152
Tabela 11- Escore de fatores de atitudes ambientais na caminhada.....	164
Tabela 12- Coeficiente de Saturação dos itens, afirmações, atitudes e tendência por fator nas três fases da caminhada.....	153

SUMÁRIO

CAPA	i
FOLHA DE ROSTO	ii
AGRADECIMENTOS	iv
OFERECIMENTOS	vii
EPÍGRAFE	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
LISTA DE ABREVIATURAS	xi
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	xi
LISTA DE QUADROS	xii
LISTA DE TABELAS	xii
SUMÁRIO	xiii
 I. INTRODUÇÃO	 01
 II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
2.1. Corpo.....	04
2.2. Ambiente.....	14
2.3. Valores, atitudes e comportamento ambiental.....	26
2.4. As caminhadas.....	37
2.5. Contextualizando a Pesquisa.....	47
 III. METODOLOGIA	
3.1. Objetivo	60
3.2. Participantes.....	60
3.3. Conjunto de Instrumentos.....	64
a. Questionário Misto Trifásico (QMT).....	65
b. Lista de Estados de Ânimo Reduzida e Ampliada (LEA-RI).....	71
c. Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B).....	74
3.4. Procedimento para a coleta de dados.....	77
 IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO	 86
 V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 200
 VI. REFERÊNCIAS	 209
 VII . ANEXOS	
Anexo 1	222
Anexo 2	223
Anexo 3	228
Anexo 4	232
Anexo 5	236
Anexo 6	240

I. INTRODUÇÃO



Figura 01- "Caminho da Fé" (autoria própria).

As inquietações geradas pelas culturas de massa e tecnológica, associadas ao estresse ambiental deste século, entre outras variáveis, são capazes de motivar, no homem contemporâneo, uma busca por novas possibilidades de usufruto do seu tempo disponível.

Ofertadas em atividades do âmbito do lazer, muitas opções visam a resgatar, não só as sensações e as percepções construídas a partir de uma corporeidade urbana, mas também, permitem auto-reflexão e questionamento profundos sobre as formas com que o ser humano se relaciona com o meio a que está exposto e interage sistematicamente.

No Brasil, a partir da década de 1990, houve uma intensificação da demanda por opções no contexto do lazer que possibilitassem a intensificação de vivências emocionalmente mais significativas. Dessa forma, surgiu o interesse pelas atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), ecoesportes, *outdoor*

sports ou turismo de aventura, entre tantas outras denominações, evidenciando-se a necessidade de compreensão mais aprofundada dos aspectos peculiares e as tênues diferenciações inerentes a essas práticas.

Proporcionalmente a esse aumento, cresceu também a preocupação com a saturação dos locais de prática, as condições estruturais e de sustentabilidade para manutenção dessas atividades, como também, a necessidade da conscientização de preservação desses ambientes e sistemas. Essa conscientização refletiu na produção acadêmica de estudiosos preocupados na disseminação de atitudes e condutas preservacionistas, nas mais diversas áreas do conhecimento, cada qual contribuindo de sua maneira, para incentivar a sustentabilidade no usufruto do ambiente natural.

Nesse sentido, também a área do lazer tem prestado sua contribuição, promovendo reflexões acerca da maneira como suas variadas dimensões colaboram para a demanda crescente de vivências de experiências corporais, que aproximam o ser humano aos ambientes naturais.

Potencializadas tanto pelas possibilidades hedônicas que representam, como pela oportunidade de criação de laços afetivos e de desenvolvimento de relacionamentos sociais e culturais menos fugazes; essas práticas são capazes de estimular a apreensão de valores e ressignificações, na medida em que permitem diversos momentos de reflexão. Assim, promove um repensar sobre atitudes, comportamentos e representações adotados para com o ambiente, em seus níveis físico e social.

Por revelar fragmentos preservados da Floresta Ombrófila, convivendo com extensas áreas de solo agricultável e outros degradados, as sugestões advindas da vivência de pedestrianismo pelo trajeto “Caminho da Fé”, pode colaborar, não só nas investigações dos estados emocionais nessa atividade física específica, mas também, em aspectos ligados à sua mediação com atitudes pró-ambientais.

Sendo assim, esse estudo visou o entendimento dos estados emocionais manifestados durante um pedestrianismo do âmbito do lazer, elegendo-se como foco o trajeto conhecido como “Caminho da Fé”, na perspectiva de internalização de valores e no desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente, capazes de fomentar o comportamento pró-ambiental.

Os capítulos que compõem a revisão bibliográfica explanaram o assunto no intuito de evidenciar o quão necessário se faz um estudo desse comportamento. Conforme a pesquisa tomou corpo, foram desenvolvidos os seguintes tópicos: “Corpo”, “Ambiente”, “Valores, Atitudes e Comportamento Ambiental”, “Procedimentos metodológicos”; “Referências” e “Anexos”. Trilhando este rumo, percorreu-se um trajeto entre reflexões e ações, abstrações e práticas que relacionam a Ciência da Motricidade e a preocupação ambiental, afinal, por este viés, ao andar também se faz um Caminho...

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Corpo

A construção do conceito de corporeidade vem sendo foco de estudos em diversas áreas, como a biologia, a psicologia, a filosofia, a antropologia, entre outros campos e seus diversos autores. Embora as possibilidades de articulação do tema sejam bastante amplas, existem duas tendências filosóficas básicas para uma reflexão sobre a temática. Para RODRIGUES (2003, p. 110), enquanto alguns pensadores explicam o ser humano “... como um composto de duas partes diferentes: um corpo (material) e uma alma (espiritual e consciente)”; outra vertente ressalta uma abordagem monista de corpo/consciência, “... mostrando os erros a que nos leva a concepção dualista exemplarmente representada pelo esquema sujeito-objeto”.

Tem-se como pressuposto neste estudo que o corpo é um todo biopsicofísico social e que não há distorção entre corpo e mente, e sim, uma relação corpo-mente em busca de interações adequadas com o meio ambiente a que está exposto.

Se por um lado a relação corpo-mente oscila entre aceitação e negação de valores racionais e espirituais para se tornar uma identidade, como apregoa Santin (2001); por outro lado, ela também está inserida e participa de um sistema maior. Com isso, a relação corpo-mente, de agora em diante simplesmente “corpo”, também fica à mercê de uma percepção externa, a qual, muitas vezes, pode ser estigmatizante (dependendo do contexto onde e como foi construída) e sujeita a alguma forma de dominação por um “outro”, quer seja pessoa, instituição ou mídia.

O “corpo” forte e feroz, no sentido de ser representado como uma forma de poder, somente foi assim respeitado na Pré-história, quando servia “à autoconservação e à plenitude de vida de um indivíduo no ambiente feral” (VEBLEN, 1974, p. 398). Com a ascensão da *psiquê* sobre o *soma*, na Antigüidade, o “corpo” acabou perdendo espaço, até mesmo como linguagem ou como possibilidade de interação com o ambiente. Os filósofos da Antigüidade e da Era Medieval passaram a tratar o corpo apenas como “uma exigência lógica da existência de um eu pensante” (SANTIN, 2001, p. 58).

Na Idade Média o domínio do *logos* foi substituído pelo reino da alma, dotada de espírito divino, por ter sido criada à semelhança de Deus.

No desenrolar da história, com suas ordens e desordens sociais, resta ao “corpo” um papel menor na condição humana. Para Assmann (1995), a partir do Renascimento, o corpo deixou de ser um “jardim fechado” (como rezam as ladainhas cristãs: *hortus conclusus*), para se transformar num corpo

dessacralizado, aberto e devassável pelas ciências, desde sua anatomia à sua psicanálise.

Entretanto, o “corpo” do Romantismo representou uma resistência a esses processos. Esse corpo lânguido e melancólico repudiava o presente. Tomado de atitudes românticas de abstração, submergia-se em várias direções: do ufanismo histórico ao idílico, representado pelo saudosismo da infância e pelo amor à natureza; passando pelo exotismo dos lugares longínquos e estranhos à direção fantástica dos sonhos e da loucura; rumando para uma crítica acirrada da sociedade e construindo, mesmo que utopicamente, um mundo futuro de justiça, desenvolvimento e de felicidade (RODRIGUES *et al*, 1979).

Do Romantismo aos dias atuais, mesmo que, durante séculos, inúmeros esforços tenham sido empregados numa tentativa de convencer as pessoas de que elas não tinham “corpo”; na contemporaneidade, existe um consenso entre diversos autores de que o “corpo” tem sido visto como um valor (ASMANN, 1995; BRUHNS, 2000; SANT’ANNA, 2001; SCHWARTZ, 2002; GOLDENBERG e RAMOS, 2002).

O “corpo” moderno, ou, ainda, como propõe Assmann (1995, p. 73) o “corpo ajustável ao que precisa”, deixou para trás a rigidez das antigas concepções e ganhou uma infinidade de adjetivos: corpo-educável, corpo-estivador, corpo-garçon, corpo-político, corpo-relação mercantil, corpo-escultural, corpo-esvoaçante, corpo-capital humano, “até culminar no corpo, plenamente ‘valor de troca’, da engenharia genética e do mercadeio de órgãos”.

Expandindo a discussão toma-se Bourdieu (1995) como orientação. O autor traz o questionamento da construção do conceito “corpo” pelo mundo social, só que, dessa vez, imprimindo diferenças culturalmente construídas, as quais acabam sendo naturalizadas pela estigmatização e pela estereotipia, legitimando as relações de dominação, facilmente presenciáveis. O corpo pós-moderno, aparentemente mais livre por seu desnudamento e exposição pública, também é mais constrangido por regras sociais interiorizadas por seus portadores (GOLDENBERG e RAMOS, 2002).

Esse corpo é pressionado por signos distintivos, desde a insígnia da “boa forma”; a *grife* de um pertencimento que distingue como superior aquele que a possui, chegando ao que Goldenberg e Ramos (2002, p.39) chamaram de “prêmio (ou medalha), justamente merecido pelos que conseguiram alcançar, por intermédio de muito esforço e sacrifício, as formas físicas mais *civilizadas*”.



Figura 02- Performance “Canibal” – Marco Paulo Rolla. Fonte: ITAU CULTURAL//2005.

O corpo pós-moderno é um corpo que está exposto, mediante alguma troca, à intervenção da tecnologia. Esse fato em si não representa um juízo de valor. Pois, ao mesmo tempo em que se emprega a tecnologia para fins narcisísticos (lipoaspirações, plásticas, drogas anabolizantes etc.), por outro lado, muitos dos recursos da medicina que existem na atualidade permitem melhores condições de vida para inúmeras pessoas (pré-maturos, doentes, pessoas com necessidades especiais, idosos, entre outros). A tecnologia possibilita ainda, percepções e ações diferenciadas, tanto em relação ao próprio “corpo”, como em relação aos demais “corpos”; mesmo que distantes fisicamente e/ou expectadores de jogos televisivos imaginados ou virtuais (GONÇALVES, 1997; BRUHNS, 2000; SCHWARTZ, 2003).

A despeito das atividades físicas de aventura na natureza, os artefatos tecnológicos agregados ao “corpo”, agora “corpo cibernético”, possibilitaram que os riscos inerentes à prática fossem minimizados, assim como permitiram que mais pessoas pudessem praticá-las. Esse mercado em expansão, mobilizador de vultosos recursos e *know-how*, gerou o aparecimento de operadoras de turismo; a disponibilização de diversos níveis de roteiros; a crescente capacitação de guias turísticos/monitores e a oferta de cursos específicos para cada modalidade, enfim, uma grande estrutura profissional foi montada para que este “corpo”, pudesse vivenciar experiências no mundo natural.

Para Brunhs (1997), o homem contemporâneo, foi arrancado da natureza, embora esteja inserido em seu contexto, a natureza não representa uma ameaça, já que ela quase não existe mais. A autora menciona o “corpo

visitando a natureza” como um tema, que requer um entendimento do corpo como presença no mundo e do movimento como sua expressão.

O corpo pós-moderno é submisso em sua motricidade, contido em sua sensibilidade e em sua expressão; é um corpo com tendência ao isolamento e à alienação.

Silva (2000) alerta que uma das formas de exercer controle social sobre esses corpos submissos é tornando-os mudos. Entretanto, “o *logos*, a *psique*, a mente, a alma, a razão ou a consciência não podem manifestar-se a não ser pelo corpo” (SANTIN, 2001, p.58) e as solicitações do ambiente físico real constantemente rompem essa dominação de condenação à solidão.

A variedade de estímulos, provenientes dos contextos pelos quais o corpo está envolvido, rompe o equilíbrio, desencadeando reações ativas (mesmo que imperceptíveis) às perturbações impostas pelo meio (LEME, 1996).

Equipado com sensores que recebem como informação as alterações ambientais, o “corpo”, processa esses dados de acordo com seu patrimônio genético, imunoquímico, intelectual, cultural, familiar e afetivo. Esse processo bastante complexo, de interiorização das sensações referentes às alterações ambientais, de percepção e devolução ao ambiente, varia, não só de grupo para grupo, mas, inclusive, de indivíduo para indivíduo, ou ainda, de situação para situação, em relação ao próprio indivíduo.

O “corpo”, ambientado num espaço/tempo específico, pode desenvolver percepções diferenciadas das que lhe ocorrem rotineiramente. O corpo, por exemplo, em deslocamento numa viagem a pé, tem amplas

possibilidades de apropriação, em conversa com seus pares caminhantes, ou com as pessoas pertencentes às comunidades sediadas ao longo do percurso. Ele tem tempo para ver o grão de areia do chão, se estiver com a percepção aguçada ou sensível a esses detalhes e, ao mesmo tempo, contemplar a paisagem distante e refletir. Os aspectos gerados por essas apropriações, promovem o valor de atividades como uma caminhada, fazendo com que suas ressonâncias ultrapassem o tempo efetivo de duração da prática.

Dessa maneira, o “corpo” é o principal mediador entre os ambientes a que está exposto, tanto o interno como o externo. Sendo assim, há necessidade de um aprofundamento maior, a fim de que seja possível um entendimento de como esse corpo sente e percebe as alterações a que está exposto e como as articula sob a forma de respostas, expressando-se através de seus estados emocionais e de ânimo.

Por esse motivo, com o intuito de compreender as ligações corpo, sensações e natureza fundamentou-se a definição de sensação em Machado (2000), o qual sugere que esta é uma impressão física do ser humano, que o torna capaz de reconhecer o mundo pelas diferentes sensibilidades especiais (órgãos de sentido) e gerais (sensibilidades ao calor, dor etc.).

Complementa essa definição Magill (1984), mostrando que, por meio das sensações se obtém informação necessária para o desempenho de uma habilidade motora qualquer.

Já para o conceito de percepção, optou-se por entendê-la como uma impressão sensorial, uma “sensação sensorial pura (que) se acompanha de uma

interpretação, de uma referência a fatos vividos ou aprendidos” (SCHMIDT, 1980, p. 06).

Schmidt (1980) define três noções para a percepção. Uma delas é a modalidade relacionada aos órgãos de sentido e sensibilidade. A outra está diretamente ligada à qualidade, pois é provocada pelos estímulos ambientais adequados a aquele órgão de sentido, por exemplo, a modalidade gustação compreende as qualidades: doce, azedo, salgado e amargo. A última noção tem relação com a intensidade e é definida pela quantidade, ou seja, a quantidade da impressão sensorial está de acordo com a intensidade do estímulo. Para esse autor, as percepções têm, ainda, dois aspectos, os conscientes e os afetivos. Como o nível de consciência pode ser modificado, desde o sono profundo à vigília atenta, hipoteticamente, acredita-se que um afluxo de excitações constantes, da formação reticular ao córtex, torna-se condição necessária para a produção das discriminações ou percepções conscientes. Já as percepções afetivas ou emocionais, comumente chamadas de sentimento, são atribuídas ao sistema límbico (SCHMIDT, 1980).

O mesmo autor ainda aponta a importância de se destacar que a percepção consciente e o comportamento motor apresentam, pelo menos, duas percepções (a discriminatória e a afetiva). No caso do comportamento motor, por outro lado, têm-se, também, os fatores cognitivos (neocorticais) que se baseiam em informações precisas fornecidas pelos órgãos de sentidos.

Quando o estado biopsicofísico é alterado por conta de sensações/percepções, ele desencadeia várias respostas, dentre elas as emoções.

Para Damásio (1996), a emoção é a combinação de um processo avaliatório mental simples, ou complexo, com repostas dispositivas a esse processo, em sua maioria, dirigidas ao “corpo” propriamente dito; resultando num estado emocional do “corpo” e em alterações mentais adicionais, o que retorna ao sentido do corpo como um todo biopsicofísico social.

Tem-se como pressuposto relevante nessa pesquisa as funções do hipotálamo, parte do diencefalo, por ser o principal regulador da complexidade do estado emocional, segundo Machado (2000). Para ele, o hipotálamo é responsável pelo controle do sistema nervoso autônomo, regulando a temperatura corporal, o comportamento emocional, o sono e a vigília, a ingestão de alimentos e de água, a diurese, o sistema endócrino, a geração e regulação dos ritmos circadianos, ou seja, “as reações físico-emocionais”.

Vale ressaltar que este estudo tem como ponto de referência um “corpo” em atividade física específica, ritmada, longa e extenuante – a caminhada em trilha longa, realizada em ambiente natural, durante um tempo disponível das férias, canalizado para essa vivência.

Esse “corpo” ficou exposto à sensação de diversas fontes, interpretou-as ao percebê-las e, durante 14 a 20 dias, emocionou-se com suas motivações, com a percepção ambiental do percurso realizado, com o contato próximo com outras culturas, com a convivência social com o grupo

aleatoriamente estabelecido para a realização do percurso, com as alterações ambientais, com seus questionamentos, reflexões, discussões e com suas próprias superações.

Após as considerações sobre o “corpo” como o principal mediador entre os ambientes será aprofundado a seguir a outra extremidade da inter-relação: o ambiente.

2. 2. Ambiente

Assim como o “corpo”, o tema “ambiente” possui várias concepções. Lee (1976, p. 42) sugere que o ambiente seja formado por esquemas socioespaciais e enfatiza a relação do ambiente com a “representação interior de objetos físicos e sociais numa forma integrada”, ou, ainda, o ambiente como estruturas sociais isomórficas, de formas semelhantes às estruturas espaciais.

É relevante destacar a contribuição de Reichard (1975) e Kates (1975), apresentando o conceito de ambiência. Reichard (1975) sugere para o termo “ambiência”, a qualidade do ambiente quanto à percepção; adaptação (que ocorre por processos socioculturais); reversão (alteração da ambiência ou mobilidade em direção ao outro ambiente) e preferências relativas a tempo (ações de curto, médio e longo prazos).

Já Kates (1975) define “ambiência” como sendo a forma com que o homem percebe o seu meio ambiente e as atitudes adotadas para com ele. O autor salienta que há diferenças de percepção entre os homens que vivem em um mundo natural e os que vivem em um mundo artificial; os que o horizonte não apresenta qualquer obstáculo ou entre os quais o horizonte natural é limitado, complementando com a observação de que “nas cidades onde a população comprime-se dentro de limites, há a intriga política” (KATES, 1975, p. 174).

Na perspectiva ecológica, o ambiente é estudado por meio de suas inter-relações com o homem.

Para o entendimento histórico dessas formas de interação, buscou-se apoio em alguns autores, como Overton e Reese (1977), os quais estabeleceram três categorias referentes a essa interação: submissão do homem ao ambiente, no qual o ambiente é o agente de mudança e o comportamento humano é o objeto da adaptação; o ambiente como construção humana, forma comum de idéias, bastante pretenciosa, por constituir a natureza humana como fator condicionante da existência ou não de um ambiente e o sistema interdependente ambiente-homem, que considera que ambos os sistemas se interam reciprocamente, exercendo influências formativas simultâneas.

Conceitos próximos aos defendidos pelos autores anteriores, encontram-se na filosofia, o determinismo ambiental, da escola filosófica alemã, concebe o entorno controlando o curso da ação humana. Johnston *et al* (1981) aponta que a influência do entorno sobre o homem remonta à Antigüidade Clássica, revivida na Europa durante o Renascimento. O existencialismo, corrente de pensamento no qual o homem, condenado à liberdade por já não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como arquiteto de sua vida, o construtor de seu próprio destino, submetido, entretanto, a limitações concretas. E o ambientalismo, que se refere à ideologias e práticas que possuem interesse ambiental, uma forma de ecologia humana.

Aprofundando-se no ambientalismo, Moraes (1997) cita três posturas típicas: o naturalismo, no qual os problemas são abordados em sentido

a-histórico, ignorando as relações sociais e onde a relação indivíduo-natureza é condicionada às relações naturais e à sua dinâmica. Por essa perspectiva a ação humana é definida como antrópica e interpretada a partir dos parâmetros das ciências biológicas. O naturalismo recupera o determinismo natural e o positivismo clássico.

A segunda orientação é o tecnicismo, em que as soluções técnicas e de manejo e gestão de recursos naturais podem resolver os problemas e dilemas ambientais contemporâneos. O tecnicismo privilegia a razão técnica, a instrumentalização da vida e da supremacia da ciência, que, de certa forma, são importantes elementos para perpetuar o sistema vigente e a alienação humana.

A última corrente situa-se no contexto do romantismo ingênuo (“política e ecologicamente corretos”), mas que desconsideram a dinâmica dos sistemas ambientais e a inevitável ação humana sobre eles. Sua produção busca sacralizar o ambiente, ao mesmo tempo em que destaca o ser humano como nefasto.

Loureiro (2000, p. 22) acrescenta que, além dos aspectos comportamental e moral, dimensões ideoculturais que as três correntes trazem, elas não são as únicas e nem são as determinantes. O autor destaca a corrente espiritualista, a qual, além das questões éticas e morais, visa a “buscar obter o reconhecimento da vida em todas as suas formas de manifestação e repensar a individualidade, tendo como ponto de apoio uma nova relação mais ‘harmoniosa’ com a natureza”.

Importante evidenciar que as contradições entre o capitalismo e as diversas correntes do ambientalismo apontam para o aparecimento de novas tendências de enfrentamento. Amaral (2001) as categoriza em: o adestramento ambiental, linha desprovida de reflexões críticas, buscando o desenvolvimento de posturas e atitudes ambientalmente corretas; o desenvolvimento sustentável, apoiando-se na “nova ética universal” de soluções ambientalmente sustentáveis, preconiza um equilíbrio entre a preservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico; o ecologismo radical, assume uma “ética preservacionista” e propõe uma transformação completa nos padrões da relação sociedade-natureza, criticando o capitalismo e todas as formas de exploração e o pensamento crítico, mais voltado para a Educação Ambiental, não a dissocia da Educação Geral, utilizando o ambiente como gerador, articulador e unificador do currículo escolar.

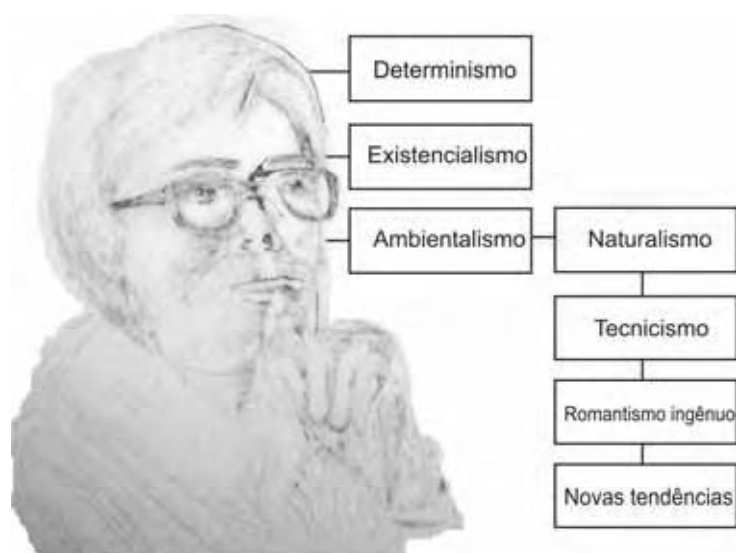


Figura 03- Tendências filosóficas (autoria própria).

A perspectiva ecológica do ponto de vista da Psicologia Ambiental também investiga a relação pessoa-ambiente, porém são elencados alguns pressupostos básicos. O primeiro refere-se à bidirecionalidade, um direcionamento que propõe que as características da pessoa e do contexto interagem, modificando-se mutuamente. Um segundo ponto refere-se à interdependência de variáveis e suas influências recíprocas. Uma terceira característica é a de que nenhum contexto ambiental é neutro, porque qualquer um dos aspectos influencia e é influenciado. Finalmente, como quarta característica, a unicidade de um ambiente, ou seja, o entendimento de que em um ambiente há vários aspectos (físicos, sociais, pessoais) acontecendo simultaneamente, mas que são separados apenas para finalidade de pesquisa (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003).

Assim, se de um lado o “corpo”, principal mediador entre o mundo interno e o mundo externo, sente, explora, descobre um ambiente, por outro lado ele também é afetado pelo impacto das características ambientais. Essa relação bidirecional funciona como um movimento oscilatório entre as extremidades “corpo-ambiente-corpo-ambiente”, gerando processos de modificações mútuas a cada circunstância num *motus contínuo*.

Uma outra perspectiva teórica que auxilia na compreensão da interdependência entre as relações pessoa-ambiente é a da “Ecologia do Desenvolvimento Humano” de Bronfenbrenner (1977). Para ele, a pessoa é vista como:

um organismo biopsicológico complexo, em crescimento e ativo, caracterizado por um complexo sistema integrado de processos psicológicos (cognitivos, sociais, afetivos, emocionais, motivacionais), os quais operam em interações mútuas (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003).

Destaca-se sua conceituação de que o fenômeno “ambiente” está envolto em vários sistemas. Dentre eles: os microssistemas, contextos imediatos, nos quais a pessoa está inserida e é participante, exemplificado através das relações com a família, colegas, bairro, escola. Cada um dos microssistemas engloba um padrão de atividades, papéis sociais, relações sociais e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento, em dado contexto face-a-face; os mesossistemas, que envolvem a interação dos microssistemas, compreendendo os elos e processos ocorridos em dois ou mais contextos que contêm a pessoa em desenvolvimento, pois a pessoa se engaja em atividades, papéis e relações interpessoais diferentes, conforme o contexto em que está; exossistemas são ambientes sociais indiretos, elos e processos que ocorrem em dois ou mais contextos, sendo que, pelo menos em um deles, a pessoa em desenvolvimento não está contida, mas os eventos que aí ocorrem são influentes no contexto imediato no qual a pessoa vive; macrossistemas, consiste no padrão de características do conjunto estabelecido pelos três sistemas anteriores, de uma dada cultura, sub-cultura ou estrutura social mais extensa, com referência particular para os sistemas de crenças, recursos, perigos, estilos de vida e opções de intercâmbio social, que são investigadores do desenvolvimento e estão imersos nestes sistemas mais amplos; e, finalmente, o cronossistema, como

sendo a experiência total de vida de uma pessoa, sua história cultural e social (BRONFENBRENNER, 1977, 1979; CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003).

Vale ressaltar que, quando se fala de sistemas ambientais, ou contextos ambientais, está implícito, tanto em ambientes internos (por exemplo, o lar, a sala de aula, entre outros), quanto nos ambientes externos (ao ar livre), a presença da relação de interdependência pessoa-ambiente.

Um outro domínio de investigação foi proposto por Stokols (1978). Para esse autor, existem duas dimensões que caracterizam o processo de inter-relações pessoa-ambiente. São elas: a relação cognitiva/simbólica versus a comportamental/física, que representa uma “forma” de relação e a relação ativa versus reativa, que representa uma “fase” da transação.

Os modos de relação pessoa-ambiente apresentados por Stokols (1978) são relevantes, porque o autor as investiga por meio de avaliações obtidas a partir do julgamento da qualidade dos ambientes pelas pessoas e de investigação de suas representações internas, em especial, as atitudes ambientais favoráveis e desfavoráveis.

Já para a inter-relação homem-natureza, Worringer (1983) ressalta que essa interface relacional pode ser agradável e afetiva, provocando confiança e empatia, como também pode ser desagradável, provocando medo e inquietação interior, o que o leva à necessidade de refúgio e abstração, buscas muito semelhantes às encontradas nos comportamentos dos homens contemporâneos.

Dentro da temática ambiental e da ciência da motricidade, especificamente, encontram-se autores, como Parlebas (1988) e Schmidt e

Wrisberg (2001), os quais, apesar de utilizarem terminologias diferentes, sugerem as mesmas idéias, ao tratarem das definições de ambientes domésticos e estáveis, ou, ainda, com relação aos conceitos de ambientes selvagens e imprevisíveis. O meio selvagem se parece com um ambiente instável, no qual existe a necessidade de interação com os elementos caóticos e com movimentos motores abertos em resposta às propriedades dinâmicas do ambiente. Já o meio doméstico é um contraponto ao selvagem, assemelha-se ao ambiente estável, com elementos previsíveis e rotineiros, que requerem certa automação de movimentos e o uso de habilidades motoras fechadas. Estes autores ressaltam a importância da articulação desses diversos ambientes para o desenvolvimento humano, independentemente de sua faixa etária.

Pela perspectiva ecológica, é consenso entre vários autores, a concepção de que o contexto ambiental deve entrar necessariamente na análise do fenômeno (STOKOLS, 1987; BRONFENBRENNER, 1979; CAMPOS-DE-CARVALHO, 1993, 2003), já que corpo-ambiente faz parte de um sistema de inter-relações e/ou interdependências mais amplo.

Embora considerando o aspecto da bidirecionalidade, é bastante difícil executar uma pesquisa que seja capaz de investigar simultaneamente as duas direções. Assim, este estudo priorizou os aspectos do “corpo” sendo influenciado pelo ambiente.

A partir do entendimento das tendências filosóficas das relações pessoa-ambiente, acredita-se que uma investigação teórica sobre as relações pessoa-ambiente natural por meio de atividades físicas, contribua para compor o

quadro de bidirecionalidade e interdependência proposto pela perspectiva ecológica.

“O Corpo-Natureza”

Quanto às possibilidades de relação pessoa(s)-ambiente natural, vários autores (COSTA e TUBINO, 1998; RIBEIRO, 1998; ALMEIDA, 1999; SILVA, 2004) concordam que existe uma tendência do homem contemporâneo em recorrer às atividades físicas na natureza. Traduzida em seus discursos, pelo intuito de experimentar novas e diferentes sensações/percepções, obtenção de um controle maior de suas emoções, além da busca por novos significados para sua existência por meio desse contato.

Em relação às sensações e emoções Bruhns (2003, p. 37) afirma que a “realidade, captada de maneira sensível pelo corpo, traz em si uma organização, um significado, um sentido.” Para a autora é possível uma interação com o ambiente por meio de um “mergulho na natureza”, o qual exercita os sentidos. Segundo ela: “ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores, faz parte de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo, o qual toca a natureza e é tocado por ela” (BRUHNS, 2003, p. 45).

Serrano (2000) relata sobre a sensação de liberdade, redescobrimto de capacidades e de limites de experimentação de novas percepções, o que, segundo esta autora, geraria inúmeras emoções, tornando a prática bastante significativa.

Schwartz (2002, p. 163), acrescenta a identificação do “outro” dentro das atividades físicas de aventura na natureza. Para ela a experiência oferecida por essas vivências, “experimentando o prazer da emoção real e do arriscar-se ludicamente” pode favorecer mudanças qualitativas, em relação ao estilo ou aos planos de vida. A autora evidencia que o nível de intervenção exigido nessas atividades pode influenciar valores e condições sociais, as quais, não apenas sustentam, mas favorecem hábitos arriscados, no sentido de superação constante, com leis e normas que valorizam os elementos realmente importantes para a vida. Para Schwartz (2002), mesmo que os hábitos e comportamentos sejam culturalmente mediados, é possível que essas atividades, por meio de prazer, emoção e aventura, promovam mudanças relacionadas à qualidade existencial.

Mais recentemente, Marinho e Schwartz (2005) sugerem que essa aproximação qualitativa pessoa(s)-ambiente, pode intensificar e acelerar o processo de tomada de consciência da necessidade de preservação. Afinal, em tais vivências, os seres humanos não são apenas espectadores, mas participantes efetivos.

No entanto, outras sensações e emoções, não tão positivas, também estão presentes nas AFAN. Ao se intensificar os níveis emocionais, instala-se

uma forma de estresse bem peculiar, causado muito antes da viagem propriamente dita. Inicia-se com a escolha do roteiro e preparação para a atividade. Passa pela tensão do deslocamento, abrangendo, desde o local de escolha, situação em que se encontra o meio ambiente, acesso, distância do percurso, condições climáticas, infra-estrutura: hospedagem, alimentação, equipamentos receptivos, densidade e habitabilidade (BENI,1997).

Marinho (1999) sugere que, apesar de alguns praticantes perceberem a natureza como uma adversária a ser vencida, o meio natural deveria ser visto como parceiro, em um jogo no qual se convive, desfruta de riscos calculados, desafios e do elemento lúdico constante nestas práticas, que muito contribuem para a motivação dos participantes. A autora salienta também que, apesar de a natureza humana ser bastante adepta aos desafios, quando estes ultrapassam o limite da segurança e da organização, deixam de caracterizar-se como atividade lúdica, para representar outros parâmetros, até mesmo, relacionados à sobrevivência, com a demonstração da prevalência de traços masoquistas de personalidade ou outros desvios.

Sugerem, ainda, Marinho e Schwartz (2005, p. 05) que, “muitas vezes, os próprios envolvidos não sabem como proceder diante de determinadas situações na natureza e, por falta de conhecimento e não apenas por desrespeito, contribuem para os desgastes nos ambientes naturais”.

Uma outra característica negativa dessa inter-relação é citada por Krippendorf (1989). Para ele, desde o excursionista de fim de semana ao *habitué* de viagens culturais e do amador de safáris fotográficos, passando pelo turista

aventureiro ao esquiador de montanha “quer estejam de acordo ou não, as motivações dos turistas são sempre motivadas por considerações egoístas” (KRIPPENDORF, 1989, p.63).

Vários autores alertam para o crescimento das indústrias do entretenimento e do consumo de elementos naturais (BRUHNS, 2000; KRIPPENDORF, 1989, RIBEIRO e BARROS, 1997), o que, mesmo que marcado por boas intenções, cria resultados inesperados, mudanças indesejadas e dependências clientelistas e patrimoniais; sinalizando para a necessidade de um embasamento filosófico ambientalista, não só em discurso, bem como, de processos educativos, em que se exercite o conhecimento como instrumento de compreensão das relações presentes entre pessoas e ambiente natural.

Nessa síntese de autores, foi possível observar aspectos filosóficos, políticos, econômicos, sociais e culturais pertencentes ao contexto, mas que interagem com o indivíduo, influenciando suas características físicas e pessoais, seus valores, suas atitudes e os seus comportamentos para com o meio ambiente. E esses aspectos serão abordados de forma diferenciada, desse estudo.

2. 3. Valores, Atitudes e Comportamento Ambiental

“Valores”

Schultz *et al* (2004), inicialmente, apregoavam os “valores” como um dos objetivos principais do princípio ecológico. Para eles, os valores funcionavam como organizadores dos sistemas de atitudes e convicções, sendo, até mesmo, determinantes para se manter uma atitude. Foi, então, criado o termo “valores ambientais”, que se referiam, especificamente, às questões de interesse e atitude ambientais, dentre eles: igualdade, sabedoria, ambição e liberdade.

Coelho, Gouveia e Milfont (2006) relataram que muitas pesquisas têm sido feitas, especialmente na área da Psicologia Ambiental, na tentativa de buscar explicações para as relações entre as atitudes e os comportamentos favoráveis ao ambiente. Os mesmos autores argumentam que a “Teoria de Ativação da Norma”, proposta por Schwartz (2006), é a que prediz mais adequadamente o comportamento pró-ambiental. Essa teoria assevera que todo o comportamento é determinado pela intenção de executar um comportamento qualquer concretamente, no caso deste estudo, direcionada para o comportamento ambiental.

A teoria de Schwartz (2006) define que, para que um comportamento ocorra, um conjunto de motivações universais deve originar e organizar os diversos valores existentes nas diferentes culturas. Esses valores são

considerados conceitos e crenças que um indivíduo possui sobre “uma meta (terminal ou instrumental), que transcende às situações e expressam interesses (individualistas, coletivistas ou mistos), correspondentes a um domínio motivacional” (GOUVEIA, MARTINEZ e MILFONT, 2001).

São eles:

Quadro 01- Valores de primeira ordem e de ordem superior:

Valores de primeira ordem:	Definição:	Valores de ordem superior:	Definição:
Autodireção	Pensar independentemente, tomar decisões, ser criativo.	Abertura à mudança	Independência de pensamento e ação e favorece a mudança.
Estimulação	Ter excitação, buscar novidades e mudanças na vida, ser atrevido, arrojado, ter vida variada.		
Hedonismo	Desfrutar da vida, viver o prazer.		
Auto-realização	Ter êxito pessoal, ambição e capacidade.	Autopromoção	Busca de sucesso e domínio sobre os outros
Poder	Assumir posição e prestígio social domínio de recursos e pessoas, autoridade, riqueza.		
Segurança	Conseguir segurança, harmonia e estabilidade nas relações inter e intra-pessoais.	Conservação	Tradição e proteção da estabilidade favorecendo a manutenção do <i>status quo</i> .
Conformidade	Limitar ações, inclinações e impulsos, auto-disciplina, bons modos, respeito as regras sociais.		
Tradição	Respeitar, comprometer-se a aceitar costumes e idéias da cultura tradicional, religião, devoção, humildade, vida espiritual		
Benevolência	Preservar e reforçar o bem-estar das pessoas próximas, ser colaborativo, ajudar, ser honesto, não rancoroso, ter sentido na vida.	Auto transcendência	Ênfase na igualdade e preocupação com o bem-estar dos outros.
Universalismo	Compreender, apreciar, tolerar, estar aberto para a amizade verdadeira, justiça social, igualdade, harmonia interior, ser protetor do meio ambiente, promover a união com a natureza, a sabedoria, um mundo de paz, um mundo de beleza.		

Fontes: SCHWARTZ (2006); GOUVEIA, MARTINEZ e MILFONT (2001).

Segundo a teoria de Schwartz (2006), há relações dinâmicas de compatibilidade e conflito entre os tipos motivacionais, o que evidencia a concordância com o pensamento de Porto e Tamayo (2003), ou seja:

as pessoas tendem a apresentar alta ou baixa prioridade para certos tipos motivacionais mutuamente compatíveis com certos domínios motivacionais do que de forma randômica. Em contrapartida, a priorização simultânea de alguns domínios incompatíveis levaria a conflitos (PORTO e TAMAYO, 2003, p. 147).

Assim, a “auto-promoção” apresenta oposição à “auto-transcendência” e a “conservação” contrapõe-se à “abertura à mudança” (Schwartz, 2006).

A apresentação dos pares de valores de motivação similares e diferentes, como os exemplificados acima, abriu um novo leque de possibilidades para o entendimento das atitudes. Gouveia, Martinez e Milfont (2001) traduziram para o português e estabeleceram os pares de valores, tidos como compatíveis, por exemplo: poder-realização; realização - hedonismo, hedonismo - estimulação, estimulação-auto - direção, auto-direção - universalismo, universalismo - benevolência, benevolência - conformidade, conformidade - tradição, tradição - segurança, segurança - poder e segurança - conformidade. Esses autores também estabeleceram pares, nos quais os conflitos eram esperados: auto-direção - conformidade, auto-direção - tradição, auto-direção - segurança, estimulação - conformidade, estimulação - tradição, estimulação - segurança,

universalismo - poder, universalismo - realização, benevolência - realização, hedonismo - conformidade e hedonismo - tradição.

Com relação ao cruzamento de valores e atitudes ambientais, Karp (1996), em uma outra investigação, verificou que a “auto-transcendência” e a “abertura às mudanças” eram fortes preditores de atitudes pró-ambientais.

“Atitudes”

Outro aspecto importante são as atitudes, que são “a prontidão da *psique* para agir ou reagir numa certa direção” (JUNG, citado em CAMPBELL, 1986, p. 60). Ter certa atitude significa estar direcionado a priori, e em prontidão para algo ou alguma situação definida, presente ou não na consciência.

Campbell (1986) complementa falando que têm sido realizadas várias tentativas para mensurar as atitudes, no entanto, elas recebem muitas críticas, por medirem mais a opinião do que a atitude.

Do ponto de vista da temática ambiental, os estudos que abarcavam as atitudes ambientais evidenciavam o uso, sem distinção aparente, de várias denominações, as quais, às vezes, interligavam-se e, outras vezes, eram usadas como sinônimo.

Schultz *et al* (2004) apontaram como exemplos dessas denominações os conceitos de “consciência ambiental” (pessoas que possuem convicções afetivas/empáticas acerca dos problemas ambientais), de “atitude

ambiental” (pessoas que possuem suas próprias convicções afetivas ou empáticas, seus próprios valores, que têm intenções comportamentais, e que são firmes com relação às temáticas e às atividades ambientais) e de “*ecological worldview*” (aqui traduzido como visão ecológica de mundo, são aquelas que acreditam na relação harmônica entre as pessoas e a natureza).

Atualmente, as “atitudes ambientais” são sugeridas como “as percepções ou convicções relativas ao ambiente físico, inclusive fatores que afetam sua qualidade” (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2001, p. 89), e adjetivadas como favoráveis ou desfavoráveis em relação ao ambiente em si ou a um de seus problemas.

Para Coelho, Gouvêa e Milfont (2006) as atitudes ambientais podem estar relacionadas a experiências subjetivas e aprendidas, representando um repertório de crenças relacionadas ao ambiente.

Este estudo optou por utilizar as nomenclaturas e conceitos de atitude ambiental cunhados por Thompson e Barton (1994): “atitude ecocêntrica” e “atitude antropocêntrica”. Ambas são expressões positivas de atitudes a favor do ambiente, com o interesse de preservar os recursos, no entanto, a principal diferença entre elas é a razão que leva as pessoas a manter essas atitudes ambientalistas. “Os antropocentristas” têm uma visão utilitarista, defendem a preservação dos recursos naturais e da saúde do ecossistema, mas mantêm a atitude conservacionista e a suportam em função do conforto, do acúmulo de riqueza, da qualidade de vida e da sua saúde.

Já “os ecocentristas” vêem a natureza importante por si só, independente da economia ou do estilo de vida, possuem uma dimensão espiritual e valores intrínsecos, que refletem suas experiências na natureza e seus sentimentos sobre a composição harmônica dos ecossistemas. Eles concordam com os antropocentristas sobre a preservação ambiental direcionada à saúde e à qualidade de vida; mas discordam nas razões para se manter as atitudes pró-ambientais. Os ecocentristas não percebem o pró-ambientalismo como um valor, mas como uma dimensão que transcende habilidade, capacidade de gerenciar os recursos naturais e seus próprios desejos psicológicos. Seus conceitos fundamentam-se na colaboração e na manutenção das atitudes preservacionistas, mesmo que envolvam algum desconforto, inconveniência ou gastos que possam reduzir sua qualidade de vida material (THOMPSON e BARTON, 1994).

Reforçam essa conceituação Pinheiro *et al* (2005, p.01), ao afirmarem que: “enquanto o primeiro valoriza a natureza por seu valor intrínseco, o segundo leva em conta os benefícios materiais e vantagens, proporcionados pelo cuidado ambiental para os seres humanos”.

A distinção entre antropocentrismo e ecocentrismo não é nova. Essas duas atitudes são análogas aos pontos de vista filosóficos discutidos em Stokols (1990). Para este autor, os instrumentalistas se assemelham aos antropocentristas, já que o ambiente é uma forma de se atingir metas. Já os espiritualistas, se assemelham aos ecocentristas, por julgarem que o ambiente deve ser um contexto de desenvolvimento espiritual humano, com valores independentes de sua contribuição para se atingir metas humanas.

Thompson e Barton (1994) colocam na mesma categoria os ecocentristas e os espiritualistas, porque ambos julgam o ambiente, também, como um contexto moral e de enriquecimento espiritual.

Todos esses aspectos da atitude estão intrinsecamente ligados à forma de expressão e das intervenções geradas em relação ao ambiente, elementos que assessoram o comportamento pró-ambiental.

“Comportamento pró-ambiental”

Há um consenso entre diversos autores de que os valores e as atitudes correlacionam-se de forma significativa com o comportamento pró-ambiental (THOMPSON e BARTON, 1994; STERN e DIETZ, 1994; COELHO, GOUVÊA e MILFONT, 2006).

No entanto, Thompson e Barton (1994) alertam para o fato de que existe uma grande dificuldade em se manter regras conservacionistas, já que as pessoas não agem ou não se comportam de acordo com suas atitudes, gerando a dissonância cognitiva (atitude positiva e conduta negativa) expressa por Festinger (1975) e utilizada em estudos de diversas áreas, como na motricidade humana por Schwartz (1997), mas, que não será aprofundada neste momento, em virtude de se priorizar outros aspectos.

As atitudes são as crenças definidas com base nos valores, e o comportamento ou a conduta é a maneira como alguém ou algo age ou funciona,

termo geralmente aplicado referindo-se à conduta ou à ação de um indivíduo como unidade. Para Campbell (1986, p. 115), o comportamento está atuando em “resposta a algum estímulo ou impulso proveniente de um determinado órgão, mas é sua reação geral que dá origem ao conceito”.

Em relação ao ambiente, e como forma de articular valores, atitudes e comportamentos, Corral-Verdugo e Pinheiro (1999) adotaram o termo “comportamento pró-ambiental” (CPA).

O CPA pode ser dirigido por fatores externos e internos dos indivíduos. Os behavioristas destacam, dentre os fatores externos ao comportamento, os reforçadores, os castigos, os antecedentes e as conseqüências (reais e palpáveis) da conduta ambiental. Os cognitivistas mostram maior interesse nas variáveis internas, dentre elas, se a pessoa é politizada, religiosa, socialmente liberal, com “*locus* interno de controle”¹.

“Tipicamente uma investigação de CPA é realizada através de contextos verbais, colocando os sujeitos fora do cenário ambiental físico-químico que se deseja estudar” (CORRAL-VERDUGO e PINHEIRO, 1999, p. 08). Essas investigações utilizam vários métodos, sendo o auto-relato, por meio de questionários e entrevistas, o mais comum deles.

¹ *Locus* de controle pode ser definido como a expectativa generalizada de alguém em sua capacidade de controlar os acontecimentos (reforços) que seguem as suas ações, afetando suas expectativas de modo positivo ou negativo. Pode ser interno se o indivíduo percebe os resultados como conseqüência de suas próprias ações, e externo, se conseqüência de fatores externos. Assim, os indivíduos seriam internos se pensam que podem exercer razoável controle sobre o que lhes acontece; e externos se acreditam que esse controle independe deles, o que interfere em seu desempenho.

A desvantagem desta metodologia está profundamente ligada à mesma crítica feita à Teoria das Atitudes, pois, também para o comportamento pró-ambiental, falta a correspondência entre os valores verbais e os registros de comportamentos manifestos, apreendidos pelos pesquisadores ao observarem seus sujeitos após a realização dos auto-relatos. Na verdade, o CPA aponta apenas “desejos, crenças e convenções dos indivíduos” (CORRAL-VERDUGO e PINHEIRO, 1999, p. 14).

Uma outra forma de se estudar o assunto é por intermédio do uso de escalas. Dentro das citadas por Dunlap *et al* (2000); Schultz *et al* (2004) e Gabriel e Silva (2005) tem-se: a *New Environmental Paradigm Scale* (NEP) ou Escala do Novo Paradigma Ambiental (NPA na versão original e a versão revista com 15 itens); a *Environmental Motives Scale* (EMS); a *Inclusion of Nature in Self Scale* (INS); a *Implicit Association Test* (IAT); a *Value-Belief-Norm* (VBN), a *Inclusion of Other in Self* (IOS) e a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B original com 33 itens e sua versão revisada com 16 itens por Schultz e Zelezny, 1999).

Embora a maioria das escalas citadas não indique diretamente o comportamento ambiental, salientam uma seleção de atitudes possíveis de evidenciá-lo.

É importante ressaltar que, apesar de as denominações de atitudes indicadas em cada uma das escalas serem diferentes, seus conteúdos são bastante semelhantes, por exemplo, Stern e Dietz (1994), distinguem na VBN, na NEP, na EMS e na IAT três formas de atitudes básicas ambientais: egoísta

(indivíduos orientados por metas pessoais, como posição e ascensão social, sucesso e riqueza), biosférica (indivíduos que focam o bem-estar de todos e tentam um bem viver com todos os tipos de vida) e altruísta social (indivíduos com valores focados na amizade, na humanidade, nas outras pessoas, como a família e a comunidade).

Muitas investigações que interseccionam os valores e as atitudes ambientais têm sido realizadas, apresentando avanços com relação ao entendimento do comportamento pró-ambiental. As pesquisas de Schultz e Zelezny (1999) encontraram resultados que relacionam os tipos motivacionais de valores de Schwartz (2006) como preditores de atitudes ambientais.

Cortez, Milfont e Belo (2001), realizaram uma outra pesquisa sobre os significados psicológicos do lixo, utilizando redes semânticas naturais (na qual se utiliza uma palavra estímulo e palavras definidoras de contexto para uma posterior aglutinação e hierarquização) com os valores assinalados anteriormente. Nesse estudo, os resultados demonstraram que os mecanismos que levavam um sujeito a agir de maneira altruísta, resultavam em comportamentos pró-sociais, que objetivam o coletivismo. Ficou indicado, por esse estudo, que os tipos motivacionais: universalismo, ambientalismo e tradição predizem positivamente os comportamentos pró-ambientais; enquanto os tipos motivacionais: poder e hedonismo predizem negativamente o comportamento a favor do ambiente.

Mais posteriormente, em uma outra investigação sobre valores explicadores de atitudes ambientais e de intenção de comportamento pró-ambiental; Coelho, Gouveia e Milfont (2006), utilizando os dez tipos motivacionais

de Schwartz (2006), obtiveram como resultado que o tipo motivacional universalismo, o qual faz parte da categoria auto-transcendência, foi o que mais consistentemente explicou as atitudes ambientais ecocêntricas, enquanto os tipos motivacionais poder e tradição o fizeram negativamente. Já as atitudes antropocêntricas foram preditas positivamente pelos tipos motivacionais poder, tradição, conformidade e segurança, e negativamente por benevolência.

Paralelamente ao levantamento da literatura disponível sobre as quatro palavras-chave (corpo, ambiente, estados emocionais e comportamento pró-ambiental) já elencadas, foram coletadas informações sobre a atividade física na natureza selecionada para estudo e o contexto adequado à realização dos objetivos da pesquisa.

Priorizou-se pela escolha da caminhada de longa distância, uma atividade do âmbito de lazer acessível à maioria das pessoas, independentemente de suas condições econômicas ou preparo físico e que permite tempo e grau de imersão suficientes para que algum tipo de mudança de estado emocional, atitude ou, até mesmo, de comportamento dos participantes, pudesse ser manifestada externamente, durante a realização da mesma.

2. 4. As caminhadas

A “caminhada” vem passando por uma evolução conceitual, deixando de ser apenas uma mera forma de locomoção humana, como apontam Adas (1982) e Betrán (2003), ao se referirem às migrações dos homens primitivos a pé. Acompanhada de novas simbologias e outros conflitos, tornou-se, também, uma atividade física, dando origem a duas vertentes, tanto no âmbito esportivo, como no âmbito do lazer. São elas: o *trekking* e o *pedestrianismo (jogging)*.

O *Trekking* é conceituado como uma caminhada rústica de sobrevivência em cenário natural, bastante relacionado ao sentido de migrar (do verbo holandês “*trek*”) por opção cultural, social, religiosa, política. O que antes designava longas e difíceis caminhadas feitas pelos exploradores em direção ao interior dos continentes, em busca de conhecimentos, terras, escravos, especiarias, pedras preciosas, ou peregrinações religiosas, passou a configurar-se como prática esportiva, de competição ou de lazer. Ganhou equipamentos de orientação como bússolas, mapas e GPS e tornou-se conhecido, também, como *hiking* ou *backpacking*.

Praticado em grupos, o *trekking* estimula o espírito de companheirismo e a interação com a natureza, surgindo variações para a modalidade, como o *trekking* independente, o *trekking* organizado, o *trekking* assistido, o *trekking* de competição e o *trekking* de regularidade ou Enduro (por causa da importância das equipes passarem nos Postos de Controle - PC, dentro

dos tempos pré-estabelecidos), diferenciando-se dos *rallies* a pé, de regularidade e de velocidade, que são provas realizadas em equipes, em que diversos esportes são acrescentados durante o trajeto, como *rappel*, *rafting*, entre outros (BITTENCOURT e AMORIN, 2005). Existem no Brasil, atualmente, cerca de trinta entidades que organizam e promovem competições de *trekking*, dentre elas, as mais conhecidas são: A Liga Nacional de Enduro a Pé, a Confederação Brasileira de *Rallie* a Pé, Associação Brasileira de *Trekking* Desportivo e a Federação Paulista de Enduro a Pé e *Trekking*.

Diferentemente do pedestrianismo, que percorre caminhos mais urbanos, o roteiro do *trekking* envolve atravessar trilhas, subidas, descidas e alguns obstáculos naturais. Alguns desses pontos são chamados de “Neutralizados”, por permitirem aos participantes, tempo livre para descanso e lanches. Outros, intitulados de “Deslocamento”, são os locais onde se define o tempo para cobrir o trecho a seguir.

No Brasil, o termo *trekking*, foi introduzido por Ortiz (1996), significando caminhadas em trilhas naturais, em busca de lugares interessantes para se conhecer.

Complementando, Beni (1997) define o *trekking* como uma atividade desportiva e/ou recreativa alternativa, com características de turismo ecológico ou de aventura, desenvolvida individualmente ou em equipes, por grupos homogêneos e reduzidos, com intensa participação dos praticantes, realizada em ambientes silvestres ou selvagens, afastada das rotas tradicionais, apoiada por uma estrutura básica primária.

Por não exigir preparo específico e poder ser praticado por qualquer pessoa de diferentes faixas etárias, não oferecendo grandes riscos, o *trekking* é um dos esportes de convivência com a natureza dos mais acessíveis e que abarca grande parte dos pacotes de ecoturismo (BITTENCOURT e AMORIN, 2005).

Betrán (2003) classificou o *trekking* como uma atividade física de aventura na natureza (AFAN), de modalidade suave, por não provocar impactos ambientais importantes; de caráter ativo e passivo, pois o participante também contempla, discute, frui e observa a natureza; por levar em consideração o ambiente físico (no plano; nos meios ar e água, por exemplo, o *water trekking*; com certo grau de incerteza, que depende dos fenômenos meteorológicos e das condições de relevo), envolvendo as dimensões emocionais (suas condutas ascéticas; sensações que variam entre prazer e descanso, perspectiva de eliminação de riscos, por meio do uso dos recursos biotecnológicos); com possibilidade de variedade de práticas; com valorização ambiental (desde a preocupação quanto ao impacto ecológico, intensidade, duração da atividade, estação do ano, momento do dia, vulnerabilidade das espécies animais e vegetais da fauna da região onde está sendo realizada a atividade; comportamento ambiental dos participantes) e por permitir práticas em ambientes sociais variados, de individuais à colaboração e acompanhamento de equipes.

Colabora para o crescimento da modalidade como prática esportiva e de lazer a diversidade geográfica e climática brasileiras, e que, segundo

Bittencourt e Amorin (2005, p. 455), “embora sem registros oficiais”, as entidades representativas desse esporte estimam a ordem de 7.000 praticantes regulares.

As indústrias de equipamentos, acessórios, vestuário, suplementos/repositores e turismo que oferecem mochilas técnicas, capas de chuva ou ponchos, roupas *dry-fit* confeccionadas com os chamados “tecidos inteligentes” (com baixa retenção de umidade, peso mínimo, rápida secagem e costura de alta resistência), meias sem costura, com tecidos que evitam irritação e fricção nos pés, coturnos, tênis, polainas, alimentação de digestão rápida, além dos pacotes de viagem oferecidos pelas Operadoras de Turismo, representam um leque de opções de estilos e preços, o que faz com que essa indústria aproprie-se das necessidades e desejos do público praticante.

Beni (1997) levanta ainda a possibilidade de exploração dos componentes sensórios da paisagem natural e as formas de apreciá-los, transformando as sensações, percepções e emoções experimentadas em enredos. O conjunto bem sucedido de ações mercadológicas, visando ao atendimento desse público e de seus enredos psicológicos pode estimular potencialmente sua aderência à prática, o consumo de equipamentos e o retorno ao local ou a destinos semelhantes.

Vasconcellos (1998) ressalta que o *trekking* também pode ter uma função educativa, por permitir um caminho através dos espaços geográfico, histórico e cultural.

As caminhadas em trilhas, de caráter educativo, têm curta extensão, mas são planejadas para que, em um curto espaço de tempo, seja possível o conhecimento da fauna, flora, geologia, geografia, dos processos biológicos, das relações ecológicas, do meio ambiente e sua proteção, de forma bastante intensa.

A caminhada em trilha interpretativa é planejada para que os recursos naturais ali dispostos sejam traduzidos para os visitantes, com o propósito de que suas percepções sejam estimuladas e que, com isso, questionem, experimentem, sintam e descubram os vários sentidos e significados ao tema exposto (GHILLAUMON, 1977).

O pedestrianismo se faz presente ao longo da História. É de se supor que muitas pessoas, em grupo ou sós, desfrutaram do prazer de uma caminhada pelo campo, para contemplação, deleite dos sentidos, busca de tranquilidade e paz interior, podendo, até, fazer parte da tradição de algumas culturas. Os registros mais antigos disponíveis sobre esses passeios recreativos a pé, como prática sedimentada culturalmente, pertencem à Inglaterra do século XVIII. A caminhada bucólica foi um ritual particularmente apreciado pelas elites no período vitoriano e, ainda hoje, está entre os programas de fim de semana convencionais da família inglesa (TEIXEIRA *et al*, 2006). Na França, como em outros países da Europa, também foi um hábito bastante apreciado desde o século XIX.

No final do século XIX, as Corridas de Rua ganharam impulso, depois do grande sucesso da primeira Maratona Olímpica, popularizando-se, particularmente, nos Estados Unidos.

Na década de setenta, as pesquisas do médico norte-americano Kenneth Cooper e a difusão do "Teste de Cooper", foram responsáveis por um *jogging boom*, como também é chamado o pedestrianismo. Nos Estados Unidos e na Europa, a modalidade se massificou e o número de praticantes cresceu, fato que pode ser muito bem evidenciado até os dias de hoje, quando se tem atletas amadores e populares, largando em seus respectivos pelotões, junto com os corredores de elite nas competições de rua de todo o mundo (WEBRUN, 2006).

No Brasil, embora existam registros do pedestrianismo ou caminhada como esporte desde 1910 (SANTOS, 2005), sabe-se que aqui, ele é praticado desde datas bastante anteriores à assinalada. Essa modalidade consiste em realizar grandes marchas a pé (da caminhada à corrida), acima de dois quilômetros, de modo livre e assistemático, em caminhos e terrenos abertos, urbanos, que podem ser desde praças, logradouros públicos, estradas a rodovias.

Os passeios pedestres situam-se no limiar entre o desporto e o turismo, sendo que sua prática, ao mesmo tempo em que tem um caráter ativo: o caminho a percorrer, possui, também, um caráter passivo, no qual o praticante desfruta da natureza que o rodeia (contemplando, descansando, sem pressa de chegar ao fim). Na maior parte dos casos, as caminhadas não exigem grande aprendizagem nem técnicas especiais. Podem ser praticadas por pessoas em todas as faixas etárias. Não requerem equipamento sofisticado, material técnico,

conhecimentos prévios de cartografia ou orientação. No entanto, para determinados tipos de percursos, sugere-se a presença de um guia mais experiente e conhecedor do trajeto.

A distinção entre o pedestrianismo e outras atividades similares é que essa modalidade utiliza-se de marcas e códigos internacionalmente conhecidos e aceitos. Os percursos pedestres podem ser de grande rota (GR), com extensão superior a 30 Km e dois dias de jornada ou mais, sinalizados a branco e vermelho e de pequena rota (PR), com até um dia de jornada e não mais de 30 Km, sinalizados a amarelo e vermelho. Atualmente, a Federação Internacional das Associações de Atletismo (IAAF, 2004) define as Corridas de Rua como provas de pedestrianismo, disputadas em circuitos urbanos (ruas, avenidas, estradas), com distâncias oficiais variando de 5 Km a 100 Km. Devido à carência de infra-estruturas para sua prática, na maioria das vezes, o pedestrianismo pode ser guiado ou orientado.

O pedestrianismo tem algumas características bastante peculiares, tais como: ter como principal objetivo a conscientização de grupos e indivíduos da importância dos exercícios físicos para uma vida saudável, estar bastante ligado ao âmbito do lazer e da promoção comunitária; ter roteiros culturais, turísticos e ecológicos e, muitas vezes, ser um dos carros-chefe na promoção de eventos (SANTOS, 2005). O autor cita que a atual disseminação massificada do pedestrianismo/caminhada se deve à intensa promoção do “Movimento Cooper em prol dos exercícios aeróbios”, ao “Movimento Esporte para Todos”, ao “*Challenge Day*”, entre outros eventos temáticos de responsabilidade e inclusão

social, que envolveram a participação de um grande número de pessoas e grupos comunitários, com prévia adesão por escrito, apoiados por organizações não governamentais, poder público, com patrocínio de empresas locais e nacionais e mídia.

Com relação ao reconhecimento das romarias a pé como atividade física no âmbito do lazer, Santos (2005) ressalta que um dos exemplos bem peculiares de pedestrianismo é a caminhada religiosa.

As peregrinações, viagens por terras distantes em romaria a lugares santos (FERREIRA, 1986), são devoções milenares. Pessoas de todas as idades e classes sociais imitam os passos medievais, percorrendo antigos traçados, motivados por espírito cristão, outros por misticismo, alguns pela busca interior e outros de respostas rumo ao sagrado ou, ainda, como uma grande aventura.

Apesar da afirmação de Tabanez *et al* (1997, p. 89) acerca das “oportunidades de reflexão sobre valores, indispensáveis a mudanças comportamentais que estejam em equilíbrio com a conservação dos recursos naturais”, presentes tanto no *trekking* quando no pedestrianismo, as “caminhadas religiosas” evocam outros objetivos, até mesmo, arquivos afetivos, nem um pouco relacionados com os descritos anteriormente.

Para Beni (1997), os peregrinos são turistas potenciais, os quais, ao se deslocarem a centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças, utilizam-se de equipamentos e serviços com estrutura de gastos semelhantes a outros turistas. O autor ressalta que a variável permanência está intimamente

ligada ao tempo de duração das cerimônias, ritos, celebrações religiosas e, até mesmo, romarias, denominando-o como turismo religioso.

Richena (2005) e Nabo Filho (2005) admitem que são necessários: preparo físico anterior, equipamentos e *check-up* geral, antes de uma peregrinação religiosa com duração de vários dias, comparando as distâncias percorridas às estabelecidas em ultramaratonas.

O exemplo de caminhada religiosa mais antiga e lendária é o “Caminho de Santiago de Compostela” na Espanha, que viveu seu auge nos séculos XII e XIII, quando reis espanhóis chegaram a criar uma ordem de cavalaria para proteger a cidade e as trilhas.

Sua importância vai além da questão política e religiosa asseverada por Padovani (2004), que numa leitura mais sociológica, faz uma correspondência entre a origem do “Caminho de Santiago de Compostela” com a expulsão dos mouros na tentativa de reunificação da Espanha, enquanto nação católica. Sua relevância consolidou-se, na esfera das artes, economia e turismo, em 1993, quando a Rota de Santiago foi declarada Patrimônio da Humanidade por Decreto da UNESCO, por reunir em seu percurso de (700 a 800 km dependendo da ramificação), construções civis, militares e religiosas, acrescentadas através dos séculos, exemplo de vários estilos arquitetônicos. Percurso que atualmente, atrai uma média de 150 mil peregrinos e turistas por ano.

No Brasil, o maior exemplo de peregrinação está relacionado ao deslocamento realizado por fiéis em direção ao santuário localizado na cidade de Aparecida (SP). Denominadas por Santos (2005) como “Caminhadas a Aparecida”, existem desde o século XVI, sendo esse roteiro o mais difundido e antigo. Durante vários anos, homens e mulheres, muitas vezes sem preparação física adequada, sem equipamentos, alimentação ou água de boa qualidade e, até mesmo, sem trilhas traçadas, percorreram distâncias acima de 45 km por dia, quer com claridade ou com escuridão, para cumprir suas promessas, fazer pedidos e agradecer por graças recebidas.

Apesar desses percursos serem realizados a pé desde o final do século XVI, as peregrinações a Aparecida/SP só foram reconhecidas como “caminhadas” recentemente, sendo incluídas no Atlas do Esporte (SANTOS, 2005). São apontados como motivos para essa convalidação: a evolução do conceito de “caminhada”, seu reconhecimento como uma atividade física, não só do âmbito esportivo regular, mas, agora também, do contexto do lazer, aos processos de “turistificação” pelos quais passam atualmente algumas trilhas brasileiras e ao grande envolvimento das populações do entorno do santuário.

Enfocando a preparação de algumas trilhas para o lazer e para o turismo, tem-se que a trilha brasileira mais bem estruturada é a do “Caminho da Fé”, por isso optou-se por ela como cenário deste estudo.

2.5. Contextualizando a pesquisa

Gussow, um artista, notou que as pessoas são mais propensas a se identificarem com um **lugar** do que com o conceito mais geral de “meio ambiente”, e que elas se tornam ambientalmente preocupadas quando observam mudanças indesejáveis ocorrendo nesse lugar com o tempo (TANNER, 1978, p.51).

A partir da escolha do “Caminho da Fé” foram pesquisados dados sobre essa trilha específica em bases acadêmicas, nas quais não houve recuperação de resultados. Partiu-se assim, para a busca de informações em *sites* comerciais convencionais (CADÊ, GOOGLE, BUSCA UOL, entre outros), reportagens em jornais e revistas *on line* (pagos ou não), materiais publicitários, *merchandising*, *home pages* anunciando cidades, hotéis, operadoras, depoimentos de caminhantes, entre outros.

Em razão do volume de 5.169.367 arquivos, além de muitos desses arquivos terem sido contabilizados em vários dos *sites*, houve necessidade de uma seleção mais elaborada e o desenvolvimento de estratégias que permitissem recuperar material com conteúdo mais aprofundado, menos publicitário e mais acadêmico.

Por meio dessa busca, tomou-se contato com o evento *Adventure Sports Faire/2005* em que haveria um estande da trilha “Caminho da Fé”.

Foi realizada uma visita técnica ao estande nessa feira e, por intermédio de entrevistas pessoais com o Secretário de Turismo de Tambaú, o Sr.

Edílson Anastácio e o Sr. Luiz Carlos Marques, autor de livros sobre o “Caminho da Fé”, procurou-se conhecimentos que subsidiassem a futura ida a campo, minimizando alguns riscos e insucessos, e acrescentando informações relevantes sobre os equipamentos necessários, os melhores pontos de parada e as épocas mais prováveis de maior fluxo de peregrinos – férias (janeiro e julho).

O “Caminho da Fé”

Com base em todas as informações coletadas na escassa literatura e durante a visita à *Adventure Fair/2005*, pode-se inferir que o “Caminho da Fé” é um percurso misto de *trekking* e pedestrianismo recreativo (os espanhóis chamam de *senderismo*), que permite o deslocamento de peregrinos de diversos pontos dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, em direção ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição (a Aparecida do rio), padroeira do Brasil.

Em veiculações publicitárias está explicitado que o “Caminho da Fé” foi criado para dar estrutura às pessoas que sempre fizeram a peregrinação até o Santuário de Aparecida/SP, oferecendo-lhes os necessários pontos de apoio e orientação nas estradas vicinais de terra, trilhas por bosques, pastagens e asfalto, até a chegada ao pólo receptor.

O projeto idealizado pelo Sr. Almiro Grings contou com a adesão das prefeituras de dezenove cidades, envolvimento de dezenove paróquias, três dioceses católicas, Fundação Banco do Brasil, Telemig Celular, sindicatos (Sindicato Rural de Tambaú), *Jeep Club*, comércio de cada uma das localidades

(operadoras, empresas de eventos, farmácias, supermercados, pousadas, lanchonetes e hotéis), indústrias regionais (Cerâmica Cunha), organizações não governamentais (ONGs), como a SCORP - Sociedade Comunitária Renovação e Progresso, associações (Associação dos Amigos do “Caminho da Fé”; Associação Banco do Brasil de Ouro Fino), entre outros, e o percurso foi inaugurado em 11 de fevereiro de 2003, partindo da cidade de Águas da Prata/SP.

A administração do “Caminho da Fé”, inspirada no trajeto espanhol de Santiago de Compostela, preparou, juntamente com o consórcio, desde a criação do roteiro por trilhas e estradas rurais, à sinalização, manutenção e toda a organização de uma infra-estrutura receptiva, montada nos principais pontos de parada credenciados para acomodação e confirmação da passagem pelo local dos participantes.

Em junho de 2003 teve seu primeiro prolongamento, quando foi acrescentada a cidade de Tambaú/SP como marco zero do trajeto, em função dos milagres atribuídos à figura beata local de Pe. Donizetti e sua devoção à Nossa Senhora da Aparecida.

No início de 2005, o “Caminho da Fé” passou a ter divulgação internacional e sofreu algumas modificações.

Seu segundo prolongamento ocorreu em julho de 2006, com a inserção do trecho Mococa/SP (novo local de obtenção de credencial), São José do Rio Pardo/SP, São Sebastião da Gramma/SP a São Roque da Fartura/SP, já incluso originalmente no trajeto, continuando pelos trechos já previstos.

Em outubro de 2006, houve a exclusão do trecho Paraisópolis/MG à São Bento do Sapucaí/SP, Sapucaí Mirim/MG, Santo Antônio do Pinhal/SP à Pindamonhangaba/SP; por meio de decisão da Assembléia Geral da Associação dos Amigos do Caminho da Fé. Nesta mesma data, houve a alteração da rota com a inclusão do percurso saindo de Paraisópolis/MG passando por Brazópolis/MG, Distrito de Luminosa/MG, Distrito Campista/MG, Campos de Jordão/SP, Pindamonhangaba/SP, Roseira/SP chegando a Aparecida/SP.

Como o “Caminho da Fé” não é uma rota estática e pretende tornar-se um percurso em termos de distância, análogo ao “Caminho de Santiago de Compostela”, está previsto para março de 2007 um novo prolongamento da rota. É importante ressaltar que este estudo, realizado em 2006, acompanhou os participantes partindo de Tambaú, passando por Casa Branca, Vargem Grande do Sul, São Roque da fatura, Águas da Prata, Andradas, Inconfidentes, Borda da Mata, Tocos do Mogi, Estiva, Consolação, Paraisópolis, São Bento do Sapucaí, Sapucaí Mirim, Santo Antônio do Pinhal, Pindamonhangaba, Roseira até Aparecida.



Figura 04- Mapa do “Caminho da Fé” até março de 2006. Fonte: CAMINHO (2005b).

Ao refletir sobre o turismo religioso e os chamados caminhos da fé, Padovani (2004), assevera que eles são gerados a partir da satisfação de uma necessidade humana pela busca por milagres, ou lugares que tenham alguma referência com o sagrado. Esses locais se estruturam para receber os visitantes, muitas vezes com o auxílio da organização religiosa motivadora.

São atraídos para este tipo de atividade do âmbito do lazer, um público variado, desde peregrinos e turistas, até praticantes de atividades físicas na natureza, que percorrem os 425 Km do “Caminho da Fé”, a pé, a cavalo ou de bicicleta. Considerado um percurso de pedestrianismo, os participantes caminham de 20 a 30 km diários, o que leva, iniciando em Tambaú, entre 14 a 21 dias para se chegar a Aparecida.

O percurso é caracterizado como uma caminhada longa, de nível regular a médio, com possibilidades de contemplação de algumas porções do

bioma formado pela fauna e flora da Floresta Ombrófila da Mantiqueira e tem estreita relação com a lenda da imagem da Santa.

“A lenda da imagem de Nossa Sra. Aparecida”

O século XVIII foi marcado por grandes transformações históricas no mundo europeu: do iluminismo, queda do absolutismo monárquico, liberalismo econômico, proclamação de várias repúblicas, ao avanço das novas religiões emergentes, assim como, mudanças locais: Brasil das capitanias hereditárias; do ciclo do ouro, garimpo, bandeirantes e escravidão; das guerras ocasionadas pela posse das grandes jazidas (Emboabas) e das missões jesuíticas (BARBEIRO, 1977).

Mendes e Marcovicchio (1995) relatam, em vídeo, que a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida tem seu início em outubro de 1717. Três pescadores: Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso preparavam-se para abastecer com pescados a comitiva do 2º Conde de Assumar, D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, 3º governador da capitania de São Paulo, que visitava a região de Guaratinguetá. Ao lançarem as redes nas águas do Rio Paraíba, depois de várias tentativas sem sucesso, encontraram uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, enegrecida pelo lodo do rio e sem a sua cabeça. Lançaram novamente a rede e apanharam a cabeça da mesma imagem. Daí em diante, narraram as crônicas arquivadas na Cúria da Basílica atual, que os peixes

chegaram em abundância. A notícia do milagre da farta pescaria espalhou-se rapidamente e a comunidade do Vale do Paraíba começou a chamar a imagem de a “Aparecida”.

Durante 15 anos seguidos, a imagem ficou com a família de um dos pescadores. Foi construído um local de devoção em taipa de pilão, mas que não era reconhecido pela igreja católica. Lá se juntavam moradores da vizinhança para rezar o terço e cantar em louvor. Por volta de 1745, para abrigar a imagem da santa, foi construída a capela do Morro dos Coqueiros. Como esse local ficava no caminho de Itaguaçu, por onde passavam muitas caravanas, houve uma rápida expansão pelo culto a santa, iniciando as romarias propriamente ditas, formando-se uma vila ao redor da capela. Posteriormente, a imagem foi transferida para a igreja matriz ou Basílica velha, que teve a conclusão de suas obras em 1888.

Uma das concentrações mais importantes, nesse novo local ocorreu no dia 08 de setembro de 1904, quando foi realizada a festa de coroação da imagem por aprovação oficial da igreja, durante o pontificado do Papa Pio X. Nessa cerimônia foi doada, pela Princesa Isabel, uma riquíssima coroa de ouro 24 quilates e realizada a seguinte jura, registrada nos livros da Cúria da Basílica: *“aos vossos pés, nesse santuário, o Brasil lhes promete para sempre, trazer suas flores, acender seus filhos e cantar seus louvores”* (MENDES e MARCOVICCHIO, 1995).

A fama dos poderes extraordinários de Nossa Senhora foi se espalhando pelas regiões do Brasil e muitos templos foram construídos para

simbolizar a fé do povo e seu amor a Aparecida. Atualmente, existem, no Brasil, 332 paróquias dedicadas a Nossa Senhora Aparecida (SANTUÁRIO, 2005).

Em 1928, a vila chamada de Capela foi, finalmente, emancipada de Guaratinguetá. Em 1929, Nossa Senhora foi proclamada a “Rainha do Brasil” e sua padroeira oficial, por determinação do Papa Pio XI. A Basílica velha tornou-se pequena e a nova basílica começou a ser construída em 11 de novembro de 1955, apenas contando com os donativos de fiéis.

Em 1984, o Santuário foi concluído. Erguido numa área de 23.200 m², abrangendo uma área coberta de 19.000 m² e comportando uma lotação de, aproximadamente, 70 mil pessoas, exigiu 35 mil metros cúbicos de concreto e 15 milhões de tijolos. Durante a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB/2003), a basílica foi declarada oficialmente, como o "maior Santuário Mariano do mundo" (SANTUÁRIO, 2005), por sua magnitude, projeção, organização e pastoral.

Assim, pode-se referendar a imagem de Nossa Senhora da Conceição, como a protagonista principal, desencadeadora de todo o processo de desenvolvimento da cidade de Aparecida, ponto final do “Caminho da Fé”.

A imagem da santa associada à narrativa de milagres e a conseqüente devoção difundida pelas comunidades locais, com o posterior reconhecimento pelo catolicismo oficial, tem relação, guardadas as épocas, com os processos de conversão e ampliação do poder da igreja (SILVA, 2003).

Recuperando a Europa do século IV, que produzia imagens de culto por conta da associação a milagres, o que reforça a dimensão narrativa associada

à dimensão imagética, percebe-se que, as figurações devocionais continuam sendo produzidas até hoje, como o que ocorre nos(as) santos(as) populares.

Lopes (2003, p. 06) complementa:

Muitos dos santos canonizados pela Igreja e figurados na imagética religiosa nem chegaram a ser cultuados ou difundidos amplamente, enquanto outros se tornaram cultuados e aceitos institucionalmente a partir de um movimento iniciado desde a experiência popular. Esta distinção entre as imagens figuradas para uns e outros sugere que o clero tinha seu gosto e sua concepção da imagética religiosa, como também indica que o processo de evangelização dos segmentos populares estava assentado num projeto figurativo considerado apropriado à leitura de mundo dos mesmos. Por outro lado, sugere também que a materialização das concepções sagradas difundidas nas imagens religiosas figuradas ocorre *a posteriori*, ou seja, mesmo que as imagens sejam esboçadas a partir de referências populares, sua elaboração, propriamente dita, é realizada no topo da hierarquia religiosa e oferecida aos devotos. A incorporação da imagem pode levar anos, ou não acontecer ...

Amplia-se essa discussão, quando se analisam as características dessas figuras, suas histórias e simbolismos, articulados aos valores e costumes do povo brasileiro. No caso da Nossa Sra. Aparecida, existe uma aproximação da cor da imagem com a miscigenação étnica brasileira. A imagem da santa, que pesquisadores acreditam ter sido moldada em barro, em meados do século XVII, pelo monge beneditino Agostinho de Jesus, por ter ficado muito tempo em submersão, adquiriu um tom enegrecido, causado pela deposição de lodo do rio.



Figura 05- Imagem de N. Sra. Aparecida sorrindo (EXPEDITO, 2006, p. 15).

Outras características marcantes na imagem são seus lábios sorridentes, detalhe da arte missioneira desenvolvida pelos jesuítas e índios catequizados (HARRES, 1979), que conflituava com a modelagem sacra dogmática, apesar dos movimentos artísticos europeus clássicos da época (GOMBRICH, 1996). Esses elementos estão envolvidos na estruturação do imaginário e da realidade do “Caminho da Fé”.

“A organização e a estrutura do ‘Caminho da Fé’”

As modificações introduzidas em termos de discursos e práticas religiosas constituem-se em um esforço de tornar, a cada momento, o produto religioso oferecido mais eficiente (em termos de eficácia simbólica) no atendimento às necessidades religiosas dos fiéis (GUERRA, 2003). Corroboram com essa afirmação as recentes ondas de aparições de Nossa Senhora e de imagens de Nossa Senhora no país, o que comprova um forte apelo religioso, principalmente quando o evento é divulgado pelos meios de comunicação de massa.

No entanto, alerta Steil (1995, p. 546), esses eventos fazem parte de um “processo mais abrangente de ‘re-encantamento’, inscrevendo-se no limiar entre uma tradição católica de longa duração e uma nova corrente de espiritualidade que se afirma à margem da instituição”.

O planejamento de atividades de marketing do “Caminho da Fé” não foge a esse “re-encantamento”. A trilha vem se firmando, não só pelo estabelecimento de responsabilidades; objetivos e metas básicos, estratégias e recursos na promoção e efetivação do consórcio entre cidades, igreja católica, entidades públicas e privadas, mas, também, pelo seu consistente apelo, desencadeado pela figura de Nossa Senhora da Aparecida.

Outros dois projetos de trilhas de peregrinação não tiveram tanto sucesso, pois não reuniam tantos pontos fortes ou proposições estratégicas viáveis.

Supõe-se, para tanto, que, mesmo de maneira indireta, houve a utilização dos quatro princípios de persuasão de massa de Cartwright (citado em KOTLER, 1979, p. 834 e 835), de que a mensagem deve chegar aos sentidos das pessoas, deve ser aceita como uma parte de sua estrutura cognitiva, deve ser vista como um caminho ou meta e, que, deve haver um sistema motivacional e cognitivo apropriado para ativação do comportamento pela pessoa.

Ou, ainda, as sugestões de critérios-chave de Cobra (1983) para viabilização de marcas (sinais, símbolos, *design* ou uma combinação de tudo isso), dentre elas: compreensão sem margens de dúvidas; eufonia; expressividade, reconhecimento e memorização fáceis; associação à imagem do produto/serviço/atividade; eficácia na divulgação, sendo facilmente adaptável a qualquer mídia; desvinculação do tempo ou época; adaptabilidade; disponibilidade de uso e ausência de conotações negativas.

Nessa perspectiva, fazem parte de uma estratégia macro os seguintes critérios: a ampla divulgação, a associação fácil com a imagem de devoção nacional, a aceitação como parte de uma estrutura cognitiva do indivíduo, já que faz parte da cultura nacional e um sistema motivacional e cognitivo propício, que reúne estratégias implementadas no caminho por seus organizadores tais como a credencial do peregrino, a sinalização, informações para minimização dos riscos, atuação de operadoras de turismo em pequenos trechos e o estímulo às condutas pró-ambientais, divulgados através de folhetos e pela *Internet* (CAMINHO DA FÉ, 2005 a).

Essas estratégias de *marketing* ambiental (*marketing* verde ou ecológico) representam o esforço das organizações envolvidas, em abarcar e satisfazer a diversidade de expectativas e exigências dos participantes, objetivando gerar consumo, mas controlando o impacto ambiental ao longo do processo. Segundo os organizadores do “Caminho da Fé”, a idealização da rota visa, sobretudo, a promover o desenvolvimento sustentável, proporcionando o surgimento de novas modalidades de comércio e a geração de empregos.

Assim, procedeu-se à pesquisa exploratória levando-se em consideração as nuances apontadas pelo contexto do “Caminho da Fé”, bem como as especificidades do “corpo” pós-moderno (não treinado), regido por valores, atitudes e estados emocionais, em visita a natureza, e suas relações de interdependência com ambientes simultaneamente físicos e sociais, por meio de uma atividade física.

III. METODOLOGIA

Este estudo tem natureza quanti-qualitativa, pois envolveu um aprofundamento de investigação longo e intensivo, desenvolvido por meio de registros por escrito, realizados em ambiente natural, com detalhes de fatos apresentando interpretação e análise de dados; bem como, informações colhidas a partir de técnicas básicas de estatística (THOMAS, NELSON, 2002).

3.1. Objetivo

Compreender os estados emocionais presentes durante uma atividade física do âmbito do lazer, elegendo-se como foco a caminhada pelo “Caminho da Fé”, na perspectiva de internalização de valores e no desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente, capazes de fomentar o comportamento pró-ambiental.

3.2. Participantes

As pessoas precisam ser reunidas, precisam identificar-se com o ambiente natural se quisermos que elas reconheçam o seu valor inerente (TANNER, 1978, p. 60).

A pesquisa exploratória foi realizada no início do ano de 2006, com a amostra pesquisada *in loco* nos momentos das vivências na trilha. Podendo-se, com isso, captar os estados emocionais presentes durante a caminhada, na perspectiva de internalização de valores e no desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente capazes de fomentar o comportamento pró-ambiental.

Como acontece com as AFAN, pequenos grupos de praticantes, que não têm elos comuns de amizade, são formados na hora da prática. Essa possibilidade é ampliada por tratar-se, também, de uma espécie de ritual de passagem ou de romaria, que desperta empatia e certa camaradagem, tanto nas pessoas da trilha, como das comunidades presentes no caminho. A possibilidade de formar pequenos grupamentos é grande, além de ser recomendada pelos administradores do “Caminho da Fé”, em seus folhetos e *internet*, e pelo Departamento de Turismo em Tambaú e nas pousadas.

Esses grupamentos, formados nos pontos onde se pode obter a credencial e o “mapinha” do trajeto (Tambáú, Águas da Prata, Andradas e Ouro Fino), e outros, previamente constituídos por amigos e familiares, ou, ainda, as equipes geradas por afinidades durante as conversas nas paradas, compuseram os elementos da amostra, com os quais foram desenvolvidas as investigações. Nesta amostra, um dos sujeitos realizou o caminho sozinho, mas se dispôs totalmente a participar da pesquisa.



Figura 06- Grupamento na saída de Águas da Prata/SP. Fonte: LIMA (2006).

Com essa compreensão, foram selecionados, aleatoriamente, como participantes desse estudo, sete pessoas adultas (com faixa etária acima de 18 anos), de ambos os sexos, de perfil socioeconômico-cultural aleatório, adeptos às experiências vivenciadas em ambiente natural, quer seja como praticantes de atividades físicas na natureza (*bikers*, *trekkers* e *off-roads*), ou como turistas ou romeiros, e que, no momento dessa investigação, deslocavam-se a pé de um dos pontos onde pode ser obtida a credencial à Aparecida e que se dispuseram, voluntariamente, a participar desta etapa da pesquisa.

Especificando a unidade de amostragem, em princípio, existiam dez pessoas que responderam ao primeiro questionário; três responderam o primeiro e o segundo questionário, mas infelizmente, por motivos de acidentes/lesões e prazo para retorno das férias, abandonaram o percurso. Assim, apenas sete

peessoas completaram o percurso e responderam aos três questionários, caracterizando-se como os sujeitos dessa investigação.

Esse índice de desistência e as dificuldades de coleta do segundo questionário influíram negativamente na concretização da amostragem prevista para este estudo, assim como gerou desdobramentos que necessitaram de adaptações, principalmente em relação às análises estatísticas.

Em função do panorama apresentado, não foi escolhido qualquer método de amostragem e critério de seleção, pois durante todo o percurso houve a tentativa de se coletar dados de todos os sujeitos, de forma profunda, por meio do acompanhamento desses sujeitos pela pesquisadora, caminhando também.

Os indivíduos foram contatados no momento em que se informavam ou pegavam a credencial no quiosque do Departamento de Turismo em Tambaú, solicitando-se a anuência dos mesmos para a participação na pesquisa; bem como, foi apresentando o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO 01), e prestadas elucidações sobre os termos de divulgação dos resultados em reuniões científicas e artigos.

A amostra foi caracterizada por cinco homens e duas mulheres, de origem urbana, provenientes de cidades paulistas de médio e grande portes. Três participantes eram de São Paulo (10.927.985 hab/2005); dois de São Caetano do Sul (134.295 hab/2005), um era de Sorocaba (578.068 hab/2005) e o outro de São Carlos (218.702 hab/2005).

Com relação à faixa etária, dois participantes tinham entre “17 e 22”, dois tinham entre “45 e 50”, um tinha “37”, o outro “40” e o último “55” anos. Na amostra não havia participantes com faixa etária entre “23 e 32” ou “acima de 56” anos.

Os estados civis apresentados foram “casados formalmente” (quatro pessoas); “solteiros” (duas pessoas) e um dos participantes declarou-se “divorciado”.

Entre os participantes, quatro declararam possuir “terceiro grau completo”, dois mencionaram ter “terceiro grau incompleto” e apenas um apontou ter feito o “segundo grau completo”, demonstrando o alto nível de instrução formal dessa amostra.

Já a ocupação profissional apareceu da seguinte forma: dois sujeitos eram “Militares”, dois eram “Estudantes”, dois eram “Outros: empreendedores” e apenas um se declarou “Profissional liberal”.

3.3. “Conjunto de instrumentos” da coleta de dados

Foram utilizados três instrumentos para a coleta de dados: o Questionário Misto Trifásico (QMT), a Lista LEA-RI – Lista de Estados de Ânimo Revisada e Ilustrada (VOLP, 2000) e a Escala T & B (THOMPSON ; BARTON, 1994).

a) Questionário Misto Trifásico (QMT):

Para Thiollent (1994), o questionário não é suficiente em si mesmo para processar os dados adequadamente, há necessidade de uma discussão com função argumentativa, dando relevo e conteúdo social às interpretações.

Por esse motivo, optou-se pelo “Questionário Misto Trifásico” (QMT), como instrumento de captação de informações referentes às sensações e emoções vivenciadas durante a trilha, bem como, às atitudes, ações e valores relacionados ao comportamento pró-ambiental.

Richardson (1989) aponta que os questionários como formas de investigação conseguem descrever adequadamente características, beneficiando a análise a ser feita e medir determinadas variáveis de um grupo, permitindo observar as peculiaridades individuais e sociais.

Seltiz e Deutsch (1971, p. 265) afirmam que, na pesquisa social, “dá-se um grande peso à descrição verbal da pessoa, para obtenção de informação quanto aos estímulos ou experiências a que está exposta e para o conhecimento de seu comportamento”. No entanto, as pessoas podem usar essas descrições verbais como forma de ganhar simpatia, respeito ou prestígio, divertir ou espantar alguém; ou criar alguma forma de efeito social, já que muitas pessoas podem não desejar descrever abertamente seus sentimentos, crenças, motivações e planos, bem como podem não estar psicologicamente consciente deles.

Esses autores citam vantagens no uso e aplicação deste tipo de instrumento, já que os questionários asseguram certa uniformidade de uma

situação de mensuração para outra, através de frases padronizadas, ordem das perguntas, instruções para o registro de respostas. Uma outra vantagem é o fato de fazer menos pressão para a resposta imediata, pois a pessoa tem bastante tempo para preenchê-lo, podendo considerar cada aspecto cuidadosamente, em vez de responder com o primeiro pensamento que ocorre, sem a pressão social dos longos silêncios de uma entrevista.

O questionário usado nesta investigação combina perguntas abertas e fechadas, daí a denominação de “misto”. Richardson (1989) assevera que as perguntas fechadas destinam-se a informações sociodemográficas dos sujeitos, as perguntas abertas aprofundam as opiniões do pesquisado e a categoria “outros” ou “mista” (questão fechada, seguida do termo “especificar”), contribui para determinar, reformular e esclarecer as alternativas da pergunta fechada.

As vantagens das questões fechadas são relacionadas a sua facilidade em codificar, não demandando tempo, pois o entrevistado não precisa escrever, facilitando o preenchimento, quando o questionário é longo. As desvantagens são de, que nem sempre, a escolha de alternativas se ajusta à opinião do inquirido e, ao tratar-se de escala de atitudes, o pesquisado pode responder às primeiras alternativas de cada pergunta, “com o objetivo de terminar o mais cedo possível, sem verificar se se ajustam ou não à sua opinião” (RICHARDSON, 1989, p.148).

A grande vantagem das questões abertas é a possibilidade de liberdade do sujeito em expressar suas opiniões, entretanto, o volume de informações gerado pode dificultar a classificação e codificação das respostas,

bem como, cansar o pesquisado. Uma outra desvantagem está relacionada aos sujeitos que pertencem a classes sociais diferentes, como foi o caso dessa amostra (peregrinos, turistas, praticantes de atividades na natureza), bastante heterogênea.

A variação oscilou desde a faixa etária, gênero, condições socioeconômico-culturais, costumes e estágios de vida, até mesmo quanto à facilidade de escrever de uns sujeitos em comparação a outros, o que exigiu da pesquisadora, bastante familiarização com o contexto, além de adequar-se às diferenças.

Esse instrumento foi denominado “trifásico” porque sua aplicação se realizou em três fases da caminhada, durante a permanência dos participantes em locais de parada. Explicitam-se como razões para aplicação do questionário dessa forma (investigação inicial, durante e ao final da prática), as necessárias adaptações fisiológicas e psicológicas dos participantes, que acompanham as atividades dessa natureza.

Embora este estudo não aborde investigações sobre as adaptações metabólicas, fisiológicas e psicológicas dos participantes, em função da aleatoriedade da amostra e da despreocupação da pesquisa em evidenciar quais sujeitos são treinados fisicamente para a caminhada e quais a estão realizando simplesmente pela fé, há necessidade de se levar em consideração, de forma molar, que essas adaptações podem colaborar no desenvolvimento de um processo de estresse e de capacidade de resposta do sujeito, já que o cansaço e

a inadequação biofísica e psicológica podem afetar o rendimento em quaisquer atividades físicas (WEINBERG E GOULD, 2001).

É consenso entre autores de diversas áreas (Sociologia, Psicologia, Turismo, Fisiologia) que, tanto as adaptações como as aclimações, necessitam de um período de tempo para que ocorram, variando em função de altitude, temperatura, preparo físico, entre outros mecanismos de ajustes individuais (FIXX, 1977; CAMPBELL, 1986; KRIPPENDORF, 1989; McARDLE, KATCH e KATCH, 1996; BENI, 1997; MAGLISCHO, 1999; MACHADO, 2000; WEINBERG e GOULD, 2001).

No caso da Caminhada da Fé, os participantes estavam expostos a uma variação de altitude entre 1.550 metros (Serra do Pico do Gavião, região do ponto mais alto da Serra da Mantiqueira) e 542 metros (Aparecida/SP), o que envolve caminhar por aclives e declives. Durante todo o percurso (como acontece no trecho Tocos do Mogi a Bom Repouso, que tem uma variação de 1.050 metros de altitude, para 1.410 metros, numa distância de apenas 16 km), as alterações dos ritmos circadianos ficam por conta das mudanças de hábitos alimentares (horários e cardápios), hábitos excretores e hábitos quanto à vigília e o repouso, ou, ainda, à prática de uma atividade física, mesmo que num nível bastante moderado, mas num tempo prolongado.

Foram acompanhadas essas três fases sugeridas por Costa (1983): “fase de euforia, reorganização e aclimação” e o tempo de adaptação ao exercício, indicados por Willmore e Costill (1994), que previu a aplicação do

“Conjunto de instrumentos” no primeiro dia, entre o quarto e o sétimo e no último dia (ANEXOS: 02- p. 223-227; 03 –p. 228-231 e 04 – p. 232 - 235).

Para a formulação das questões pertinentes, foi elaborado, inicialmente, um instrumento piloto, para melhorar as ambigüidades de linguagem, o qual foi revisado por três especialistas com titulação de doutor, no sentido de se refletir se as questões atingiriam os objetivos propostos, se os dados recolhidos seriam necessários à pesquisa, se qualquer pessoa que o aplicasse obteria os mesmos resultados e se o vocabulário era acessível e significativamente claro (LAKATOS, 1985). De posse dessa análise, foi elaborado o instrumento definitivo.

O primeiro questionário foi um pouco mais longo, pois tinha um “Cabeçalho”, com questões gerais factuais sobre aspectos socio-demográficos dos sujeitos, respondido uma única vez, tendo uma forma de identificação cifrada para proteção da identidade dos participantes, já que o material todo da coleta de dados deveria ser aplicado três vezes para a mesma pessoa. As perguntas referentes a este “Cabeçalho” (p. 224) versavam sobre faixa etária, gênero, estado civil, ocupação, escolaridade, determinação do nível sociocultural e os motivos que levaram o participante a fazer o “Caminho da Fé”.

As outras perguntas eram bastante pontuais, relacionadas às sensações, emoções e valores desenvolvidos no trajeto. Questionavam como o participante imaginava que estivesse o trajeto da trilha; inqueriam sobre como ele pensava em realizar a caminhada (só ou acompanhado) nas três fases do trajeto; remetiam a uma reflexão sobre a seguinte afirmação: “Esta caminhada (pode

ajudar, está ajudando, ajudou) os participantes a pensarem na preservação do ambiente”? e finalmente perguntavam aos participantes se esperavam vencer alguns obstáculos ou dificuldades na caminhada.

Essas quatro questões foram repetidas nas outras duas fases do trajeto (p. 226, p. 230, p. 234), alterando-se, apenas, o tempo verbal, com o intuito de investigar as mudanças nos estados emocionais, nas formas de percepção do ambiente e na questão que envolve superação de dificuldades da caminhada.

É importante salientar as instruções gerais para aplicação do QMT. Como ele é composto por um “Conjunto de instrumentos”, a LEA-RI e a Escala T&B, cada um com uma forma específica de preenchimento, a pesquisadora teve que alertar os participantes sobre a necessidade de se assinalar todas as respostas, não deixando qualquer item sem preenchimento. O procedimento utilizado para a coleta do “Conjunto de instrumentos” foi previsto da seguinte forma: a pesquisadora entregou o impresso em cada fase aos pesquisados, individualmente ou reunidos em pequenos grupos nos pontos de parada. Após meia hora, a pesquisadora retornava, recolhendo o “Conjunto de instrumentos”. Os detalhes sobre o preenchimento do LEA-RI e da Escala T&B são os seguintes:

b) LEA-RI – Lista de Estados de Ânimo Reduzida e Ilustrada (Volp, 2000)

Hevner (1936) foi uma psicóloga americana que pesquisou, na década de trinta, a relação entre música e afeto, aplicando em suas pesquisas o que chamou de *Mood Wheel* (Roda de Humor).

Posteriormente, Hevner, a partir de suas pesquisas iniciais com a Roda de Humor, organizou um extenso catálogo de adjetivos, denominado de “Lista dos Estados de Ânimo” (LEA), instrumento que tinha como objetivo auxiliar a compreensão dos estados subjetivos momentâneos. É considerada uma das grandes precursoras no desenvolvimento desses estudos experimentais e até hoje encontra adeptos.

Paralelamente, no Brasil, Engelmann (1977), um outro pesquisador, realizou um estudo semântico sobre as emoções, em diversos idiomas, conseguindo chegar a 536 vocábulos tirados de dicionário.

Essa sistematização do termo “emoção” reforçou a impossibilidade de encontrar uma diferenciação precisa dos eventos emocionais. O autor, então, passou a realizar estudos dos estados subjetivos a partir dos relatos verbais e de outras características observáveis, como os produtos de movimento do organismo diretamente vistos (posturas corporais); as modificações do organismo, como a coloração da superfície do corpo; as alterações de natureza fisiológica e de natureza bioquímica, observadas por intermédio de instrumentos.

Após serem julgados e escolhidos pela familiaridade e grau de usos associados, esses estados subjetivos foram reduzidos em número para a criação

da LEP – Lista de estados de ânimo presentes, com quarenta locuções ladeadas por escalas de intensidade (ENGELMANN, 1986).

Colabora com a investigação de Engelmann (1978) o desenvolvimento da neuroanatomia, já que os estados de ânimo dependem das condições vegetativas do organismo, de modo especial relacionado às funções do timo, cujo centro encontra-se no diencefalo.

Para Cruz (1998), existe uma proximidade muito grande entre as definições de estado de ânimo, provenientes do diencefalo e das emoções, originadas e mediadas pelo hipotálamo; sendo que os estados de ânimo são sempre mais leves e prolongados, podendo se apresentar, também, como breves e intensos.

Antecipando-se a essas constatações, e acompanhando as pesquisas desenvolvidas pela psicóloga Hevner (1936) na década de trinta, Engelmann (1977), iniciou um vasto levantamento sobre as definições do termo emoção. Passou a realizar estudos dos estados subjetivos a partir dos relatos verbais, desenvolvendo a Lista dos “Estados de Ânimo”, a qual, segundo Cruz (1998), foi a primeira lista brasileira nessa especialidade, sendo bastante utilizada em estudos de alterações de estados subjetivos ligados à audição musical.

Estudando ambos os autores, Volp (2000) revisou e ilustrou o catálogo proposto por Hevner (1936), propondo a Lista de Estados de Ânimo Reduzida e Ilustrada (LEA – RI), um instrumento de resposta não verbal, tornando as listas anteriores mais sintéticas em relação ao número de questões e mais

“amistosas”, em função do uso de imagens, proporcionando uma facilitação na aplicação do instrumento.

No caso dos participantes do “Caminho da Fé”, o LEA-RI permitiu obter *in loco*, no momento da vivência, os estados de ânimo dos participantes presentes. A investigação dos estados emocionais foi realizada em três momentos, sendo incluído no corpo do questionário QMT (vide ANEXOS 02 – p.225; 03- p. 227 e 04, p. 233).

Após ouvir as instruções do aplicador, que apontou sobre a importância de se assinalar todas as “carinhas”, os pesquisados marcaram com uma caneta todas as imagens, atribuindo em cada uma, o nível que mais se aproximasse ao seu estado de ânimo: muito pouco, pouco, forte, muito forte, correlacionando os valores um a quatro para as respostas. A importância desses valores era demonstrar a intensidade de cada estado de ânimo indicado pelos indivíduos testados.

Após a aplicação, esses valores foram comparados e, de acordo com a alteração ou não, para mais ou para menos, outro código foi atribuído, para representar a comparação dos três momentos. Quando o valor aumentava da primeira para a terceira aplicação, era atribuído o código “+1”, quando os valores permaneciam iguais, foi atribuído o código “0” e, quando diminuía, era atribuído o código “-1”. Dessa forma, foi possível visualizar se houve mudanças e se essas foram para mais ou para menos.

c) “Escala de ecocentrismo e antropocentrismo de Thompson e Barton, 1994 (Escala T&B)”

A implementação de atitude e conduta ecológicas responsáveis, por meio da mediação realizada pela atividade física do âmbito do lazer, tem gerado diversas reflexões. Intermediado por essas práticas, a relação corpo-natureza passa a ser o próprio espaço ecológico de realizações, equilíbrio e prazeres (SCHWARTZ, 2000; SCHWARTZ *et al*, 2005).

Nessa direção, o comportamento pró-ambiental (CPA) vem sendo um dos objetos de maior interesse de estudos, tanto da Psicologia Ambiental, como de outras áreas, incluindo-se a Motricidade Humana. Entretanto, as investigações, normalmente, são realizadas por meio de auto-relatos (questionários e entrevistas) que redundam em dados imprecisos, agravados pela aplicação fora do contexto ambiental físico-químico que se deseja estudar (CORRAL-VERDUGO e PINHEIRO, 1999).

Os mesmos autores questionam a suposta universalidade do CPA, ressaltando que as concepções da relação seres humanos-natureza contrastam em duas visões: uma que concebe os seres humanos como parte integrante do meio e outra que os vê como senhores da natureza e alheios a ela (CORRAL-VERDUGO e PINHEIRO, 1999).

Nessa perspectiva, apesar de existirem muitas maneiras de predição de CPA, desde os relatos verbais às escalas (DUNLAP *et al*, 2000; CORRAL-VERDUGO e PINHEIRO, 1999), por recomendação de Pinheiro *et al* (2005)

escolheu-se a “Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B)”, idealizada por Thompson e Barton (1994).

Thompson e Barton (1994), ao analisarem as concepções e motivações no relacionamento entre seres humanos e natureza, investigaram a ocorrência de três comportamentos, que as pesquisadoras denominaram: “ecocentrismo”, “antropocentrismo” e “apatia ambiental”.

Para o indivíduo ecocêntrico, a natureza tem valor por si própria e merece proteção por seu valor intrínseco, em contraste com o indivíduo antropocêntrico, o qual percebe que o ambiente deve ser protegido em função da manutenção ou melhora da qualidade de vida dos seres humanos (THOMPSON e BARTON, 1994).

Apesar de o ecocentrismo e de o antropocentrismo expressarem valores positivos, as autoras alegaram que a diferenciação existente está, basicamente, em sua orientação e nas razões que fazem uma pessoa manter um comportamento pró-ambiental. Os indivíduos que não se posicionavam entre essas duas polaridades eram considerados como tendo comportamento apático ambiental.

Pinheiro *et al* (2005), que traduziu a Escala T&B para o português, reforça essa conceituação. Acompanhando essa linha de pensamento, essa pesquisa também adotou a Escala T&B, como indicativo de predisposições pró-ambientais dos participantes da caminhada, visando a identificar as dimensões ecocêntricas e antropocêntricas que compõem a conduta sustentável e o

correspondente vínculo das pessoas com o ambiente. A escala foi aplicada três vezes com o intuito de investigar se o comportamento pró-ambiental variou durante o percurso

A Escala T&B foi originalmente composta por trinta e três itens, distribuídos pelas três dimensões: “ecocentrismo”, com doze itens; “antropocentrismo”, com doze itens também; e “apatia ambiental”, com nove itens.

Nesta pesquisa, optou-se pela inserção da escala T&B dentro do mesmo impresso (denominado “Conjunto de instrumentos”) do questionário misto trifásico (QMT) e da lista de estados emocionais reduzida e ilustrada (LEA-RI), localizados nos Anexos 2 - p. 227, 3 – 231 e 4 – p. 235.

Após as instruções gerais da pesquisadora sobre o impresso “Conjunto de instrumentos”, em específico, para que fosse respondida a Escala T&B, ela reforçou o alerta sobre a necessidade de que “todas” as afirmações existentes na escala fossem preenchidas, ficando a cargo do participante marcar com um “X”, se concordava em vários níveis com as afirmativas propostas no texto da escala, composta de:

- 1- “discordo muito” a “não concordo de modo nenhum”;
- 2- “discordo” a “concordo um pouco”;
- 3- “indiferente” a “concordo moderadamente”;
- 4- “concordo” a “concordo bastante” e
- 5 - “concordo muito” a “concordo totalmente”.

3.4. Procedimentos para a coleta de dados

Como na pesquisa de campo foram aplicados três instrumentos, houve a necessidade de acomodar seu *design*, já que se tratava de um questionário associado a uma escala e um teste já validados e que, por esse motivo, não poderiam ser alterados em seus conteúdos. No entanto, a pesquisadora precisava atentar para alguns detalhes operacionais, como recompensar o respondente, demonstrando consideração, trocando informações, apoiando seus valores; reduzindo esforços de responder, fazendo com que a tarefa parecesse breve e agradável; eliminando a possibilidade de embaraços; estabelecendo confiança, identificando-se com uma instituição conhecida e legitimada; aproveitando outros relacionamentos de troca (GÜNTHER, 1999), como, por exemplo, informações sobre o trajeto, dicas de preparativos físicos, como alongamentos para o dia seguinte, etc. e tentando reduzir o tempo de aplicação dos instrumentos, sem que a qualidade das respostas fosse comprometida.

Seguindo a orientação de Richardson (1989, p. 150): “...toda entrevista não deve prolongar-se muito além de meia hora....Os questionários, que a pessoa responde por si mesma, não devem exigir mais que 30 minutos”, foi realizada uma simulação de preenchimento dos instrumentos com dois adultos, ambos os sexos, uma mulher com primeiro grau completo e um homem com

curso superior completo. Ambos demoraram, em média, 30 minutos na primeira aplicação.

Os instrumentos receberam um tratamento gráfico em seu *lay-out*; seguiram as recomendações para disposição das perguntas de Richardson (1989), para que, visualmente, ficassem o mais “amigável” possível; suas instruções foram adaptadas, de modo que de um tema, não se passasse, bruscamente, para o outro.

A LEA-RI e a Escala T&B não foram alteradas de maneira alguma, apenas foi feita uma acomodação das instruções, de forma a que as colocações obedecessem: a uma introdução, que não formulasse problemas (cabeçalho com itens socio-demográficos), estados de ânimo *in loco*, temas gerais, posteriormente questões mais complexas e emocionais e, por fim, perguntas que apresentassem grande facilidade de preenchimento. Essa estratégia, segundo Richardson (1989, p.154), proporciona uma “situação de comportabilidade, relaxando a tensão” ocasionada pelo preenchimento de um material tão extenso.

A dinâmica de interação entre os participantes e os instrumentos foi planejada com cuidado porque essa forma de investigação trifásica necessitava de que o participante respondesse, com precisão, boa vontade e fidedignidade, às perguntas, durante todas as fases, sem que a pesquisa lhe causasse algum tipo de estresse, irritação ou má vontade na participação do estudo.

Sendo assim, a lista LEA-RI foi colocada logo no início de cada aplicação do “Conjunto de instrumentos”, pela sua simpatia visual, pelo poder de

fixar atenção e rápida assimilação de mensagens obtidos quando se utilizam figuras.

Segundo os estudos de Farina (1982), sobre níveis de atenção em publicidade, a fixação e a assimilação estão diretamente relacionadas à simplicidade de imagem, sua precisão e o destaque dado ao fator que mais represente interesse (os estados de ânimo). Completa a motivação para preenchimento do teste, a facilidade de marcação (apenas um “X”) e pela tentativa de retratar a primeira percepção e emoção pós-vivência, ou consciência imediata.

O QMT foi inserido no meio do “Conjunto de instrumentos”, por carecer de tempo para preenchimento e necessitar de reflexão, e a Escala T&B foi posicionada ao final do impresso. As justificativas dessa decisão também se apoiaram na perspectiva de que o preenchimento dessa escala ao final colaborasse para que valores e atitudes relacionados ao ambiente pudessem se tornar conscientes.

O “Conjunto de instrumentos” teve sua primeira aplicação antes do início da caminhada – primeiro dia, etapa descrita por Costa (1983) como “fase de euforia”², período em que ocorrem importantes mudanças cardiorespiratórias, termo-reguladoras e psicológicas; causadas pela exigência de adaptação ao meio

² Em sua pesquisa, Costa (1983, p. 220) não considera apenas o fator altitude, mas também aspectos relacionados a viagem em si (mudanças referentes ao local de dormir, alimentação, hábitos excretórios), ao clima e as alterações de hora. “O primeiro dia é de euforia, seguindo-se dois dias de astenia e depressão; período em que ocorrem importantes mudanças cardiorespiratórias e termo-reguladoras; causadas pela adaptação ao meio. Nesses dois dias críticos, se conjugam todos os agentes estressores, para que no quarto dia inicie-se uma fase de reorganização orgânica”.

e às novas dinâmicas estabelecidas com o ambiente (tanto em nível social como no físico).

Do quarto dia em diante, inicia-se o período intermediário, entre o início e o término da atividade física, chamado por Costa (1983) de “fase de reorganização”, caracterizado pelo início do processo de aclimação, por evidenciar alterações dos mecanismos de homeostase (tendência de estabilização do meio interno do organismo ao ambiente). Neste estudo, em função das dificuldades em acompanhar os sujeitos, pois uns se deslocavam mais depressa do que os outros, a aplicação de um outro “Conjunto de instrumentos”, bastante similar ao primeiro, foi realizada entre o quarto e o sétimo dia.

Finalmente, a terceira fase de aplicação do “Conjunto de instrumentos”, foi feita no último dia de percurso dos sujeitos, em sua chegada ao destino.

O procedimento para coleta de dados dependeu muito do contexto de interação social que foi formado entre a pesquisadora e os participantes dessa pesquisa em especial, ou seja, do *background* cultural, do *background* do pesquisador, do contexto em que foi realizada a pesquisa e do *background* do respondente³.

³ O *background* cultural é o aceite por parte do pesquisado de ser indagado por um estranho sobre assuntos pessoais e seu nível de reticência e cortesia (querer ou não agradar o outro). O *background* do pesquisador tem a ver com sua imagem e afiliação organizacional, organização cultural e social, relevância do assunto para o respondente. O contexto da pesquisa está relacionado ao local onde a pesquisa estará sendo conduzida, a relevância, a sensibilidade a temática por parte do pesquisado, relevância cultural e desejabilidade de reflexão sobre o tema. E, por fim, o *background* do respondente, relacionado à fidedignidade da resposta, a opinião do respondente e não à opinião dos outros ou do aceito socialmente (GÜNTHER, 1999).

É importante ressaltar que, entre as pessoas que estavam realizando o percurso “Caminho da Fé” no momento da pesquisa, independentemente de suas condições diferenciadas físicas, socioeconômicas e etárias, existia um ponto em comum: todos estavam buscando algo, ou, pelo menos, momentos propícios para reflexão sobre suas vidas. É conveniente destacar que os participantes estavam bastante propícios a discutir sobre esse assunto, refletindo na facilidade com que aceitaram participar da pesquisa e que mantiveram sua participação preenchendo os longos “Conjuntos de instrumentos”, realizados três vezes. Günther (1999) chama isso de “desejabilidade” do tema, o que está diretamente ligado ao resultado final da participação da amostra.

O procedimento iniciou-se com a fixação, por dois dias, da pesquisadora em Tambaú/SP, oficialmente, o marco inicial do “Caminho da Fé”; instalada no “Hotel/pousada Tarzan” a 100 metros do Museu “Casa do Padre Donizette”; “Basílica da Igreja Matriz”, onde ocorrem as peregrinações de finais de semana e do “Centro de Informações ao Turista da Secretaria de Esportes e Turismo da Prefeitura Municipal” da cidade.

Nesse local, os participantes se informavam sobre a trilha e obtinham a credencial, as lembranças e o cajado, que os acompanharia ao longo do percurso, ou aguardavam outros possíveis peregrinos para começarem juntos a realização da jornada.

A pesquisadora, auxiliada pelo proprietário do Hotel “Tarzan” e com o suporte dado pelos funcionários da Secretaria de Turismo, procurou se informar

acerca da passagem de peregrinos que haviam começado a fazer o percurso pelos dias da pesquisa, assim como fez um plantão no local, esperando possíveis participantes para comporem a amostra.

Após a coleta do primeiro “Conjunto de instrumentos” com três sujeitos em Tambaú/SP, a pesquisadora engajou-se neste agrupamento de viagem, no início da trilha, pretendendo ficar imersa na pesquisa, ainda que não se utilizasse neste estudo, do Método Etnográfico ou de Pesquisa Participante.

Essa estratégia visava a tentar compreender melhor o ponto de vista dos participantes, como eles percebiam seus próprios envolvimento e limites com a vivência da caminhada e, portanto, com o ambiente e suas conseqüências, tanto no plano individual quanto coletivo.

Uma das condições para fluir o estudo foi o bom relacionamento entre pesquisadora e a amostra de participantes, fundamentado no respeito e na necessária habilidade de ouvir e de se comunicar. Como a amostra foi composta por pessoas de nível socioeconômico-cultural aleatório, acreditava-se na necessidade de a pesquisadora se preparar com informações sobre vários temas relacionados ao percurso, além do preparo físico e de equipamento adequado, além de levar um acompanhante para auxiliar na coleta do material e no transporte dos equipamentos.

Os demais participantes foram coletados em outros pontos de obtenção de credencial, de onde saem peregrinos também. Em Águas da Prata/SP, engajaram-se na pesquisa cinco pessoas e em Andradas/MG, mais um

participante. Apesar de não ser ponto de obtenção de credencial, um último sujeito, que já vinha fazendo o percurso em etapas (isto é, a cada período de suas férias ele fazia duas ou três cidades por ano, faltando apenas o trecho final), iniciou sua participação na coleta de dados em Consolação/MG.

Na primeira fase de aplicação do “Conjunto de instrumentos” houve a desistência, por motivo de queda, pois a pessoa se acidentou ao descer o morro escorregadio, entre o trecho Pico do Gavião a Andradas, ambos em Minas Gerais.

A coleta do primeiro “Conjunto de instrumentos” foi mais fácil, porque, como a pesquisa ocorreu nas férias de início do ano, época mais provável de existência de peregrinos no caminho, à medida que a pesquisadora se deslocava pelos pontos de obtenção de credencial, havia sempre, pelo menos, um participante iniciando o percurso.

O problema maior era com relação à obtenção da segunda coleta, por não ter sido formado um grupamento único de participantes, que iniciaram, percorreram e chegaram até o final juntos, em Aparecida/SP.

Como a amostra era aleatória, os participantes se conheceram durante o trajeto e as diferenças eram visíveis com relação à faixa etária, ao ritmo de passada, ao condicionamento físico, ao volume de bagagem, ao processo individual de cicatrização de bolhas e à forma de lidar com a dor e o desconforto entre outras reações biofísicas e psicológicas, ao planejamento do percurso diário, às metas de chegada estabelecidas para o dia, à quantidade de

quilômetros que se agüentava realizar sob o sol, à própria programação de férias individuais; enfim, fatores que acabaram influenciando na velocidade dos deslocamentos; sem contar os imprevistos como a virose que acometeu quatro dos participantes e a pesquisadora, resultado de contaminação de água.

Para a coleta do segundo “Conjunto de instrumentos”, a pesquisadora usou de alguns artifícios. Por exemplo, como dois dos participantes que saíram de Tambaú/SP, andavam muito rápido, houve a necessidade de a pesquisadora, pegar um ônibus intermunicipal, para alcançá-los na parada de descanso combinada previamente, economizando um dia de caminhada.

No trecho São Roque da Fartura a Águas da Prata, ambos em SP, a pesquisadora pegou uma carona com um dono de Pousada Cachoeira, com o intuito de, ao invés de gastar um dia caminhando, utilizá-lo dando plantão no ponto de credencial, localizado na Casa do Peregrino em Águas da Prata, na tentativa de aumentar o número de sujeitos da amostra.

Entre Andradas e Ouro Fino, ambos em Minas Gerais, a pesquisadora, por conta da virose que a acometeu, perdeu dois dias do trajeto, o que a levou a utilizar um táxi para realização desse percurso. Caso não fizesse isso, perderia o período de aplicação do segundo “Conjunto de instrumentos”, com os sujeitos iniciais, os que saíram de Tambaú/SP.



Figuras 07 e 08- Segunda aplicação do “Conjunto de instrumentos” com os participantes.
Fonte: LIMA, 2006.

Entre Consolação/MG e Roseira/SP, a pesquisadora foi auxiliada por um familiar de um dos participantes, que a transportou de carro, até os dois sujeitos que estavam no ponto de parada em Sapucaí Mirim/MG, e no dia seguinte, até um outro sujeito em Santo Antônio do Pinhal/SP, economizando cinco dias de trajeto a pé.

Na medida em que o estudo foi sendo realizado, foram gerados muitos papéis desnecessários de serem mantidos na mochila, alguns equipamentos se tornaram supérfluos e o peso carregado, que não deveria ultrapassar cinco quilos, por uma questão de comodidade/esforço/velocidade, tornou-se um fardo. Somado a imprevisibilidade meteorológica e com receio de que os dados, fotos e filmes pudessem sofrer algum acidente, houve a necessidade de que, em uma das paradas, esses materiais fossem postados pelo correio, via sedex, para a cidade de residência da pesquisadora.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foram levantadas grandes quantidades de informações, acompanhou-se as sugestões de Alves-Mazzotti (1998, p.170) em: “decidir o que interessa primordialmente”. O foco principal foi a compreensão dos estados emocionais presentes durante a caminhada, na perspectiva de internalização de valores e no desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente, capazes de fomentar o comportamento pró-ambiental.

O “Conjunto de instrumentos” foi analisado da seguinte forma: a Lista LEA-RI e a Escala T&B foram feitas por meio de estatística obtida com a “Análise de Componentes Principais”. Já o Questionário Misto Trifásico (QMT) foi analisado de forma descritiva, por meio da utilização da técnica de “Análise de Conteúdo Temático”.

A estratégia de utilizar vários instrumentos para a coleta de dados é um procedimento que aumenta a confiabilidade do estudo. Concordam Thomas e Nelson (2002), ao afirmarem que a triangulação de fontes fornece um bom meio pelo qual os pesquisadores qualitativos testam suas interpretações.

Patton (1990) amplia a discussão ao sugerir dois tipos de triangulação básica: o primeiro é checando a consistência das descobertas

geradas por diferentes métodos de coleta, como é o caso desse estudo (QMT, LEA-RI e Escala T&B), enquanto o segundo tipo relaciona-se a investigação da consistência das diversas fontes dentro de um mesmo método.

Nesse estudo, houve a “triangulação de fontes” e a “triangulação investigadora”, assim denominadas por Thomas e Nelson, (1990, p. 330), porque se pretendeu, com as listas LEA-RI e com as Escalas T&B, comparar os dados coletados por intermédio do QMT, com o intuito de, através do uso de vários instrumentos e fontes de coleta, aumentar a fidedignidade do estudo.

Apesar das dificuldades apresentadas pelo uso dessa metodologia trifásica, ao se comparar com investigações que se utilizam da aplicação de um questionário único; a quantidade e a qualidade das informações obtidas e principalmente a possibilidade de investigar um processo, compensou todos os esforços, o que poderá ser observado a partir da análise separada dos instrumentos, assim como, na discussão dos dados obtidos, feitas a seguir.

a) Questionário Misto Trifásico(QMT):

As questões factuais sobre aspectos sociodemográficos e a emissão de opiniões sobre as expectativas, o trajeto, o grupamento de viagem adotado para realização da atividade física, a reflexão sobre a percepção do ambiente do caminho e as formas que encontraram de se superar fizeram parte da investigação realizada por meio deste instrumento, o QMT.

Para examinar os dados obtidos, optou-se pela “Análise de Conteúdo Temático”, a qual, para Sellitz e Deutsch (1971), é uma técnica que se desenvolveu, sobretudo, a partir da progressão dos recursos dos meios de comunicação de massa.

Bardin (1977, p. 38) a define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens”.

O mesmo autor ainda destaca que, o fundamento da especificidade desse método é a articulação entre a superfície dos textos, simples interpretação da mensagem dos sujeitos com os fatores que determinaram essas respostas deduzidas logicamente, procurando se estabelecer uma correspondência entre as estruturas semânticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas.

Para Richardson (1989), um outro autor ligado às Ciências Sociais, a “Análise de Conteúdo Temático” visa a obter:

...através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (RICHARDSON, 1989, p. 176).

Vários autores concordam que essa forma de análise deve ser feita sob alguns controles, para torná-la sistemática e objetiva (SELLTIZ E DEUTSCH, 1971; RICHARDSON, 1989). Nessa perspectiva, as categorias usadas devem se apresentar claras e explicitamente definidas; o analista não pode selecionar e descrever apenas o que lhe parece interessante, mas precisa classificar metodologicamente todo o material levantado significativo da amostra, não descartando a possibilidade de se usar algum processo quantitativo para se conseguir uma medida da importância e da acentuação no material.

A análise de várias e diferentes unidades é um consenso entre esses autores quanto ao processo de amostragem. Thiollent (1985) decompõe as mensagens resgatadas do estudo de campo, em unidades de significação, classificadas por meio de um sistema de categorias definidas.

Os estudiosos Selltiz e Deutsch (1971), utilizaram além da amostragem por unidades, a amostragem por fontes (jornais, rádios, filmes) e datas (período que deve ser abrangido o estudo).

Bardin (1977, p.106) recomenda uma pré-análise, objetivando descobrir os “núcleos de sentido”, que devem ser catalisados em uma unidade de significação: “o tema”. Posteriormente, o tema passará a ter a função de unidade

de registro da resposta, servindo para “estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.”

Com base na frequência das respostas obtidas foi feita uma categorização em duas etapas: a primeira, por meio de um inventário e a segunda, por meio de uma classificação. A partir do tratamento dos resultados dessa classificação, foram realizadas inferências e interpretações.

No caso desse estudo, os dados resultantes da “Análise de Conteúdo Temático” foram apresentados de maneira percentual, sob a forma de “figuras” (ao se tratar do “Cabeçalho”) e de “tabelas” (ao se tratar das opiniões nas coletas “antes”, “durante” e “depois da caminhada”), feitas apenas para ilustrar, já que as generalizações devem ficar por conta do leitor.

4.1. Análise do Questionário

As perguntas do questionário versavam sobre os motivos que levaram os participantes a realizarem o “Caminho da Fé”, além de questões sobre o trajeto da trilha; sobre o grupamento utilizado para realização do percurso; sobre a reflexão da caminhada como colaboradora na preservação do ambiental e sobre os obstáculos e dificuldades, conforme os anexos 2, 3 e 4 (p.226, p.230, p, 234).

Ainda que a Lista de Estados de ânimo (LEA-RI) tenha sido colocada entre as questões a) ***“Qual(is) o(s) motivo(s) que o levou(ram) a escolher esta trilha CAMINHO DA FÉ”*** e 2) ***“Como imagina que (esteja, está, estava) o trajeto da trilha?”*** no conjunto de instrumentos, conforme os anexos citados no intuito de facilitar a coleta, no procedimento de análise os instrumentos serão tomados individualmente, isto é, o questionário será analisado como o primeiro instrumento em sua forma total, seguido pela LEA-RI e pela Escala T&B.

Vale ressaltar que em função da amostra (n) ter sido composta por sete sujeitos, optou-se por mostrar em todas as tabelas, o número de respostas dos participantes em uma coluna e na outra a representação em percentagem.

Adentrando especificamente as questões tem-se que:

a) MOTIVOS:

Respondendo à pergunta fechada: ***“Qual(is) o(s) motivo(s) que o levou(ram) a escolher esta trilha CAMINHO DA FÉ”***, os participantes preencheram uma tabela com “X”, contendo diversas opções que permitiam que os sujeitos apontassem mais de uma alternativa.

Tabela 01- *Qual(is) o(s) motivo(s) que o levou(ram) a escolher esta trilha CAMINHO DA FÉ*

MOTIVOS n = 7 participantes	N° de respostas	%
Pagamento de promessa	2	5,13
Testar limites físicos	3	7,69
Rever valores e buscar nova consciência	6	15,39
Buscar novos conhecimentos, experimentar novas sensações e emoções	5	12,82
Lazer e divertimento	2	5,13
Contato com a cultura das comunidades que fazem parte do caminho	5	12,82
Convite de amigos	1	2,56
Outros: reflexão, meditação e oração	1	2,56
Contato com a natureza	6	15,39
Contato com grupamentos sociais diferenciados: peregrinos, caminhanteres, turistas	3	7,69
Aventura	5	12,82
TOTAL	39	100

Os motivos assinalados neste estudo de campo são bastante semelhantes aos existentes no *site* do “Caminho da Fé”, dentre os citados: reflexão, fé, superação física e psicológica através do exercício da caminhada, simplicidade, despojamento, integração com as comunidades, com outros peregrinos e com a natureza e contribuição para o desenvolvimento econômico e social do percurso de forma sustentável (CAMINHO DA FÉ, 2005a).

Fundamentando-se em Venditti Júnior e Winterstein (2005), pode-se dizer que esses diversos motivos se relacionam com um conjunto de necessidades, ou ainda, de intenções, que podem justificar a ação em mover ou caminhar para uma determinada meta.

Para Winterstein (1992), os motivos são constructos hipotéticos, não observáveis diretamente, criados pelas pessoas para explicar suas ações. São, ainda, disposições relativamente estáveis, que podem revelar alguns perfis e

características de personalidade, com a função de explicar comportamentos direcionados a um objetivo.

Nesse sentido, analisando os dados dessa pergunta, observou-se que os indivíduos tinham vários motivos (de impulsos, necessidades, crenças, valores, medos, objetivos, pressão social, autoconfiança, interesses, curiosidades, incentivos, expectativas, entre outros) para se envolverem com o “Caminho da Fé”.

Analisando-os separadamente, os principais motivos de atração para a atividade, foram o “contato com a natureza”, e o “rever valores e buscar nova consciência” com 15,39% das respostas. Em relação ao percentual que se refere ao “contato com a natureza”, essa resposta não representa um dado novo, mas um resultado histórico já esperado, pois, desde o século XVIII, as idéias de valorização do mundo natural selvagem (*wilderness*) já existiam; baseadas na nostalgia da natureza intocada, das paisagens naturais e da natureza de forma geral como um bem desejado e valorizado pela sociedade, motivo pictórico e literário amplamente registrado na época (LOUREIRO, 2000).

No século XIX, em sintonia com o romantismo, as chamadas *novas sensibilidades*, fundamentavam o sentimento estético em torno do que é “natural”, selvagem e não cultivado (não submetido à ordem e à intervenção humana e moral) e o valor moral do que é bom, belo e verdadeiro. Relevante assinalar que as *novas sensibilidades* não se restringiam a um comportamento individual ou a um ideário de um grupo específico, mas foi generalizada em termos de valor socialmente aceito, num conjunto mais amplo da sociedade.

Esses preceitos constituíram uma transformação cultural importante, de longa duração, que chega aos dias de hoje como uma das raízes histórico-culturais do ambientalismo contemporâneo (LOUREIRO, 2000).

Essa alteração de valores sociais: de natural socialmente aceito, para o tecnológico/artificial socialmente desejado dos dias contemporâneos; resulta em uma ampla reflexão sobre exclusão e inclusão relacionada ao dilema ecológico (desenvolvimento *versus* conservação), que não será abarcada, pois não faz parte do objetivo principal deste estudo.

Do ponto de vista da Psicologia Ambiental, esse dado também era esperado, já que o fenômeno humano de necessidade de reencontro com a natureza, assim como, os fatores que influenciavam as conexões das pessoas com o ambiente natural e construído vem sendo pesquisado há mais de trinta anos (SCHULTZ *et al*, 2004).

Quanto à “revisão de valores e busca de nova consciência” (15,39 %) é consenso entre vários autores (OLIVEIRA, 2000; MARINHO, 2001; SCHWARTZ, 2002, 2005; BRUHNS, 2003; SILVA, 2004) que as atividades físicas em ambiente natural, cada vez mais, representam um modo de vida, muitas vezes idealizado. Embora simples, é bastante valorizado e com ele a possibilidade de retorno positivo da imagem da liberdade, das vivências corporais e psicomotoras do "participar", do "incluir", do "confiar". Isso reforça os laços de cooperação e solidariedade e enriquecendo seus praticantes com ligações vivas e afetivas com o ambiente e com o mundo social colaborando na revisão de valores e na busca de nova consciência.

Ao preconizar que atividades como caminhar, acampar e pescar sofreram alterações pela “sofisticação” em conteúdo e forma. Bétran (2003) assinala, por meio do concreto (o desenvolvimento e incorporação de subsídios técnicos, materiais, ferramentas e equipamentos mais adequados e maior exigência quanto à infra-estrutura física e logística), a ânsia que o grupo que busca as atividades físicas na natureza tem por modificar suas preferências receptivas, resgatar seu corpo hedônico, estar aberto a novas possibilidades de autoconhecimento e (se) permitir a promoção de diferentes formas de vivências motoras alternativas⁴ com o monitoramento de profissionais da área de turismo, lazer e atividades físicas.

Com 12,82% cada, foram referendados motivos relacionados à “busca de novos conhecimentos”, “contato com a cultura das comunidades” e a “atração pela aventura”.

Aglutinou-se no termo “desenvolvimento pessoal”, as duas afirmações “busca de conhecimento” e “contato com as comunidades”, porque ambas remetem à definição de lazer sugerida por Marcellino (2003). Para o autor, o lazer é voltado para experiências autogeradas e vivenciadas por livre opção, dentro de um “tempo disponível”, podendo ser sintetizado em três grandes temas: descanso, divertimento e desenvolvimento. O desenvolvimento pode ser pessoal e em vários conteúdos. Dentre eles, têm-se os conteúdos artísticos, físico-

⁴ Essas idéias referentes à motricidade são compartilhadas por Schmidt e Wrisberg (2001), ao tratarem da importância da solicitação de ajustes corporais às práticas randômicas e na aquisição de habilidades abertas, executadas em ambientes imprevisíveis, as quais necessitam de adaptações constantes em resposta às propriedades dinâmicas do meio.

esportivos, manuais, intelectuais e sociais, propostos inicialmente por Dumazedier (1980); complementados por Camargo (1989, 1998) com o conteúdo turístico e implementados, mais recentemente, por Schwartz (2003), com os conteúdos virtuais.

Por este viés, o “Caminho da Fé” possibilita o desenvolvimento dos vários conteúdos do lazer, em função de seu conjunto de atrativos culturais e históricos, como as fazendas restauradas da primeira metade do século XIX, as ruínas de vilarejos que despontaram na época do auge da cultura cafeeira; os calendários de festejos e comemorações folclóricas, a gastronomia, o artesanato e a cultura local (MARQUES SILVA, 2004, 2005); que foram percebidos pelos sujeitos da amostra.

Krippendorf (1989) relacionando o turismo alternativo com o desenvolvimento pessoal, traz à tona os aprendizados obtidos por meio da renúncia à maioria das infra-estruturas turísticas normais, assim como alojar-se de acordo com os hábitos locais, estabelecer contato com os autóctones e utilizar meios de transporte coletivos, procurando “ao invés do conforto, a aventura, o esforço físico, os calafrios, o espírito de grupo e o companheirismo” (KRIPPENDORF, 1989, p. 81)

Estimulados e motivados, esse público está aberto a novas possibilidades de conhecimento e de autoconhecimento, permitindo a promoção de diferentes formas de vivências motoras alternativas, desde que o risco/benefício seja uma equação controlada.

No mesmo patamar de 12,82% encontrou-se a atração pela aventura como um dos motivos para a caminhada. Embora, no “Caminho da Fé”, o risco de acidentes seja pequeno (MARQUES SILVA, 2004, 2005), tal qual em outras atividades físicas na natureza, o risco de se caminhar por trilhas, estradas rurais e asfalto também é um simulacro, brinca-se mais com sua idéia do que com suas conseqüências. O risco tempera de aventura o programa e, para Le Breton (2006), é desejado, mas sem seus aspectos negativos.

Para o mesmo autor, o risco oferece uma oportunidade de “nadar contra a corrente”, de voltar aos valores originais, de escapar do tédio e intensificar a relação com o momento graças a uma atividade arrebatadora.

Bruhns (2003, p. 30) expande a discussão sobre o trinômio aventura-emoção-risco ao tratar do risco calculado optado livremente pelos praticantes, ao responderem positivamente a pergunta de instrutores ou guias de determinadas atividades, no início da prática: “Vocês preferem o passeio com emoção ou sem emoção?”

Um outro dado relevante é que, com 7,69% cada, os pesquisados reconheceram na caminhada a possibilidade de “testar limites físicos” e “de se integrar com outras pessoas e grupos”.

“Testar limites físicos” e “integrar com outras pessoas e grupos”, fazem parte de um leque de motivos que se referem aos esforços empreendidos por uma pessoa de dominar uma tarefa, sublimar seus limites, superar obstáculos, desempenhar melhor que os outros. É uma orientação pessoal de lutar pelo sucesso, persistir ante o fracasso e se orgulhar por suas realizações. A

competitividade é uma disposição de lutar por satisfação, ao fazer comparações com algum padrão de superioridade, podendo ser o seu próprio padrão, um padrão externo determinado por uma outra pessoa, ou ainda, em função da aceitação ou rejeição de padrões estabelecidos num grupo. Essa noção é importante, porque a comparação acontece, mesmo que inconscientemente ou veladamente, e pode ajudar a entender “por que algumas pessoas parecem tão motivadas à realização e outras parecem simplesmente ‘acompanhar a corrida’” (WEINBERG e GOULD, 2001, p. 93).

É interessante destacar que as duas afirmações apareceram com o mesmo índice, cujas razões num posterior estudo poderiam ser mais bem exploradas.

Com 5,13% das respostas cada, foram ressaltados o “lazer e divertimento” e o “pagamento de promessa”, já que nessa amostra também havia fiéis.

As idéias de Dumazedier (1974), no campo do lazer, colaboram para o entendimento dos diversos motivos que levam as pessoas a procurarem à realização de uma atividade física em ambiente natural. O autor define o lazer como:

(...) o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1974, p.34).

Dumazedier (1974) esclarece, ainda, os processos pelos quais a sociedade contemporânea passa, dentre eles: o progresso técnico-científico, os movimentos sociais e a regressão do controle social pelas instituições básicas, o que permite ocupar o tempo ocioso com atividades de interesses variados: físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais.

Com 2,56% cada, apareceram, ainda, as respostas relacionadas ao “convite de amigos” e à busca pela espiritualidade, assinaladas no item “outros” pelos próprios sujeitos com os termos “oração” e “oportunidade de meditação”.

Bramante (1998) clarifica esse resultado ao ressaltar tanto a questão social, representada pela amizade, no caso dessa pesquisa, como a religiosa, por meio do lazer:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais (Bramante, 1998, p.09).

Além do potencial socializador do lazer como motivação para a caminhada, a questão religiosa, que é a origem do Caminho desde o século XVIII, adquiriu uma roupagem contemporânea.

Antoniazzi (2003) alerta para a aparente redução da religiosidade institucionalizada. Para ele, ocorre uma emergência da chamada "religião invisível", ou seja, uma religiosidade que emana de um sentimento pessoal e íntimo, que, não necessariamente, precisa ser acompanhado de participação em comunidades ou instituições religiosas dogmáticas.

Marques Silva (2004, p. 89) corrobora com este pensamento e traduz essa religiosidade invisível, como o “espírito do caminho” ao se remeter à trilha Tambaú a Aparecida: “Quem vai com vontade de entrar em contato com a natureza e com outras pessoas, também encontrará a espiritualidade, porque o caminho pode ajudar as pessoas a se elevarem até uma dimensão diferente da vida”.

Essa forma sincrética de religiosidade é confirmada também pelos peregrinos do “Caminho de Santiago”, como um dos motivos atuais para a realização do trajeto (GALLEGOS, JUAN e MONTES, 2005).

O “incentivo ocasionado por publicidade sobre o trajeto” e a possibilidade de “turismo acessível” não foram assinaladas por este grupo.

Vale acrescentar que, ao colocar esses motivos no contexto maior da realização da pesquisa de campo, observou-se que eles deixaram de ser simplesmente “motivos”, para tornarem-se “motivações”. Essa transformação foi percebida, à medida que os sujeitos iam realizando a atividade e registrando-a por meio das aplicações do questionário (antes, durante e depois), que indicava a existência de um processo em andamento.

Como só foram considerados sujeitos dessa pesquisa, aqueles que realizaram o “Caminho da Fé” completo, ou seja, os sujeitos com motivos suficientemente influentes que os levaram a executarem e manterem uma ação em direção a um objetivo e finalizá-lo; adotou-se o termo “motivação”, para a discussão dos dados obtidos com esta pergunta, realizada de agora em diante.

O termo “motivação” é sugerido como um processo ativo, uma força ou energia que impele um organismo a procurar alcançar um objetivo e/ou a satisfazer uma necessidade, de forma intencional (CAMPBELL, 1986; VENDITTI JÚNIOR e WINTERSTEIN, 2005).

Na Psicologia do Esporte é “a direção e a intensidade do esforço” (WEINBERG e GOULD, 2001), sendo que a direção refere-se à condição de aproximar-se ou sentir-se atraído por uma determinada situação e a intensidade definida pelo quanto se coloca de esforço numa determinada situação.

Também, a motivação pode ser “intrínseca”, associada a fatores internos individuais, como a vontade de ser competentes e autodeterminados em busca de dominar a tarefa em questão, ou “extrínseca”, direcionada por fatores externos, como recompensas, busca de aprovação, ou temendo ameaça de rejeição (WEINBERG e GOULD, 2001; MACHADO, 2006).

Vale acrescentar que as visões pessoais de motivação, segundo Weinberg e Gould (2001), podem estar centradas no traço do indivíduo (personalidade, necessidades, interesses e objetivos); na situação (composição do grupo, estilo, atratividade do programa, ganhos e perdas) e na visão de interação (relação indivíduo-situação).

No caso desse estudo, os maiores índices de motivações estavam relacionados com a “direção intrínseca interacionista”, expressas pelos sujeitos através das afirmações: “contato com a natureza”; o “desenvolvimento pessoal”, elencando os itens “revisão de valores”; “aquisição de conhecimentos”, “contato com culturas diferenciadas das comunidades do caminho” e a “aventura”.

Foram observadas, também, que algumas motivações extrínsecas foram importantes; a cada parada, mesmo que simples, havia uma recompensa por aquela etapa vencida. Era um copo de água, um banho, uma cama, a hospitalidade das pousadas, a gastronomia, o incentivo por meio da empatia, acolhimento e admiração das pessoas da comunidade em ver pessoas de níveis socioeconômico e cultural altos, em suas férias se despojarem e peregrinarem a pé a Aparecida.

2) TRAJETO DA TRILHA

Em resposta a questão 2 (Anexos 2, p. 226; 3 – p. 230 e 4 – p. 234):

“Como (imagina que esteja, está, estava) o trajeto na trilha?”, foram evidenciadas opiniões favoráveis e desfavoráveis, principalmente sobre a sinalização/orientação, o relevo e obstáculos, as condições atmosféricas, climáticas e meteorológicas, entre outras dispostas a seguir:

Tabela 02 – Como (imagina que esteja, está, estava) o trajeto na trilha:

PERCEPÇÃO SOBRE O TRAJETO PERPASSA PELA (n = 7 participantes)		ANTES		DURANTE		DEPOIS	
		Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)	Nº Resp	(%)
Condições atmosféricas e climáticas	Agradável	1	5,26	3	12,50	1	6,25
	Desfavorável	0	0	0	0	2	12,50
Sinalização	Bem cuidada	9	47,37	4	16,67	0	0
	Mal sinalizado	0	0	5	20,82	8	50
Relevo e obstáculos	Sem transposição de grandes obstáculos	2	10,53	0	0	0	0
	Dificuldades pelos muitos aclives/declives	1	5,26	4	16,67	2	12,50
Condições físicas e emocionais de quem vai participar	Tranquilo, fácil	1	5,26	1	4,17	0	0
	Difícil	1	5,26	0	0	0	0
	Corpo adquire resistência e Deus abençoa	1	5,26	1	4,17	0	0
Beleza cênica	Visual lindo	1	5,26	3	12,50	0	0
	Sem atrativo cênico	0	0	0	0	0	0
Perigos e riscos	Sem riscos ou perigos	0	0	0	0	0	0
	Assalto nas periferias e risco de atropelamento no asfalto	0	0	0	0	3	18,75
Preparação dos pólos receptores pelo caminho	Hospitalidade e incentivo das comunidades	2	10,53	0	0	0	0
	Falta água potável e infraestrutura pelo caminho	0	0	3	12,50	0	0
TOTAL GERAL		19	100	24	100	16	100

Antes do início da caminhada, os sujeitos imaginavam que o trajeto estaria com a sinalização bem cuidada (47,37%), que não haveria grandes transposições de obstáculos e barreiras e que haveria hospitalidade e incentivo das comunidades ao longo do trajeto, ambos com 10,53%. Havia uma tendência ao otimismo quanto à beleza cênica; às condições climáticas (imprevisíveis) e quanto às dificuldades com aclives e declives, cada um deles indicando o mesmo índice numérico (5,26%). Com relação às condições físico-emocionais não houve unanimidade na tendência das respostas. Todos os três índices (*“fácil, difícil, Deus ajuda”*) obtiveram o mesmo valor numérico de 5,26%, cada.

Durante a caminhada, o maior índice apresentado foi um comentário desfavorável sobre a sinalização/orientação: “mal sinalizado” com 20,82%. Em segundo lugar, apareceram simultaneamente com 16,67%, queixas com relação à dificuldade do relevo e quanto à manutenção da sinalização, expresso pela opinião de que “estava mal cuidada”. No percurso, os participantes perceberam o clima agradável, o visual lindo; mas reclamaram da falta de água e de infra-estrutura ao longo do caminho, cada um deles com 12,50% das respostas. Com relação às condições físico-emocionais empatadas com 4,17% estavam as respostas: *“tranquilo, fácil”* e *“o corpo adquire resistência e Deus ajuda”*.

Ao final do trajeto, a percepção dos participantes era a de que o trecho final estava mal sinalizado, com 50%; envolvia riscos e perigos, com 18,75%; estavam sentido as dificuldades proporcionadas pelo relevo, como a existência de muitos aclives e declives, apontando um percentual de 12,50%,

entre os trechos de credencial. Uma curiosidade aconteceu em relação à finalização do trajeto, realizada pelos peregrinos que iniciaram o caminho posteriormente. O trecho final, para eles, foi realizado sob forte chuva, o que refletiu nos seus comentários desfavoráveis sobre as condições climáticas (12,50%). Já aqueles que chegaram a Aparecida primeiro, indicaram o clima como agradável, 6,25%.

O caminho brasileiro é análogo em muitos pontos com o antigo caminho espanhol, tais como: a fundamentação religiosa; o apoio de entidades públicas e privadas e, até mesmo, a necessidade de incorporação, para motivar a execução do percurso, de apelos mais contemporâneos, como a busca por outras formas de religiosidade, pela construção de processos identitários relacionados à corporeidade e à ecologia.

Nesse sentido, uma discussão geral dos dados sobre a percepção do trajeto, só poderia ser feita pela aproximação dos sete itens levantados nessa questão, em relação aos dois caminhos.

Não se pode falar em comparação de opiniões sobre o início, durante e depois da caminhada, devido à dificuldade de acesso às informações sobre o “Caminho de Santiago” e, até mesmo, pela ausência de pesquisa tão específica, sobre a ambiência de ambos os trajetos o que invariavelmente abre um leque de novas oportunidades de investigação.

O que se pretende a seguir é discutir se a percepção do trajeto de “Santiago de Compostela” passa pelos itens identificados pelos participantes do “Caminho da Fé”, sem entrar no mérito se são favoráveis ou desfavoráveis.

Gallegos, Juan e Montes (2005, p. 03) sobre a interferência das condições atmosféricas, climáticas e meteorológicas no “Caminho de Santiago”, revelam que a tecnologia das roupas e dos calçados impermeáveis diminuiu as dificuldades causadas pela hipotermia e pela imprevisibilidade meteorológica, exclamando: “*Qué mal lo debieron pasar los peregrinos en invierno antes de que se inventasse el gore-tex*”⁵. Já as condições climáticas do “Caminho da Fé” variam entre chuvas esparsas e calor no verão, e pouca ou nenhuma chuva no inverno, mas com temperaturas mais baixas.

Em relação à sinalização, o “Caminho de Santiago” passou por uma revitalização durante as celebrações dos anos dos santos compostelanos, que aconteceram em 1976, 1982, 1993, 1999 e 2004. Essa reabilitação do caminho coincidiu com o movimento de promoção turístico e de patrimônio histórico-cultural da rota, nos anos oitenta e com a incorporação da Espanha na Comunidade Comum Européia em 1985. Assim, a sinalização que anteriormente estava abandonada e deteriorada, foi reparada gradativamente. Alguns trajetos foram homologados e com eles todo um sistema de orientação/sinalização. No “Caminho de Santiago” a sinalização não tem função apenas de orientação aos peregrinos, mas também é regulamentada por motivos ambientais e de segurança, sendo o caminho totalmente balizado (GALLEGOS, JUAN e MONTES, 2005).

Quanto ao relevo e obstáculos, assim como a trilha do “Caminho da Fé” se desenvolve pela Serra da Mantiqueira, o “Caminho de Santiago” corta

⁵ Comentário sobre como deveriam passar frio, os peregrinos de Santiago de Compostela no inverno, antes da invenção do *Gore-tex*, tipo de material para roupa técnica.

praticamente todo o norte da Espanha pelos Pirineus. Sua rota mais utilizada passa por bosques e grandes reservas vegetais que recobrem vales, maciços montanhosos e cordilheiras de grande beleza (DUPONT, 1979).

As altitudes do “Caminho de Santiago” variam entre 30 a 100 metros, por ponto de credencial, que se localiza entre três e doze quilômetros à frente do local anterior (CAMINHO, 2007).

Ao se normatizar a distância estimada de percurso em 30 km/dia, seria observado que a altimetria do “Caminho da Fé” varia de 300 a 400 metros, em média, entre os pontos de credencial, uma vez que estão localizados a uma distância de 30 quilômetros um do outro; enquanto que, no “Caminho de Santiago”, seria observada uma variação média de altimetria entre 50 a 100 metros, entre cada ponto de credencial. Vale acrescentar que, numa transposição hipotética de “*Herrerías*” a “*O Cebreiro*”, em altitudes variando de 675 a 1.330 metros, encontrar-se-iam três pontos de parada intermediários. Diferentemente, no “Caminho da Fé”, as transposições de serras ou grandes desníveis de altitudes, como os 708 metros entre o ponto de “Águas da Prata” e “Pico do Gavião”, têm que ser transpostos em um dia, sem opção de parada no percurso. Tal condição agrava a sensação de dificuldade para a transposição, pois caso haja algum acidente, o acidentado terá que se deslocar até o próximo ponto, ou terá que pernoitar ao relento.

Ilustra essa sensação de dificuldade, a comparação de dois participantes dessa amostra, que haviam realizado o “Caminho de Santiago”. Os sujeitos realçaram que o “Caminho de Santiago”, é mais longo, entretanto mais

plano, sem tantas descidas e subidas entre os pontos de credencial, além do que, tem mais possibilidades de paradas.

As condições físicas e emocionais para a realização dos dois trajetos assemelham-se. As duas caminhadas são atividades físico/desportivas intensas e prolongadas, que exigem espírito esportivo (GALLEGOS, JUAN e MONTES, 2005). Vasquez Gallego, Solana e Quintas (2004, p. 23), descrevem-na como: *“desborda todos los critérios y juicios comunes”. “...voluntad, preparación física y psicológica son los factores clave para recorrer el Camino de Santiago, siendo secundarios la planificación, el equipo, etc.”*⁶

Sobre a beleza cênica do “Caminho da Fé”, um dos caminhantes comentou que estava num *“momento cercado de natureza. Muito verde...”*, enquanto um outro destacou a *“insignificância humana frente à exuberância e grandiosidade da natureza”* (VASQUEZ GALLEGO, SOLANA e QUINTAS, 2004, p. 23).

Esses comentários colaboram para o entendimento do que seja o sentimento estético e moral de valorização da natureza, denominado por Carvalho (2000, p. 57) de “Novas sensibilidades”, que são parte do mundo dos sentimentos e valores privados que tendiam a se generalizar em costumes públicos.

No caso do “Caminho de Santiago” que tem várias rotas interligadas, não só os atrativos cênicos, mas também culturais, têm motivado o deslocamento de grupos, há vários séculos, para conhecê-los. Em especial, avaliando os dois

⁶ Para os autores espanhóis percorrer o “Caminho de Santiago” vai além dos critérios e juízos comuns, ...vontade, preparação física e psicológica são os fatores principais e os secundários são o planejamento e o grupamento de viagem (tradução livre da autora).

principais pontos de partida *Saint-Jean-Pied-de-Port*, na França, a 774 quilômetros de Santiago, e *Roncesvalles*, na Espanha, com 750 quilômetros de caminhada, ambas as rotas apresentam bosques de *hayedos* e *abetales* (flora típica da região) e mirantes panorâmicos, além de castelos medievais e ruínas arqueológicas.

Quanto aos riscos e perigos, segundo Gallegos, Juan e Montes (2005), o “Caminho de Santiago” é pouco perigoso, definindo o percurso como possível para qualquer faixa etária e condição física, enquanto que o trecho final do “Caminho da Fé” apresenta risco de atropelamento, em função do acostamento estreito e perigoso, no trecho Pindamonhangaba a Aparecida, e possibilidade de assalto nos trajetos próximos às periferias dessas cidades.

Nesta investigação, os sujeitos não mencionaram o perigo provocado por animais como: abelhas, vespas ou, ainda, ataque de cachorros e cobras, embora tenham sido visualizadas três delas, durante o percurso.

Em termos de preparação dos pólos receptores pelo caminho, a trilha de “Santiago de Compostela”, mais antiga, está muito mais estruturada. Gallegos, Juan e Montes (2005) evidenciam que existem desde hotéis cinco estrelas a “casas de turismo rural”. Esses autores destacam a mobilização sociopolítico-econômica para reavitalização das rotas, pois o “Caminho de Santiago” não é visto apenas como um atrativo turístico religioso, mas também natural, cultural e histórico.

Por meio desta analogia, embora sem a adjetivação dos itens que compuseram a percepção ambiental, a importância da sinalização foi apontada nos dois caminhos, o que mereceu uma discussão mais aprofundada.

A sinalização/orientação

A sinalização/orientação foram os fatores mais mencionados em todas as fases do “Caminho da Fé”.

Antes do início do “Caminho da Fé”, 47,37% das respostas apontavam que a sinalização estava bem cuidada, bem conservada, com muitas placas e setas da organização do caminho.

Durante o percurso, percebeu-se uma oscilação entre as opiniões positivas e negativas, com tendência a serem desfavoráveis, com 20,82%; assinalando que o caminho estava mal sinalizado, sem setas ou placas indicativas. Foram emitidas as seguintes opiniões durante a trilha: “... *são várias armadilhas para se desorientar, que requerem atenção*”. Um outro sujeito escreveu que havia “...*necessidade de mais setas pintadas, ...sem confiança no trajeto, medo de pegar trilha errada*”.

Ao final do trajeto, 50% dos participantes assinalaram que o trajeto estava mal sinalizado. Um dos participantes desabafou “*falta consideração com o peregrino que está cansado*”; enquanto dois outros caminheiros assinalaram que várias placas tinham sido arrancadas no final do asfalto em dois trechos: o trecho de - Pindamonhangaba e o trecho Roseira até Aparecida. Uma das participantes reclamou que, nas proximidades de Aparecida, ainda na estrada, na periferia até a chegada ao Santuário, não havia nem placas, nem setas, nem indicação de

quanto ainda faltava do percurso, já que durante todo o “Caminho da Fé”, havia uma quilometragem decrescente, iniciando em Tambaú/SP.

A sinalização/orientação do “Caminho da Fé” está diretamente ligada à preocupação dos participantes em não se perder, porque não se cogita caminhar além do necessário, em função das bolhas, torções, peso da mochila, cansaço, entre outros motivos.

Os instrumentos e pontos de orientação do “Caminho da Fé” percebidos pelos participantes são o “mapinha” distribuído nos pontos de credencial, nas pousadas e bares que fazem parte da organização do caminho; “a credencial do peregrino”, a qual deve ser carimbada ao longo do percurso, e “os recantos de parada” com bicas de água e/ou sanitários, os bares, as pousadas, as lanchonetes e os restaurantes existentes pelo caminho, com a função de representarem os pontos de deslocamento ou neutralizados de um percurso de *trekking*. É interessante ressaltar que cada um dos participantes caminhava com sua credencial e seu “mapinha”, no local de mais fácil acesso da mochila, com a intenção de “a qualquer momento se localizar”.

Quanto à sinalização, essa era feita por meio de setas pintadas em árvores, postes, chão, mourões, cercas, cupinzeiros, entre outros; portais, placas da organização, mapas, plaquetinhas com a quilometragem restante e outras formas visuais feitas e instaladas espontaneamente pelos moradores.

É necessário destacar, ainda, que a sinalização/orientação do “Caminho da Fé”, além de depender da manutenção dos administradores do trajeto e dos vários fazendeiros que permitem o trânsito dos peregrinos por suas

propriedades, também está condicionada à preparação para a realização profissional de operações turísticas de cada pólo receptor existente. Isso demonstra a capacidade da comunidade e dos órgãos públicos em perceberem a importância de se organizar com responsabilidade e segurança com o objetivo de manter as operações turísticas do “Caminho da Fé”, junto a sua comunidade.

Devido a importância política e econômica dessas medidas, houve um movimento para a incorporação das atividades de aventura na natureza, assim como o turismo de aventura ao Ministério do Turismo, por meio do Instituto de Hospitalidade (IH). O Instituto detectou a necessidade de prevenção de acidentes e minimização de riscos, em função do aumento crescente de praticantes de atividades físicas na natureza, e iniciou o desenvolvimento de dezenove normas técnicas, fato ocorrido posteriormente à data da coleta de campo.

A normatização específica para realização e operação de caminhadas de longo curso, foi publicada em 25 de setembro de 2006, como ABNT NBR 15.393 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2007); sendo que, um dos assuntos regulamenta as competências da operadora e/ou do condutor na organização de trilhas, envolvendo a sinalização/orientação e risco calculado. Como este estudo foi realizado anteriormente a esta medida, a normatização vem comprovar essa importante relação.

No “Caminho de Santiago”, a preocupação com o controle e minimização dos riscos é mais enfatizada, pois, além de ser um caminho bastante antigo e estruturado, ao longo da história, também é parte integrante de uma rede de trilhas locais, regionais e que envolve outros países (trilhas territoriais). O

“Caminho de Santiago” obedece a exigências técnicas padronizadas de traçado e sinalização para a prática segura e de qualidade nas atividades físicas na natureza (caminhada/ciclismo/cavalgada). As placas também fornecem informações sobre a atividade que está sendo realizada, incentivam o conhecimento sobre o entorno natural, os elementos da tradição rural espanhola, buscando uma prática respeitosa, tanto do ponto de vista cultural como ambiental (GALLEGOS, JUAN e MONTES, 2005).

No “Caminho da Fé”, em muitos pontos, a trilha está roçada e cuidada pela organização que o administra, principalmente nos trechos Tambaú/SP a Andradas/MG. No trecho final, próximo à Aparecida/SP, a sinalização precisa ser revista, pois as outras estruturas que interagem com esse tipo de turismo são mais evidenciadas, como a influência da igreja, das prefeituras, do departamento de estradas de rodagem e dos moradores dos bairros periféricos.

3) GRUPAMENTO DE VIAGEM

Em resposta a questão 3 (Anexos 2, p. 226; 3 – p. 230 e 4 – p. 234): **“Você (pensa em fazer, pensa em continuar, fez) a caminhada:”**, os participantes deveriam preencher uma tabela, com respostas fechadas, com os seguintes tipos de grupamentos de viagem e opiniões:

Tabela 03- Você (pensa em fazer, pensa em continuar, fez) a caminhada

GRUPAMENTOS (n = 7 participantes)	ANTES		DURANTE		DEPOIS	
	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)
Sozinho	1	12,50	1	12,50	2	14,28
Grupo já organizado	4	50	6	75	6	42,86
Companhia de pessoas do caminho	3	37,50	1	12,50	6	42,86
Tanto faz	0	0	0	0	0	0
Não sei	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	8	100	8	100	14	100

Antes da caminhada, 50% pensavam em fazer a caminhada num “grupo previamente organizado”, composto por familiares ou amigos; 37,50% com “pessoas que iriam conhecer pelo caminho” e 12,50% dos participantes pensavam em realizar a caminhada “sozinhos”.

Durante o percurso, o maior índice apontado foi referente a “grupos previamente organizados” com 75% (índice que refletia a situação de amigos que iniciaram o percurso em dias diferentes e que combinaram de se encontrar num determinado ponto do trajeto, em função de disponibilidade de seus períodos de férias serem diferentes), seguido de “sozinho” e de “companhia de pessoas do caminho”, com 12,50% cada.

Ao final do percurso, houve um empate nos índice de grupamento, composto por “companhia de pessoas do caminho” e “grupos previamente organizados” com 42,86% cada e, em segundo lugar, apareceu a opção “sozinho”. Os outros índices não tiveram representatividade.

Esses dados reforçam a tese de que as atividades físicas na natureza estimulam a convivência social. Baker *et al* (2002) abordam, dentro das teorias psicológicas da conduta agressiva: a ativação fisiológica, a emoção e a agressão, sendo que, no caso das AFAN, as emoções de raiva e decepção são mais mascaradas do que em situações de jogo dentro do esporte, por envolver outros fatores como aceitação social. A prática de AFAN, normalmente, se dá em grupo.

Na segunda etapa da mesma pergunta, os participantes deveriam explicar suas razões por optarem por grupamentos de viagem ou por realizar o caminho, sozinhos.

Essa análise iniciou-se pela resposta acerca do posicionamento do indivíduo em relação a caminhar sozinho, sendo que posteriormente foram analisados os aspectos referentes a caminhar em grupos.

É importante ressaltar que apenas um sujeito realizou todo o caminho sozinho. Os outros participantes, apesar de caminharem sozinhos, em muitos momentos do percurso, sempre iam para os pontos de deslocamento e/ou pousadas, que haviam sido combinados nas paradas anteriores.

Os motivos apontados pelos sujeitos para seguirem sozinhos ou realizarem alguns trechos sozinhos foram:

Tabela 04- RESPOSTA ABERTA : Razões para seguir sozinho

RAZÕES PARA SEGUIR SOZINHO (n = 7 participantes)	ANTES		DURANTE		DEPOIS	
	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)
Para não sofrer influências	1	14,29	1	10	0	0
Meditação, reflexão e contemplação da natureza	2	28,56	2	20	1	12,50
Ritmo individual diferenciado	3	42,86	6	60	4	50
Auto-desafio: Para crer que sozinho também se chega	1	14,29	1	10	0	0
Transcender e orar: “Estar em contato com o sagrado”	0	0	0	0	3	37,50
Total	7	100	10	100	8	100

As razões iniciais para se realizar a caminhada sozinho foram principalmente associadas às diferenças individuais de ritmo, quer seja de condicionamento físico, de quantidade de bagagem, de interesses e, ainda, quanto aos ritmos circadianos, resumidos no termo “ritmo”. Alguns sujeitos fizeram as seguintes observações: *“Ritmo cada um tem o seu, cada um tem uma necessidade”, “Prefiro ditar meu próprio ritmo” e “Prefiro seguir meu ritmo para poder parar e seguir a hora que desejar”*.

A segunda razão foi a “meditação, reflexão e contemplação da natureza” (28,56%), que, de certa forma, confirma a primeira, só que com outra motivação. E com 14,29%, apareceram duas outras razões empatadas no terceiro lugar: “para não sofrer influência” e “auto-desafio”.

Durante a caminhada, o ritmo individual diferenciado foi o mais citado, aumentando em percentual (60%), embora as duas outras razões apontadas, também tenham sido mencionadas na mesma ordem, o que alterou foi

apenas a representatividade percentual. Foram elas: “meditação, reflexão e contemplação da natureza” com 20% e “para não sofrer influência” e “auto-desafio”, com 10% cada.

Ao final da caminhada, próximo já no Santuário de Aparecida/SP, o “ritmo” foi novamente mencionado, decrescendo um pouco, neste momento com 50%. Como segunda razão, surgiu a opção “transcender e orar”, com 37,50% ou, ainda, como afirmou um dos sujeitos: “*Estar em contato com o sagrado*”. O terceiro motivo para a realização da caminhada sozinho foi a “meditação, reflexão e contemplação da natureza” (12,50%).

Em todas as fases o ritmo apareceu como a principal resposta da maioria dos participantes (42,86%, 60% e 50%). Quando vários participantes mencionaram como resposta “*Ritmo cada um tem o seu*”, há por trás dessa afirmação inúmeras conotações (BARDIN, 1977), que precisam ser exploradas.

A caminhada, mesmo que no âmbito do lazer, continua regulada pelos princípios que fundamentam o treinamento esportivo, estejam os praticantes treinados ou não, tenham conhecimento sobre o assunto ou não.

Vários autores (SCHMIDT e WRISBERG, 2001; SPOSITO, 2003) apontam como sendo esses princípios os da: *Individualidade Biológica* (cada pessoa possui suas próprias características resultantes do somatório de sua carga genética e de suas experiências pessoais); *Especificidade* (a especificidade dos exercícios deve ir ao encontro das necessidades do praticante, onde os músculos trabalhados e fortalecidos devem ser os mesmos requeridos numa atividade específica, chegando o mais perto possível do gesto esportivo da modalidade em

questão); *Adaptação* (que alerta que sempre que um organismo é estressado por uma atividade física, há uma perturbação na homeostase, e a resposta a isto, é uma adaptação fisiológica visando a restabelecer o equilíbrio, além de preparar-se para receber em melhores condições um novo estresse); *Sobrecarga* (que indica que, após o retorno à homeostase, o organismo estará mais preparado para receber um novo estresse de mesma intensidade); *Interdependência Volume-Intensidade* (que avisa que o corpo não agüenta trabalhar por muito tempo um alto volume, alta intensidade e redução dos intervalos de descanso) e o princípio da *Continuidade* do treino, que atenta ao fato de que, se não houver um próximo treino, a tendência é a volta aos valores iniciais.

Na menção de que “*Ritmo cada um tem o seu*”, os sujeitos estavam levando principalmente em conta dois desses princípios, mesmo que inconscientemente: o da *individualidade biológica*, já que o metabolismo energético, as respostas musculares, circulatórias, respiratórias e hormonais, a fadiga e a capacidade de minimizá-la; juntamente com o programa motor, dependiam de reações individuais, ativadas voluntária e involuntariamente por cada um deles.

O outro princípio se manifestou quando os participantes perceberam que, mesmo que tivessem se preparado para a caminhada, com treino a pé em suas cidades de origem, a esteira na academia, as corridas em curtas e longas distâncias, nada se compara à caminhada de resistência, carregada (com uso de mochila), num trajeto extenso, em meio natural, fugindo totalmente das situações de treino anterior, como revela o princípio da especificidade.

A afirmação “*Ritmo cada um tem o seu*” também revela um planejamento consciente, associado ao estabelecimento de estratégias para realizar a caminhada (estratégias de prova), envolvendo a escolha na adoção de um ritmo de passada, que tem relação com a velocidade, a amplitude da passada que cada um possui. Observou-se que alguns optaram por uma passada regulada e lenta durante o trecho do dia; outros por uma marcha mais rápida inicialmente e lenta durante a metade ao final do trajeto diário; um dos sujeitos, nos aclives, subia lentamente com leve encurvamento da coluna para frente, e descia veloz, relaxado, quase escorregando, jogando a cintura.

Destacam-se ainda outras estratégias que merecem registro, entre elas, iniciar a caminhada de madrugada, parar a cada hora e alongar; refazer os curativos dos pés; comer uma barrinha de cereal ou fruta, de duas em duas horas, para manter o nível de glicose e tomar goles de água a todo instante para hidratar.

Além disso, a idéia de que “*Ritmo cada um tem o seu*”, em razão da exposição ao ambiente natural, assume outras características. Em relação ao ritmo *versus* ambiente natural *versus* aprendizagem, Correa (1997, p.133) afirma que: “a aprendizagem realizada sob condições de alta interferência contextual/ambiental promove melhor retenção e transferência do conteúdo aprendido, do que a aprendizagem feita sob baixa interferência contextual”.

A alta interferência está relacionada às práticas variadas e randômicas, em que as variadas envolvem alterações de uma única classe de movimentos, provocando adaptação. As randômicas são seqüências práticas, na qual os indivíduos realizam uma multiplicidade de tarefas diferentes, inclusive

classes de movimento, sem ordem específica, evitando ou minimizando, assim, repetições consecutivas de qualquer tarefa única.

A baixa interferência, por outro lado, relaciona-se à prática constante, repetição de uma única classe de movimento, ou em blocos, quando os indivíduos treinam repetidamente a mesma tarefa. Esses apontamentos podem ser ampliados nos estudos Magill (1984).

Schmith e Wrisberg (2001) também se posicionam quanto ao ritmo em ambiente natural articulando-o com o movimento. Enfocando habilidades e ambientes, esses autores, denominam como habilidade fechada ou tarefa autocompassada aquela que é executada em ambiente previsível ou parado e que permite que as pessoas planejem seus movimentos com antecedência. O estímulo em cada uma dessas situações aguarda a iniciativa do executante.

As habilidades abertas ou tarefas externamente compassadas ou forçadas, em contraponto, são aquelas que se executam em ambientes que estão em movimento ou são imprevisíveis ou variáveis durante a ação. Requer a adaptação dos movimentos das pessoas em resposta às propriedades dinâmicas do ambiente. O executante deve agir sobre a ação do estímulo.

Acrescenta-se a discussão sobre ritmo e ambiente natural às relações sociais. Parlebas (1988) define o meio selvagem como um ambiente instável, no qual existe a necessidade de interação com os elementos caóticos que se apresentam e com movimentos motores abertos, em resposta às propriedades dinâmicas do ambiente. O meio doméstico é um contraponto ao selvagem, composto por ambiente estável, com elementos previsíveis e rotineiros,

que requerem certa automação de movimentos e o uso de habilidades motoras fechadas. O autor, ao relacionar o meio com o *soma* e a *psique*, amplia a discussão para o campo da sociologia, ao tratar das alterações nas atividades relacionais mais propícias em ambientes naturais, criando os termos Sociomotricidade e Praxiologia Motriz.

Também a afirmação “*Ritmo cada um tem o seu, cada um tem uma necessidade*”, está relacionada à forma com que os participantes resolvem seus conflitos. Entende-se por conflito “uma luta mental ocasionada pela operação simultânea de necessidades, impulsos, desejos ou exigências internas ou externas antagônicas ou que se excluem mutuamente” (CAMPBELL, 1986). Os participantes optavam por resoluções que levavam em conta tanto médio e longo prazos, por exemplo: se no trajeto começava a chover, alguns paravam em algum local com proteção, esperavam a chuva diminuir para não completar o trajeto à noite; em vez de optarem por continuar caminhando e conseqüentemente, molhando tudo. Essa opção comprometia principalmente o calçado, que úmido no dia seguinte iria agravar a situação das bolhas, unhas e feridas do pé. A opção em continuar sozinho no seu ritmo ou acompanhar o grupo, também envolvia a vontade de parar para apreciar a natureza, de estabelecer um contato maior com as pessoas da comunidade conversando com transeuntes, ouvindo “causos” sobre as antigas peregrinações ou administrando o tempo para tirar fotos e filmar.

A segunda principal resposta levantada como razão para prosseguir sozinho em todas as fases foi a “meditação, reflexão e contemplação da

natureza”, que não poderia deixar de ser abordada porque esta é uma caminhada originalmente de fundo religioso.

Aproveitando a indicação do aspecto religioso e da transcendência, Bruhns (2000) afirma que a natureza como território da experiência, tanto para o encontro com o outro ou como uma necessidade ou como um recesso, faz operar um ‘reencantamento’ do mundo, opondo-se ao desencantamento próprio de períodos anteriores. Para ela:

a nostalgia do claustro, a prática dos retiros, as fugas para locais desertos, as caminhadas em grupo na solidão selvagem, os exercícios ascéticos ou outro *training* espiritual, traços da ecologização do mundo natural, obrigam-nos a enfrentar a religiosidade contemporânea, essencialmente sincretista, mas, sobretudo, permite ressaltar que esta religiosidade é tribal, e que repousa na partilha, num dado momento, de um território real ou simbólico (Bruhns, 2000, p. 39).

A religiosidade contemporânea, evidenciada por alguns autores (STOKOL, 1990; SCHWARTZ, 1994; THOMPSON e BARTON, 1994; FREDRICKSON e ANDERSON, 1999; GALLEGOS, JUAN e MONTES, 2005) como espiritualidade, transcendência, aventura espiritual, realizada por meio da meditação em ambientes naturais, tem sido enfocada em várias investigações sobre as atividades físicas de aventura na natureza.

Assim como afirmam Gallegos, Juan e Montes (2005) que o “Caminho de Santiago” é um símbolo, uma aventura espiritual, uma rota artística, um encontro com as raízes culturais da Europa, de estreito vínculo com a história da cristandade; o “Caminho da Fé” também tem suas origens religiosas, muito anteriores a sua organização para operações turísticas.

Muitos dos que procuram o “Caminho da Fé” para realização da caminhada são pessoas que estão num conflito e buscam um novo rumo para suas vidas, ou estão cumprindo promessa. Nesse contexto, a caminhada proporcionou, não só exercícios físicos, mas também exercícios cognitivos, por meio da reflexão, meditação e oração.

Para Greemberg (2002), assim como os exercícios físicos apresentam certos benefícios psicológicos, a meditação leva a alguns benefícios físicos, como a obtenção do controle sobre a atenção, de modo a que a escolha de um foco se torne possível, ao invés de sujeitar-se a um fluxo imprevisível de circunstâncias ambientais.

Entretanto, a meditação requer uma volta para o interior da pessoa, que não é possível ao se interagir com o ambiente físico-social externo e imprevisível. A fala de alguns participantes corrobora esta afirmação: *“consegui refletir em momentos de muito cansaço”; “nas rezas do terço”; “à noite deitado na cama comparando momentos da caminhada”, “refletia só quando estava descansando”, “consequia refletir na caminhada, mas não conseguia manter uma linha de raciocínio por muito tempo, logo chegava uma placa, tinha que desviar de algum obstáculo...”, “de manhã logo no início da caminhada, e nas subidas inspirando e expirando”, “acredito que o esforço físico exigindo concentração proporciona momentos de quietudes mentais, flashes, insights, mas nada muito complexo”*. As declarações feitas pelos sujeitos sobre suas meditações e reflexões indicam que eles faziam interiorizações sobre vários assuntos, não durante a atividade física em si, mas durante o repouso.

Existem evidências de que a meditação gera efeitos orgânicos, como a diminuição dos batimentos cardíacos e do lactato sanguíneo; aumento do fluxo sanguíneo para as regiões periféricas (braço e pernas); diminuição da resposta cutânea galvânica da pele e sua conductibilidade elétrica, gerando menos estresse e aumentando sua resistência; diminuição das ondas cerebrais *alpha*, tornando o sistema nervoso autônomo mais estável, consumindo menor quantidade de oxigênio e diminuindo a produção de dióxido de carbono (GREEMBERG, 2002). O autor salienta os efeitos psicológicos da meditação, como a diminuição da ansiedade, ligada a um *locus* de controle interno; um aumento na sensação de auto-realização; sentimentos mais positivos frente aos fatores estressores; melhoria na qualidade do sono; diminuição no consumo de cigarros e drogas; alívio de dores de cabeça, estado geral mental positivo, redução de temores e fobias. A meditação se mostra mais eficiente no controle do estresse e está associada a experiências subjetivas mais positivas (GREEMBERG, 2002, p.147-148).

Os motivos apontados pelos sujeitos para seguirem acompanhados foram:

Tabela 05- Razões para seguir acompanhado

RAZÕES PARA SEGUIR ACOMPANHADO (n = 7 participantes)	ANTES		DURANTE		DEPOIS	
	Nº resp	(%)	Nº resp	(%)	Nº resp	(%)
Incentivo por estar junto com pessoas com os mesmos objetivos	3	42,85	3	100	3	100
Melhor por causa do apoio	1	14,29	0	0	0	0
Possibilidade de aprendizagem/desenvolvimento	2	28,57	0	0	0	0
Conhecer pessoas	1	14,29	0	0	0	0
Total	7	100	3	100	3	100

Antes do início da caminhada, foram apontados como os principais motivos para se fazer a atividade acompanhado: o “incentivo por estar junto com pessoas com os mesmos objetivos”, com 42,85%, seguido de “possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento com o grupo”, 28,57%, e empatados com 14,29% cada uma, “melhor por causa do apoio” e “conhecer pessoas”.

Resultado interessante ocorreu, **durante e ao final da caminhada**. Foi unânime a opinião de que a principal razão para o estabelecimento e permanência do grupamento de viagem foi o “incentivo por estar junto com pessoas com os mesmos objetivos” (100%).

A caminhada é uma atividade que depende mais de cooperação e interação do que de habilidades individuais especiais, sendo considerada uma prática bastante inclusiva, em termos de faixa etária, nível socioeconômico e motivações. Assim, na medida em que a importância da coesão e dos processos para manutenção do grupo aumenta, ocorre uma redução no destaque das capacidades e habilidades individuais.

A Psicologia Esportiva estuda as práticas de jogos coletivos há anos. Um dos fatores relevantes para esta área de estudo é o “clima de equipe”, desenvolvido a partir da percepção dos participantes pelo técnico (treinador, monitor etc.), de forma individual e de forma coletiva, por meio da observação de suas interações como membros de um grupo como afirma Weinberg e Gould (2001).

Para esses autores: o apoio social, a proximidade, a diferenciação, a justiça, a similaridade são fatores do “clima de equipe” que podem ser facilmente percebidos e alterados se necessário. O “apoio social” é um conceito multidimensional, o qual pode ser intensificado: pelo aconselhamento (apoio de escuta); pela percepção de que uma outra pessoa está dando conforto e cuidados indicando que se está ao lado da pessoa (apoio emocional); pela percepção de que uma outra pessoa ao mesmo tempo em que o está apoiando, também o está desafiando a avaliar suas atitudes, valores e sentimentos (apoio emocionalmente desafiador); percepção de que uma pessoa que é parecida, e vê as coisas da mesma forma que aquele que recebe apoio (apoio de confirmação da realidade); a percepção de que outra pessoa está reconhecendo os esforços de quem recebe apoio e expressando sua apreciação pelo trabalho que ela realiza (apoio de reconhecimento da tarefa); percepção de que uma pessoa está desafiando a forma da outra pessoa em pensar com o intuito de instigar, motivar, levar a uma maior criatividade, estimular e envolver (apoio desafiador da tarefa) e a percepção de que uma outra pessoa está fornecendo serviços ou ajuda (apoio pessoal).

Durante a caminhada, o principal apoio foi o de confirmação da realidade, expresso quando os participantes responderam com maior percentual em todas as fases da caminhada que “o maior incentivo era estar junto com pessoas com os mesmos objetivos”.

Complementando esse apoio, outros apareceram nos gestos e comportamentos dos participantes. Eles se aconselhavam; cuidavam-se em termos de preocupação com alguém que ficou para trás ou não chegou no tempo

esperado; com os curativos das bolhas; pela admiração e homenagem das pessoas das comunidades. Para os autóctones, a essência da peregrinação dos séculos anteriores ainda permanece e, nas pequenas comunidades, fazer o “Caminho da Fé” não é realizar um turismo ou uma atividade física, mas sim, realizar um “sacrifício” ou uma provação.

A “proximidade” representa maior possibilidade de que se vinculem, em razão de estarem próximos física e emocionalmente; o que ocorreu com os participantes, que conviveram entre quatorze e vinte dias juntos, dia e noite.

A “diferenciação”, um outro componente do clima da equipe, acontece quando um grupo se sente diferente dos demais grupos, mas com sentimentos de unidade em relação aos elementos do grupo, o que faz com que sua identidade, como grupo, aumente. Expande a questão Maffesoli (1997), ao enunciar que os vínculos sociais são formados a partir de emoção compartilhada e sentimento coletivo, diferenciando os grupos no que chama de tribalização. Para ele, existe uma ruptura entre as tribos primitivas, as quais se identificavam com o meio ambiente e, através disso, com o meio social, diferentemente daquelas tribos contemporâneas, que comungam, desde o imaginário, sua identidade, ética e estética, aos valores ritmados pelo ambiente urbano em que estão inseridas.

No caso dos caminhantes, além das emoções compartilhadas, do objetivo em comum, a identidade da coesão foi concretizada por meio do uso do cajado, da credencial e das roupas, calçados e mochilas técnicas, ou seja equipamentos produzidos com materiais e tecnologia própria para este tipo de

atividade. Ao longe, por meio dessas evidências, sabia-se quem era peregrino do “Caminho da Fé” e quem era mendigo.

A “justiça” está no centro da confiança e é a percepção de que se está sendo tratado com equidade. Essa percepção influencia os níveis de comprometimento, motivação e de satisfação. Este item faz parte da própria seleção que este programa de lazer, realiza. Pessoas que não são atraídas pela religiosidade, pela boa convivência, pela paciência e por fazer um esforço físico grande, não aderem a essa atividade.

Outro tópico importante é a “similaridade” entre membros de um grupo em comprometimentos, atitudes, aspirações e objetivos é importante para desenvolver um clima positivo e um conceito de equipe, mesmo que ela tenha sido criada no momento da atividade, com pessoas que não se conheciam antes. Esse item reforça o item anterior.

Acreditando-se que enriqueceria a discussão sobre equipes em atividades físicas na natureza no âmbito do lazer, foram citadas algumas investigações sobre a importância do grupamento em atividades esportivas, embora diferenciadas deste pedestrianismo peculiar, mas que poderiam ser expandidas e articuladas com essa atividade em investigações futuras.

As variáveis que colaboram para a compreensão dos processos físico-emocionais e sociais na realização de atividades físico-esportivas em percursos extenuantes tem despertado interesse, não só no plano científico, assim como, na arte e na literatura. Um bom exemplo de campo de investigação é o *Tour de France*, competição de ciclismo de longa duração, com trajeto de 3.657,1

quilômetros, realizado durante vinte e um dias. Moreira e Palomares (2006) recorreram a uma revisão bibliográfica sobre o assunto, com o intuito de sistematizar o material disponível sobre as motivações (motivos) que impelem os participantes do *Tour de France* a se exigirem ao máximo em direção ao *sprint* final. Os autores obtiveram, como um dos resultados, a relevância da companhia durante o longo percurso, mesmo que se tratando de concorrentes em um esporte de alto rendimento.

Sorrentino e Sheppard (citado em WEINBERG E GOULD, 2001) estudaram 97 nadadores em provas individuais de 200 metros livres e em provas de revezamento, com o objetivo de observar se cada nadador era orientado mais à aprovação social (ou seja, considerava a competição em esportes coletivos como algo positivo, no caso a participação em uma equipe de revezamento) ou à rejeição (ou seja, sentia-se ameaçado por uma atividade que envolvia competir em grupo) e, com isso, selecionar quais nadadores competiriam sozinhos e quais atletas fariam parte das equipes de revezamento. Os resultados obtidos foram que os nadadores que eram orientados à aprovação, competiam melhor em equipe. Esses mesmos nadadores que contribuíram favoravelmente para o desempenho do grupo no revezamento, individualmente, obtiveram índices piores nos tiros. Enquanto que os competidores que temiam a ameaça de rejeição, obtiveram melhores desempenhos sozinhos, ou seja, conseguiram melhores índices nos tiros individuais, do que nos revezamentos, fazendo com que sua equipe perdesse.

Estar voltado para a aprovação externa de um grupo, durante a realização de um esporte coletivo, assim como as motivações extrínsecas decorrentes de se ganhar uma competição, podem não ser os principais estímulos das pessoas que realizam o “Caminho da Fé”. Entretanto, é relevante apontar que práticas como essa, que atraem pessoas que gostam do contato com a natureza, abrem espaço para formação de grupamentos de viagem e propiciam vários tipos de convivência, o que só se torna possível e agradável de serem mantidos, se houver uma conduta pró-ambiental (tanto em relação ao ambiente físico como social), por parte de cada um dos componentes do grupo.

4) AFIRMAÇÃO SOBRE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL:

Em resposta a questão 4 (Anexos 2, p. 226; 3 – p. 230 e 4 – p. 234): ***“Esta caminhada (pode ajudar, está ajudando, ajudou) os participantes a pensarem na preservação do ambiente”?***, os sujeitos deveriam assinalar com um “X” se concordavam ou não com a afirmação, para, posteriormente, explicarem de forma aberta, suas razões.

Vale ressaltar que o termo “preservação” foi utilizado nesta questão em sua forma de vocabulário coloquial; embora existam diferenças e contradições entre os conceitos relacionados em dicionários da língua portuguesa e nos dicionários específicos de ecologia e meio ambiente. Nos dicionários gerais, o vocabulário “preservação” está associado a *ação que visa garantir a integridade e a perenidade de algo* (FERREIRA, 1986, p. 1388), não se diferenciando do termo

“conservação”, sendo utilizados como sinônimos. Ainda no domínio da linguagem, o termo “preservação” é sugerido como um conjunto de práticas, como o manejo planejado e programas de reprodução, que visa a manutenção de populações ou espécies (HOUAISS, 2007).

No entanto, o termo “preservação” na esfera do vocabulário ambiental, está ligado a:

um conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visam a proteção a longo prazo das espécies, *habitats* e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais (ROTEIRO, 2007, p. 07).

Para que isso ocorra há necessidade do estabelecimento de critérios e práticas científicas que asseguram a proteção em vários níveis chegando a manutenção de sua forma intacta, sem a permissão de uso por nenhum motivo, que não os científicos. Apresenta-se distinto do termo “conservação” que é:

o manejo da biosfera compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a melhoria do ambiente natural, para que este possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral (ROTEIRO, 2007, p. 03).

Feito este aparte, verificou-se que, em todas as fases da aplicação do QMT (Questionário Misto Trifásico), os sujeitos que não se preocupavam com as distinções entre o vocabulário em sua definição geral ou específica da área

ambiental, foram unânimes na concordância de que a caminhada colaborou para reflexões sobre a preservação ambiental.

Na segunda parte da pergunta, os caminhantes utilizaram os seguintes verbos para explicar suas convicções sobre esse tema, dentre eles: Observar; contatar diretamente; refletir/meditar/pensar; estar cercado/estar dentro; perceber; criticar; opinar; cuidar; conscientizar; ver; sentir; valorizar/dar importância; preservar/cuidar; relatar; entender; conhecer melhor; “auto-melhorar”, um neologismo criado por um dos sujeitos.

É necessário observar a diferenciação entre “*o ajudar a pensar*” disposto na pergunta, com a quantidade de verbos devolvidos nas respostas pelos sujeitos, já que verbos são palavras que sugerem ação (FERREIRA, 1986) e, até mesmo, o desejo de intervenção, na medida do possível.

Retornado a Thompson e Barton (1994), os quais alertam para a grande dificuldade de se manter regras conservacionistas, já que as pessoas não agem ou não se comportam de acordo com suas atitudes; essa diferenciação entre o “*o ajudar a pensar*” e os verbos devolvidos como resposta indicam uma intenção, uma tendência, mas que não necessariamente se traduzirá numa ação, em um comportamento. Este aspecto corrobora a teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1975) e as reflexões de Schwartz (1997).

A tabulação geral de todas as fases das respostas permitiu uma divisão das opiniões em três grandes grupos: temas ambientais, questões ambientais e percepção de processos. Os “temas ambientais” são os assuntos normalmente encontrados na literatura (desmatamento, degradação, lixo, etc).

As “questões ambientais” foram divididas em dilema ecológico e questão socioambiental. O dilema ecológico foi denominado como um conjunto de situações de temática ambiental, com resoluções difíceis e/ou penosas, em que se opta ou pelo desenvolvimento com seus benefícios e malefícios, ou pelo retrocesso/retorno ao estado primitivo com suas conseqüências favoráveis e desfavoráveis.

Esse tema pode ser pensado em termos individuais dentro dos microssistemas, ou, de forma mais abrangente, envolvendo os macrossistemas (econômicos e as culturas). A afirmação de Schultz *et al* (2004), ao assinalarem que a tendência de rejeição tem aumentado em relação ao estilo de vida consumista, nos países ricos, estando relacionados a comportamentos individuais mais positivos em relação ao ambiente, pode ser um exemplo disto. A questão socioambiental está relacionada à reflexão sobre as desigualdades sociais ocultas no discurso ecológico.

A “percepção de processos”, pressupõe que um conteúdo é algo construído numa sucessão de estados e mudanças, num seguimento, numa marcha (FERREIRA, 1986). Sendo assim:

- com 76,6% apareceram os grandes “temas ambientais”. Dentre eles, o desmatamento apareceu com 26,09%; beleza cênica e degradação com 17,39% cada; lixo, 13,04%; água e saúde ambiental, com 8,70% cada; consciência dos peregrinos, 6,52% e extração de areia, 2,17%.

- com 16,67% foram citadas as “questões ecológicas”. Nesse item, os dilemas ecológicos representaram 60% e a questão socio-ambiental com 40%.

- e, finalmente, com 6,67%, foram evidenciados “aspectos da alteração ambiental, ocorrendo no próprio ‘Caminho da Fé’”, percebidos principalmente antes do início da caminhada.

O quadro a seguir, colabora para o entendimento das respostas dos sujeitos:

Tabela 06- A caminhada (pode ajudar, está ajudando, ajudou) os participantes a pensarem na preservação do ambiente?

IDENTIFICAÇÃO DE TEMAS, QUESTÕES AMBIENTAIS E PROCESSOS OBSERVADOS NA PRÁTICA DA CAMINHADA. n = 7 participantes		ANTES		DURANTE		DEPOIS	
		nº resp.	(%)	nº resp.	(%)	nº resp.	(%)
TEMAS AMBIENTAIS	DESMATAMENTO	1	7,70	7	29,16	4	16,67
	BELEZA CÊNICA	2	15,37	4	16,67	2	8,33
	DEGRADAÇÃO	2	15,37	3	12,50	3	12,50
	LIXO	0	0	6	25	0	0
	ÁGUA	1	7,70	0	0	3	12,50
	SAÚDE E AMBIENTE	1	7,70	2	8,33	2	8,33
	CONSCIÊNCIA DOS PEREGRINOS	0	0	0	0	3	12,50
	EXTRAÇÃO DE AREIA	0	0	1	4,17	0	0
QUESTÕES AMBIENTAIS	DILEMA ECOLÓGICO: TEMPO, PRODUÇÃO E CULTURA	2	15,37	1	4,17	3	12,50
	QUESTÃO SOCIO-AMBIENTAL	1	7,70	0	0	3	12,50
PERCEPÇÃO DE PROCESSOS	ALTERAÇÕES DO MEIO AMBIENTE PERCEBIDAS DURANTE O TRAJETO	3	23,09	0	0	1	4,17
TOTAL	-		100		100		100

Antes de começar a caminhada, o maior percentual relacionava-se com as alterações do meio, percebidas com 23,09%. Como todos os participantes eram urbanos e haviam chegado ao destino inicial (local de obtenção da credencial) por meio de ônibus, a viagem até o local de credencial já havia proporcionado a visão de uma transição entre os ambientes degradados das grandes cidades e o ambiente rural da trilha, o que foi ilustrado pelas falas de dois sujeitos: “...*quero observar as alterações do meio ambiente e relatar passo a passo o percurso*” ou ainda, “...*mesmo antes de iniciar a caminhada é possível passar por ambiente urbanos degradados e ambientes rurais preservados*”.

O segundo maior percentual foi para o dilema ecológico, a beleza cênica e a degradação, com 15,37% cada um e, empatados, com 7,70%, os temas relacionados ao desmatamento, à água, à saúde e ambiente e às questões socioambientais.

Com relação ao dilema ecológico, os resultados puderam ser reforçados por intermédio de alguns dos discursos dos participantes sobre o assunto, no qual as palavras tempo, produção e cultura estão articuladas de forma contraposta, por exemplo, nessa afirmação com aparência de discurso romântico (RODRIGUES, 1979): “...*longe da população e da sociedade é que se dá importância para a natureza*”; ou ainda “*A observação e o contato de perto e “devagar” com a natureza permite observá-la melhor – da janela do carro é distante... é fugaz*”, em um discurso de tom mais contemporâneo.

Nos comentários que seguem é possível observar a disposição de refletir dos sujeitos, encadeando noções de tempo e espaço: “*A observação e a*

reflexão seguem a velocidade da caminhada. Há tempo suficiente para pensar e observar”, ou ainda, uma afirmação proferida por um outro caminhante: *“O contato direto, na velocidade dos passos, contribui para a observação mais acurada e com tempo para reflexão sobre a preservação”.*

A relevância de se pinçar esses trechos de diálogos está em mostrar que, ao longo do caminho, os sujeitos tinham questionamentos, conflitos, dilemas, interiorizavam e refletiam sobre isso. Desse modo, as alterações que estavam acontecendo com eles não eram somente do âmbito dos estados de ânimo, mas do “corpo” como um todo.

A beleza cênica colocada com o mesmo percentual da degradação, ambas incluídas no grande grupo dos temas ambientais, também refletia o dilema dos participantes: *“A trilha colabora para a percepção do grau de degradação... Mesmo com tanto verde a degradação é perceptível”.* Esse resultado é também apontado por Loureiro (2000), que afirma que a noção de crise e de ameaça à sobrevivência, aliada ao distanciamento entre teoria social e questão ambiental, facilitou a passagem de um ambientalismo “romântico ingênuo”, que sacralizava a natureza para a consolidação de uma nova versão, mais pragmática e utilitarista.

Durante a caminhada, o desmatamento foi o principal aspecto das reflexões ambientais, com 29,16%; o lixo ocupou o segundo lugar, com 25%; com 16,67%, os participantes destacaram a beleza cênica; com 12,50% a degradação; com 8,33% a saúde e o ambiente e, com 4,17% cada, a extração de areia, juntamente com o dilema ecológico: tempo, produção e natureza. Interessante ilustrar como os participantes percebiam o desmatamento: *“... muito verde... mas*

muitas áreas devastadas foram transformadas em pastos. Falta mata ciliar... Tem corte irregular de madeira. Roça nas matas... Falta mata nos morros”.

As observações dos participantes têm sentido, porque o intenso uso da terra, ocorrido após o século XIX, principalmente pela monocultura cafeeira, provocou, por um lado, o contínuo desmatamento e, por outro, o desenvolvimento econômico do Estado e do País, como afirmam Wanderley *et al* (2007).

O tema “Lixo” aparece sob três ângulos diferenciados. Um deles é gerado pelo próprio município que faz parte do caminho. O segundo, de pouca expressividade, é ocasionado pelos caminhantes que realizam a trilha; e um último “lixo”, de grande volume, com conseqüências bastante graves e que apenas é gerado nos locais de romaria, ou seja, no município onde se inicia o percurso (Tambaú/SP) e ao final (Aparecida/SP), provêm do deslocamento de massas turísticas, denominadas aqui como trânsito de romeiros.

O lixo gerado pelas cidades é o resultado das diretrizes adotadas pela política pública, específica de cada comunidade. Entretanto, os municípios que fazem parte do trajeto, deveriam tornar efetiva a expectativa de um desenvolvimento sustentável local por meio do turismo, pois da mesma forma que o recurso natural, o entorno e os serviços básicos de abastecimento merecem manutenção, restauração e melhoria para a própria população, esta também é uma condição básica para o fluxo turístico (PEARCE, 1981; KRIPPENDORF, 1989).

Tanto essa afirmação é verdadeira que, São Bento do Sapucaí e Sapucaí Mirim, foram excluídas do trajeto do “Caminho da Fé”, ao final de 2006, em função da degradação ambiental. Não é só lixo que é gerado pelas atividades físicas de

aventura na natureza. Várias de suas práticas, principalmente as que utilizam motores, no caso do “Caminho da Fé”, os veículos *off-roads* (4 x 4; motos e gaiolas), produzem alto impacto ecológico, como a destruição da vegetação, agressão à fauna silvestre, incêndios, lixo, erosão, colocando em risco ecossistemas frágeis, como já previa anteriormente Veblen (1974).

A ausência de indicadores de capacidade de carga que um atrativo turístico natural como uma trilha, pode suportar sem sofrer alterações, deixou de ser uma preocupação somente para os receptores, mas passou a ser uma outra condição para o fluxo de turistas, além do cuidado da comunidade com seu próprio município. No “Caminho da Fé”, existe uma pressão social por parte dos próprios caminhantes na preservação ambiental. Isso pode ser ilustrado por meio da seguinte citação de um dos participantes: *“A degradação da natureza é mal vista pelos moradores da região e pelos peregrinos”*.

Corral-Verdugo e Pinheiro (1999) acrescentam que, independentemente do perfil do público, algumas ações das variáveis situacionais podem interferir no comportamento pró-ambiental. São citadas: a pressão social para cuidar do ambiente, os arranjos planejados para que a conservação seja mais conveniente para os sujeitos e o efeito dos lembretes (*prompts* ou “bilhetinhos”) no comportamento de cuidado dos recursos naturais. Em relação ao caminho, os peregrinos guardavam seus guardanapos e plásticos de barra de cereal na mochila; havia certo monitoramento silencioso entre os participantes.

O deslocamento de massas turísticas provoca um impacto negativo no ambiente e entorno, em função da inadequação da capacidade de suporte do

local receptivo. Em relação ao “Caminho da Fé”, isso foi notado em dois momentos, durante a estada em Tambaú e na chegada a Aparecida.

Em Tambaú, neste estudo tomado como marco inicial do percurso, tem-se a figura do Padre Donizette, cuja fama de milagres difundiu-se atraindo romarias de pessoas à cidade, procurando restabelecimento e esperança (AZEVEDO, 2003).

No ano de 1955, o lixo dos romeiros era queimado em frente à Igreja Matriz e a Prefeitura Municipal da época dispunha apenas de doze varredores de rua. Essa situação foi modificada e, atualmente, as romarias em finais de semana, continuam acontecendo, mas houve uma adequação da infra-estrutura da cidade para recebê-las.

Em Aparecida/SP, ponto final do “Caminho da Fé”, durante o ano todo a cidade recebe romarias de até 1.500 pessoas, utilizando vários meios de transporte (ônibus fretados, cavalos, motos), além do fluxo de sete milhões de veículos ao ano, provenientes de todas as regiões do Brasil, o que ocasiona um inchaço urbano (SANTUÁRIO, 2005).

Essa população flutuante convive com a população efetiva da cidade de aproximadamente 35 mil habitantes em uma área de 121 km² (APARECIDA, 2005); sendo que, no dia 12 de outubro, durante a Festa de Nossa Senhora da Aparecida, são reunidos mais de 100 mil fiéis no Santuário (MARQUES SILVA, 2005).

Sendo assim há a preocupação pública e privada em absorver, não só o comportamento de consumo e gastos desse público, mas, também, o impacto

estrutural que essas demandas sazonais exigem, no que tange à disponibilidade de instalações, hospedagens, saneamento e limpeza pública, tráfego (desde o fechamento de ruas que circundam as festas ao controle do trânsito de carros, motos, ônibus de excursão e de linha, cavalos), ao oferecimento de equipamentos e serviços, tanto de saúde (ambulâncias e plantão de funcionários para o atendimento de eventuais ocorrências), como turísticos (patrocinando, promovendo e divulgando os *shows*). Porém, ocorreram alterações ambientais importantes na cidade e em seu entorno, afetando as condições de vida humana, dentre elas, contaminação de rios por esgoto doméstico, deslizamento de encostas, doenças endêmicas, presença de vetores e esgoto a céu aberto (BRASIL, 2002).

Embora o desenvolvimento permitido pela tecnologia potencialize grandes avanços e possibilite construir mecanismos que tornem mais fáceis os deslocamentos e a vida da maioria das pessoas, para a resolução da equação desenvolvimento e sustentabilidade, o homem não pode ser eximido de sua responsabilidade, pois suas ações, mesmo que aparentemente irrelevantes, são capazes de causar danos consideráveis ao ambiente.

Portanto, fica evidente a relevância da conscientização, para que ele venha interferir em menor escala no meio, sem interromper os ciclos naturais, não só em momentos de prática de atividades na natureza, mas também, em todos os seus contatos e experiências com o meio, agindo com ele e não contra ele, alerta Marinho (2001).

Ao final da caminhada o “desmatamento” permaneceu com percentual mais alto (16,67%). Posteriormente, apareceram todos empatados com 12,50%: a “água”, a “preservação do caminho”, a “conscientização dos peregrinos”, o “dilema ecológico” e a “questão socioambiental”. Depois vieram “beleza cênica”, “saúde e ambiente”, com 8,33% cada uma delas, e, encerrando, a “extração de areia” e o “dilema ecológico”, com 4,17%.

Todos os outros itens já foram discutidos anteriormente, por esse motivo será dada atenção especial à água potável, que durante o “Caminho da Fé”, se transformou também em uma questão socioambiental, a partir do momento em que deveria ser um recurso disponível básico e de qualidade, em qualquer lugar, para todas as pessoas.

No caso do “Caminho da Fé”, a água tem a conotação de sobrevivência e está diretamente relacionada às questões ambientais urbanas. Os comentários dos participantes sobre a água refletem essa preocupação. Um dos sujeitos salientou a *“...falta tratamento de água e esgoto”*; enquanto outro participante comentou: *“...Você percebe que não é nada sem um simples copo d’água. NAAAADAHH!”*, ou ainda na fala de um terceiro participante: *“...a gente começa a dar valor as coisas mínimas, como um copo de água”*. As três declarações se referiam à dificuldade de água potável em alguns trechos do caminho e no receio de beber a água das bicas, que poderiam estar contaminadas, considerando a virose de que alguns dos participantes foram acometidos durante o trajeto por esse motivo.

Acreditando ilustrar como a caminhada colaborou com a reflexão sobre a preservação ambiental, será relatada uma curiosidade acontecida no final do percurso. Três sujeitos que percorreram o caminho em dias alternados criticaram seriamente o mesmo lixão a céu aberto com um matadouro irregular próximo, na periferia de Sapucaí-Mirim/MG.

Um desses sujeitos, penalizado pelas crianças recolhendo o lixo, fez o seguinte depoimento sobre o quê aprendeu com o “Caminho da Fé” *“...conhecer melhor as necessidades das comunidades dependentes da natureza”*.



Figura 09- Crianças no lixão de Sapucaí Mirim/MG. Fonte: FORNI (2006).

Colabora com as reflexões, o enunciado de Loureiro (2000, p. 32):

a simples percepção e sensibilização para a problemática ambiental não expressa aumento de consciência, o que faz com que se retome o argumento sobre cidadania: *a consciência ecológica, para ser ecológica, precisa ser crítica.*

O incômodo causado pela situação socio-ambiental das crianças que vivem do lixão geraram imagens e críticas, não só desses participantes, mas de

tantos outros que realizaram o caminho. No entanto, isso não lhes melhorou a vida, apenas a cidade foi retirada do trajeto.

5) VENCER OBSTÁCULOS – SUPERAÇÃO:

Em resposta à: “(Você espera vencer alguns, ocorreram, você venceu) obstáculos ou dificuldades na caminhada?”

Tabela 07- Você espera vencer alguns, ocorreram, você venceu) obstáculos ou dificuldades na caminhada?

Vencer obstáculos n= 7 participantes	ANTES		DURANTE		DEPOIS	
	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)	Nº resp.	(%)
Sim	7	100	6	85,72	7	100
Não	0	0	1	14,28	0	0
Total	7	100	7	100	7	100

Nesta questão, inicialmente, todos os participantes acreditavam vencer os obstáculos da caminhada (100%). Durante o percurso, esse índice diminuiu, ficando com 85,72%. Ao final do trajeto, 100% afirmaram ter superado os obstáculos, o que é óbvio, pois só foram colhidos da amostra os participantes que terminaram a caminhada.

Os obstáculos apontados para a desistência do percurso foram: o término do período de férias, a queda em barranco e o agravamento de lesão crônica no joelho, durante a caminhada.

Tabela 08- Explicação de que tipo de obstáculos

OBSTÁCULOS CAUSADOS POR LIMITES: N = 7 participantes	ANTES		DURANTE		DEPOIS	
	N° resp.	(%)	N° resp.	(%)	N° resp.	(%)
Físicos/corporais	9	69,23	8	53,33	6	30
Psicológicos/interiores	2	15,38	0	0	2	10
Naturais	2	15,38	6	40	9	45
Sociais	0	0	1	6,67	3	15
TOTAL	13	100	15	100	20	100

Ao explicarem sua opinião de forma aberta, **antes do início da caminhada**, os participantes que concluíram o percurso acreditavam que os maiores obstáculos seriam aqueles causados por limitações físicas, com o índice de 69,23%; seguidos pelos obstáculos originados pelos limites psicológicos/interiores e naturais, cada um com 15,38%. Antes do início do trajeto não foram assinalados obstáculos por limites sociais.

Durante o trajeto, os obstáculos por limites físicos continuaram a ser citados, representando 53,33%, decrescendo em relação ao início. Reforçando esse resultado, um dos participantes comentou: *“O corpo adquire resistência e Deus ajuda”*. Os principais limites físicos/corporais apontados foram a falta de preparo físico para a atividade, o aparecimento de bolhas, em função do excesso de atividade não usual e/ou sapato inadequado, unhas amolecidas, dores físicas

no joelho, no pé, nas costas em função do peso da mochila, machucados, feridas, cortes, arranhões, cansaço, queimadura de sol, esforço físico acima do que estava preparado ou acostumado para realizar os percursos com alicate carregado com a mochila, retenção de líquido, inchaço, virose, entorses, desidratação e diarreias.

Com 40% foram evidenciados os obstáculos naturais; com 6,67% os obstáculos sociais, não sendo mencionados os obstáculos psicológicos/interiores, nesta fase da caminhada.

Ao final do percurso, os participantes apontaram como os principais obstáculos a serem superados aqueles relacionados aos limites naturais (45,00%), dentre eles: as barreiras naturais do relevo, como os aclives seguidos de declives; chuva torrencial; água contaminada; restrição de água potável; terrenos escorregadios por pedras soltas, areia e lama e o perigo de atropelamento, devido ao acostamento estreito na pista de asfalto; sendo o trecho próximo a Pindamonhangaba, o ponto mais destacado como perigoso e limitante da caminhada, por onde os peregrinos transitam em meio ao alto tráfego de veículos.

Os limites destacados, em segundo lugar, foram os físicos/corporais, 30%, seguidos pelos limites sociais, 15% e, com 10%, foram evidenciados os limites psicológicos/interiores. Os limites psicológicos/interiores que os participantes mencionaram foram: pensar em desistir, a impaciência com seus próprios limites e dificuldades e a oscilação na determinação de completar o trajeto.

É necessário observar que, no trecho final, os participantes enfrentaram as limitações sociais mais intensamente do que nas outras fases.

Foram citadas como superações do âmbito social: a ausência de companhia em muitos trechos, pois cada um ao final mantinha um ritmo individual, o grupo constituído durante a caminhada foi desfeito, a saudade da família que havia ficado em casa, a comoção pela miséria das crianças que vivem do lixo nas periferias mais próximas a Aparecida. Também nesse trecho, como limitação em função da interação social, foi apontada a má vontade na recepção do peregrino, o perigo de assalto na periferia das cidades maiores, já que o peregrino que vai a pé pelo “Caminho da Fé”, não é visto mais com admiração pelas comunidades próximas a Aparecida, mas sim, como um turista de bom potencial sócio-econômico.

Como evidencia Marinho (1999), a natureza tornou-se uma metáfora para os obstáculos e as dificuldades ocorridas na “vida real”, representando o escalar, o caminhar ou o nadar em ambiente natural, uma superação de limites ou uma forma de obtenção de lições de vida.

As análises dos dados obtidos com a Lista “LEA-RI” e com a “Escala T&B”, também foram apresentadas sobre a forma de tabelas para comportarem as três fases propostas pela pesquisa: **antes**, **durante** e **depois** da caminhada, dispostas a seguir.

b) Lista de Estados de Ânimo, Reduzida e Ampliada (LEA-RI) de Volp (2000):

Em resposta a “**1) Assinale em cada desenho o grau de como está se sentindo, nesse momento**”, os participantes ao selecionarem as faces que acreditavam refletir as emoções momentâneas de cada fase do trajeto com “X”, estavam preenchendo uma lista de estados de ânimo.

Dentre os estudos que englobam as chamadas “Listas de Estados de Ânimo”, como a LEP (Lista de Estados Presentes), com uma única coleta de dados (ENGELMANN, 1985), ou a LEA-RI, a qual, por utilizar-se de intervenção, exige duas coletas em pré e pós-testes (DEUTSCH, 1997; CRUZ, 1998; MORI, 2003), as formas de análise normalmente utilizadas são as técnicas de “Análise de Conglomerados” e “Análise de Correspondência Fatorial”, respectivamente.

No entanto, no presente estudo em que também se utilizou a LEA-RI, fez-se a análise dos quatorze estados de ânimo, facilmente reconhecidos e compreendidos, por seu uso no vocabulário coloquial (entre adjetivos e situação). Os sete participantes da pesquisa os declaram em três coletas: **antes, durante e depois** da realização a pé do trajeto conhecido como “Caminho da Fé” (425 km).

Contudo, em função dos objetivos propostos, os dados foram analisados, ainda no âmbito da estatística multivariada, mas através da metodologia de Análise de Componentes Principais. Esse método permite explicar a estrutura de correlação de um vetor aleatório que corresponde as p-variáveis aleatórias, através da construção de combinações lineares dessas

variáveis. As combinações lineares assim definidas são denominadas componentes principais e são não-correlacionadas entre si, e resumem ordenadamente toda variabilidade constante do conjunto original. Ainda, se é p o número de variáveis envolvidas no estudo, então é possível obter-se p componentes principais. O objetivo geral dos estudos nessa linha se refere à “redução do número de variáveis a serem avaliadas e interpretação das combinações lineares construídas”, o que equivale a substituir a informação contida nas p -variáveis iniciais envolvidas no estudo, pela informação contida em k ($k < p$) componentes principais não-correlacionadas.

Segundo o próprio processo de construção, a primeira dessas componentes é sempre a mais representativa em termos de variância, ou seja, explica a maior proporção da variância total de X , a segunda responde pela 2ª. maior quantidade de variação, e assim sucessivamente. As proporções da variância total que são explicadas pelas componentes, correspondem (na linguagem matemática) aos auto-valores λ 's da matriz de correlação (obtidos ordenadamente em ordem crescente) e seus vetores associados Y (s), às combinações lineares principais ou componentes principais dessa matriz. Nesse sentido, as K primeiras componentes explicam a maior parte da variação e então a análise e a interpretação dos dados originais pode ser centrada nesse novo conjunto de variáveis aleatórias (MINGOTTI, 2005).

Nessa direção, para análise dos dados do presente trabalho, através da metodologia Análise de Componentes Principais, foi utilizado o Programa SAS, versão 9.1; trabalho realizado em conjunto com o Prof. Dr. Antônio Carlos Simões

Pião e a Profa. Dra. Maria Lúcia L. Wodewotzki, ambos do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação, do Instituto de Geociências (IGDE, Unesp - Rio Claro). Quanto ao nível de significância estatística, foi utilizado o índice de 5% (ANEXO 05).

Além do que, o número de componentes ou fatores para cada trecho do percurso analisado, foi definido pelo critério implícito no sistema SAS, que considera no estudo as componentes relacionadas aos autovalores $\lambda \geq 1.0$, o que significa manter as combinações lineares que conseguem explicar pelo menos a quantidade de variância de uma variável original padronizada. E, para interpretação dos dados, analisa-se o valor numérico (valor absoluto) dos coeficientes de cada uma das variáveis na respectiva combinação linear. Quanto maior o valor desse coeficiente, maior é a importância dessa variável na explicação ou entendimento dessa componente. Ainda, valores positivos ou negativos desses coeficientes indicam contrastes ou comparações que definem o sentido das variáveis na respectiva componente.

Como nesse estudo foram consideradas, separadamente, as três fases do trajeto “Caminho da Fé”, obteve-se para análise três matrizes de correlação, correspondentes a cada um dos trechos (início, durante e final da caminhada). Desse modo, para o primeiro trecho ou início da caminhada foram identificados quatro componentes ou fatores que explicam 92,35% da variância total de uma variável padronizada. Para o segundo trecho, correspondente a fase durante a caminhada, três componentes que explicam 87,74% e, para o trecho

final da caminhada, dois fatores que explicam 78,78% da variabilidade total dos dados.

Tabela 09 – Escore de fatores da caminhada

Início da caminhada	4 fatores
Durante a caminhada	3 fatores
Final da caminhada	2 fatores

Sendo assim, para que pudesse haver comparação entre todas as fases da caminhada, optou-se pela seleção dos dois primeiros fatores de cada fase, os quais têm o maior peso (magnitude de variação compartilhada pelos itens que se agrupam para um campo ou fator), o que indica que são os fatores que mais captam a variância comum:

- O Fator 1 (F1), inicialmente com peso 3,28, teve, durante a atividade, o peso alterado para 4,68 e ao final chegou a 6,03.
- O Fator 2 (F2), que no início teve 2,65, durante a atividade teve o peso de 3,18 e ao final 2,64.

Cada um desses fatores originou, para cada um dos estados de ânimo, valores menores que um (1), tanto positivos, quanto negativos, o que expressa o quanto cada estado de ânimo, “ou variável observada está carregado ou saturado em um fator” (ANÁLISE FATORIAL, 2006, p. 02).

Valendo-se da aplicação da regra prática de “eliminar as componentes cujos autovalores são menores que uma fração da média”

(ANÁLISE FATORIAL, 2006, p. 04), dos números que apareceram em cada fator, foram selecionados todos os valores entre +/- 0,5.

Quando um dos quatorze estados de ânimo assumia valores maiores que 0,5 e menores que -0,5 eram considerados significativos, passando, então, a ser representativos ou com correlações substanciais.

Os outros itens foram retirados, já que tinham baixa variância e baixa correlação com o escore total, ou seja, eram pouco sensíveis à variação de respostas dos sujeitos, além de sua baixa saturação ao escore total.

Os sinais positivos e negativos das cargas fatoriais indicam relações diretamente ou inversamente proporcionais. Os valores de covariância zero entre as variáveis foram considerados como *sem correlação* ou *independentes*, sendo, eliminados.

Na seqüência, são apresentados e discutidos, com detalhes, os resultados dessa análise para cada um dos trechos da caminhada, ou seja, antes, durante e depois de completo o percurso. Todos os resultados a seguir foram extraídos do Anexo 5 (p. 236-239), tendo sido proposta a Tabela 10, com os “Coeficientes de Saturação dos estados de ânimo”, somente com dados relevantes para facilitar a compreensão.

Tabela 10 – Coeficientes de saturação dos itens por fator nas três fases da caminhada:

Estados de ânimo da LEA-RI	Antes		Durante		Depois		Tendência	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
Q1 - Feliz, Alegre	-0,71	0,62	0,78		0,94		↗	
Q2 – Ativo, energético		0,71	0,92		0,82			↗
Q3 - Pesado, cansado, carregado	-0,73				0,55		↗	
Q4 - Agitado, nervoso		0,73		0,55		-0,86		↘
Q5 - Agradável	0,70		0,63	0,62	0,84		↗	
Q6 - Desagradável					0,94			
Q7 - Triste			0,63	-0,59		0,86		↗
Q8 - Calmo, tranquilo		-0,49	0,78			0,91		↗
Q9 - Espiritual, sonhador					0,83			
Q10 - Inútil, apático								
Q11 - Leve, suave				0,92	0,90			
Q12 - Tímido			-0,80					
Q13 - Cheio de energia	0,90		0,80		0,80		↘	
Q14 - Com medo	0,71	-0,62		-0,79			↘	

FATOR 1

O fator 1 (F1) foi classificado como um índice global do estado de ânimo para a realização da caminhada, de acordo com o ponto de vista dos sete sujeitos.

Segundo Lucarelli e Lipp (1999, p. 14): “Para entender o significado dos fatores é preciso que se busque descobrir os *constructos hipotéticos* que estão *subjacentes*, através da análise de conteúdo dos itens, que têm carga maior naquele fator”; isto porque se supõe a existência de um padrão.

No caso de F1, denominado “disposição para a caminhada”, entende-se que seja um julgamento subjetivo dos estados de ânimo que

aparecem antes, durante e após a atividade. Essa afirmação acompanha a perspectiva de Engelman (1986), ao aplicar sua lista LEP (muito semelhante a LEA-RI), com intenção de investigar a presença de estados de ânimo no momento das respostas dos sujeitos.

Além disso, F1 foi considerado bipolar, por relacionar estados de ânimo subjetivos que se contrapõem. Por exemplo, agradável X desagradável; agitado e nervoso X calmo e tranquilo e assim sucessivamente. As escalas bipolares possuem, ainda, termos, na maioria das vezes adjetivos (ENGELMANN, 1977, 1978, 1986), que qualificam um conceito (um substantivo). Ao qualificar F1 tem-se que, quanto mais positiva a carga e maior o valor numérico desse componente, melhor a “disposição” (abreviadamente) para a empreitada. Os dados numéricos apresentados nas sentenças a seguir, tentam contemplar simultaneamente a bipolaridade dos estados de ânimo e uma ordem numérica crescente, tendo as contraposições como prioridade a ordem dos números.

Antes de começar a caminhada, o Fator 1 (F1) apresentou-se da seguinte forma:

$F1 = -0,73126 \text{ (pesado, cansado, carregado)} + 0,70331 \text{ (agradável)} - 0,71841 \text{ (feliz, alegre)} + 0,71841 \text{ (com medo)} + 0,90145 \text{ (cheio de energia)}$
--

Esse resultado indica a importância desses cinco estados de ânimo na definição desse fator, ou seja, na “disposição” para a caminhada.

Perceberam-se, em F1, dois valores com sinais negativos, contrapondo-se a dois valores com sinais positivos, restando, ainda, um último valor de carga positiva, de maior montante que os outros, que se referia a estar “cheio de energia”.

Nesse sentido, “feliz, alegre” e “pesado, cansado, carregado” são estados de ânimo inversamente proporcionais à F1. Enquanto que “com medo”, “agradável” e “cheio de energia” se relacionam em proporção direta à “disposição” para o início da caminhada.

Em outras palavras, quanto mais “cheio de energia”, “mais agradável” se encontrasse o estado de ânimo do sujeito no início da caminhada, maior “disposição” para a atividade e quanto mais “pesado, carregado e cansado”, menor a “disposição”, o que parece lógico. É importante salientar que o “medo” aparece como estímulo a F1, o que precisa ser melhor estudado.

Vale observar também que o estado de ânimo “feliz, alegre”, nesta primeira análise, aparece como “disposição” negativa (não se sentiam felizes e alegres nesse momento) em contraponto com o estado de ânimo “com medo” (as pessoas se sentiam mais amedrontadas no instante da aplicação do LEA-RI). Sendo assim, a evidência maior era de que elas não se sentiam felizes e alegres, mas se sentiam com medo. No entanto nas análises posteriores, à medida que a caminhada avança, ele será reajustado tornando-se positivo, ou seja, diretamente proporcional à F1, assim como acontecerá com o estado “com medo”, que se tornará inversamente proporcional a “disposição”.

Em termos de contraponto matemático, a “disposição” inicial para caminhada teve mais estados de ânimo carregados positivamente, ou seja, diretamente proporcionais à F1, do que negativamente; sendo que o estado de ânimo mais representativo foi o “estar cheio de energia”.

Durante a caminhada, após quatro a sete dias, o Fator 1 (F1), apresentou-se da seguinte maneira:

$F1 = - 0,80584 \text{ (tímido)} + 0,80584 \text{ (cheio de energia)} + 0,63948 \text{ (agradável)} + 0,63865 \text{ (triste)} + 0,78946 \text{ (feliz, alegre)} + 0,78946 \text{ (calmo, tranquilo)} + 0,92399 \text{ (ativo, energético)}$

Neste ponto da atividade, observou-se que se mantiveram dois estados de ânimo iniciais: o “feliz, alegre” e o “agradável”; neste momento, todos com sinais positivos, o que significa que estão relacionados em proporção direta à “disposição” para continuar a caminhada.

O estado de ânimo inicial “cheio de energia” transformou-se, durante a atividade, em “ativo, energético”, aumentando em termos de grau ou de intensidade.

Apareceram outros três estados de ânimo representativos: “tímido”, “calmo, tranquilo” e “triste”. O estado “tímido”, com carga negativa, encontra-se em correlação inversa à “disposição” para a caminhada (mais “tímido”, menos

disposição) e em contraponto com o estado “ativo, energético”; enquanto os outros dois novos estados: “calmo, tranqüilo” e “triste”, encontram-se diretamente proporcionais ao fator 1.

Importante salientar que “triste” está em relação direta à “disposição” para caminhada, dado que deverá ser checado e aprofundado em sua ocorrência nos outros instrumentos.

Nesse momento da caminhada, havia cinco valores positivos em contraponto com um único valor negativo. Nesse sentido, F1 foi considerado positivo, ou seja, com correlação direta à “disposição” para continuar a atividade, tendo como estado de ânimo de maior valor, o estar “ativo, energético”.

Depois da caminhada, o fator 1 (f1) mostrou-se:

F1 = + 0,55855 (pesado, cansado, carregado) + 0,80545 (cheio de energia) + 0,82796 (ativo, energético) + 0,83416 (espiritual, sonhador) + 0,84595 (agradável) + 0,90582 (leve, suave) + 0,94296 (desagradável) + 0,94296 (feliz, alegre)

O resultado final, não apresenta contrapontos, pois todos os coeficientes são positivos, representando a correlação direta dos estados de ânimo com a “disposição” final dos sujeitos após a caminhada.

Os estados de ânimo que apareceram inicialmente e se mantiveram por toda a caminhada foram: o “feliz, alegre” e o “agradável”. O “agradável”

sempre se manteve positivo; enquanto o “feliz, alegre” variou de negativo inicialmente, a positivo, durante e após a conclusão do percurso, demonstrando a bipolaridade na “disposição” para a execução do trajeto.

O estado inicial “cheio de energia”, evolui durante a caminhada para o estar “ativo energético”, ou seja, representam graus diferentes de um mesmo estado ânimo, sendo que, ao término do percurso, além de o grupo estar “ativo energético”, também estava “cheio de energia”.

O estado “pesado, cansado, carregado”, que inicialmente foi representativo, não apareceu durante a caminhada. Porém, voltou a constar como representativo, quando os sujeitos chegaram ao destino, após quatorze a dezesseis dias de caminhada.

Apareceram três estados de ânimo substanciais ainda não citados até o momento final da caminhada: “leve, suave”, “espiritual, sonhador” e “desagradável”, que se referiam ao saldo de estados de ânimo da jornada.

Vale ressaltar ainda que o estar “feliz, alegre” e o estado de ânimo “desagradável” apresentaram índices numéricos de mesmo valor (0,94296).

FATOR 2

O fator 2 (F2) pode, com cautela, ser entendido como a segunda componente principal para a execução de uma atividade como uma caminhada longa.

Acompanhando Engelmann (1986) parte-se do pressuposto de que não se podem esquecer das dimensões que acompanham a percepção das emoções. Se em F1 o padrão detectado referia-se à “disposição para caminhar”, F2, ao destacar itens como “pesado, cansado, carregado” ou ainda “leve e suave” em sua composição, aponta a relevância de itens ligados à dimensão do esforço físico do ato de caminhar. Engelmann (1986) propõe o uso do termo “reação” ao aplicar sua lista de estados de ânimo (LEP), afirmando que, diante das diversas reações possíveis, a primeira reação indicada é a mais representativa.

Hevner (1935, p.43) também define “emoção como uma forma de reação dos mecanismos corporais”.

Corroborando Myers (1999) ao definir as emoções como reações do organismo inteiro, envolvendo excitação fisiológica, comportamentos expressivos e experiência consciente, em vários contextos.

Dessa forma, optou-se neste estudo, por denominar F2 como a “variância de reação físico-emocional à atividade de caminhar” (abreviadamente “reação”).

Antes de começar a caminhada, o fator 2 (F2) apresentou-se da seguinte forma:

$F2 = - 0,62079 \text{ (com medo)} + 0,62079 \text{ (feliz, alegre)} - 0,49257 \text{ (calmo, tranquilo)} + 0,71576 \text{ (pesado, cansado, carregado)} + 0,73837 \text{ (agitado, nervoso)}$
--

Os cinco estados de ânimo iniciais, os quais foram relevantes na determinação de F2 (“reação”) são “feliz, alegre”, que apareceu contrapondo-se à “com medo”; “agitado, nervoso”, que contrapõe-se à “calmo, tranqüilo”, restando, ainda, um valor de carga positiva, denominado “cansado, pesado, carregado”, de relação direta com F2.

Dessa forma, “com medo” e “calmo, tranqüilo” foram considerados relevantes como estados de ânimo inversamente proporcionais à F2, pois, quanto mais “medo” e mais “calmo e tranqüilo”, menor a “reação”, enquanto que “feliz, alegre”, “agitado, nervoso” se relacionam em proporção direta à variância de reação físico-emocional para o início da atividade.

Em termos de contraponto matemático, a F2 no início da caminhada teve mais estados de ânimo carregados positivamente, ou seja, diretamente proporcionais, do que negativamente, embora predominassem estados de ânimo que desfavoreciam a atividade. Nessa fase, o estado de ânimo predominante foi o estar “agitado, nervoso”.

Durante a caminhada, o fator 2 (F2), apresentou-se da seguinte maneira:

$$F2 = - 0,79412 \text{ (tímido)} + 0,92733 \text{ (leve, suave)} - 0,59932 \text{ (triste)} + 0,62966 \text{ (agradável)} + 0,55717 \text{ (agitado, nervoso)}$$

Neste ponto do percurso, o único estado de ânimo que foi mantido do início até este momento foi o “agitado, nervoso”, em todos os momentos com o sinal positivo. O que significa que essas relações são relativas com a variância de reação físico-emocional dos sujeitos para a continuação da caminhada.

Foram considerados substanciais quatro estados emocionais diferentes dos iniciais. O estado “tímido” e “triste”, ambos com cargas negativas, encontram-se em correlação inversa, ou seja, quanto maior o estado “tímido” ou “triste” menor a reação físico-emocional. “Tímido” e “triste” contrapõem-se respectivamente aos estados “leve, suave” e “agradável”, considerados em correlação direta ao fator 2 (F2).

É necessário ressaltar que o estado de ânimo “agitado, nervoso”, neste caso, complementa o estado “tímido”.

Durante o trajeto, o F2 foi predominantemente positivo, tendo o “estar leve, suave”, como o estado de ânimo de maior valor numérico.

Depois da caminhada, o Fator 2 (F2) revelou este resultado:

$F2 = - 0,86002 \text{ (agitado, nervoso)} + 0,91761 \text{ (calmo, tranquilo)} + 0,86325 \text{ (triste)}$

O resultado final, apesar de apresentar um contraponto, ainda possui coeficiente positivo. O único estado de ânimo que apareceu em todos os momentos da caminhada foi o “agitado, nervoso”, sendo que, diferentemente das

fases inicial e durante, este estado apresenta-se nesta etapa negativo, ou seja, decresceu em relação à fase anterior.

O estado “calmo, tranquilo”, que apareceu no momento inicial e não foi considerado representativo durante a caminhada, volta a constar como relevante ao final do trajeto. Inicialmente com carga negativa, tendo uma relação inversa à F2; e ao término do percurso passa a ser positivo, refletindo uma relação diretamente proporcional à “reação” à atividade.

O estado “triste”, que apareceu durante o percurso como sendo um estado de ânimo representativo com carga negativa, consta também no final do trajeto, entretanto, com carga positiva. Isso demonstra que, além de influir diretamente na variância de “reação”, o estado “triste” aumentou de uma fase para outra.

Ao final do estudo, há evidência do estado “triste”, no entanto, o saldo para F2 foi positivo, porque os participantes apresentavam-se energizados (“ativos, energéticos”); “calmos e tranquilos” e “pouco nervosos ou agitados”.

Sobre os estados de ânimo Oliveira (2000) relata resultados semelhantes aos obtidos neste estudo, mas enfocando a importância do grupamento de viagem relacionado a questão emocional em atividades de aventura na natureza.

Em sua experiência de montanhismo em *Blanca Peak*, montanha com 4.275 metros no Colorado (EUA), com um grupo de cinco pessoas, por dez dias, o autor relatou alguns estados de ânimo durante o percurso, como a sua própria impaciência, ao se perguntar mentalmente “por que é que eles demoram

tanto?"; a atenção e receio de um passo errado de uma das montanhistas, já que as pedras do penhasco estavam soltas; e, ainda, a visível falta de ar e fadiga muscular de uma outra participante menos treinada. As duas, embora quase não se falassem, andavam juntas, em cumplicidade e apoio mútuo. Os outros dois participantes andavam mais a frente, conversando, sem se dar conta da seriedade da situação.

Para a realização do “ataque ao cume”, os participantes se agruparam a alguns metros, para chegarem ao topo juntos. Os estados de ânimo descritos nesse momento foram: excitação, alegria, alívio, cansaço, sensação de missão cumprida. O autor relata que “com certeza o gesto simples e simbólico desta chegada em grupo, significou muita coisa. Para uns foi o obstáculo físico vencido, para outros um obstáculo psicológico e para outros um obstáculo social” (OLIVEIRA, 2000, p. 112).

A sensação de missão cumprida de Oliveira (2000) é análoga ao término da disposição para caminhar dos sujeitos desse estudo; afinal eles haviam conseguido completar seu objetivo. Fazendo parte das reações físico-emocionais decorrentes da atividade física; a “alegria” foi mencionada em ambas as pesquisas, assim como o “cansaço” e a “excitação”, que neste estudo foi denominada como estado “ativo energético”.

Este estudo apontou ainda a diminuição do “medo” e uma tendência ao estado “triste” e “desagradável”, pelo término da representação subjetiva do que seria a caminhada, para cada um dos participantes.

C) Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson e Barton (1994)

Em função dos objetivos propostos e dos aspectos peculiares da amostra deste estudo, optou-se pelo uso de técnicas estatísticas multivariadas, embora outros estudos que utilizaram as Escalas T&B recomendassem outras técnicas. Entre elas pode-se citar as reduções por meio de múltiplas regressões com o uso de análise fatorial pelo método *Cronbach's alpha* como feita na pesquisa de Thompson e Barton (1994), ou ainda, por meio do uso de regressão linear, com método *enter* e aplicação posterior de regressão logística com o método *forward stepwise (WALD)*, como na investigação sobre valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental, de Coelho, Gouveia e Milfont (2006).

Para o cálculo estatístico foi utilizada a “Análise de Componentes Principais”, com a justificativa relacionada ao tamanho dessa amostra, sua assimetria com relação à faixa etária e a grande quantidade de dados gerada, já especificada na análise do instrumento LEA-RI, feita anteriormente.

Para execução deste trabalho participaram o Prof. Dr. Antônio Carlos Simões Pião, a Profa. Dra. Maria Lúcia L. Wodewotzki, ambos do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação, do Instituto de Geociências (IGDE, UNESP - Rio Claro - SP).

Para a análise da escala T&B original, foi utilizado o mesmo programa estatístico da análise anterior, o *SAS System*, versão 9.1, com 5% de significância (ANEXO 06).

No entanto, a importância da presente “Análise de Componentes Principais” e seu tratamento se devem ao fato de que, por meio dele, foi possível um aprofundamento do estudo desse grupo em especial. Além disso, permitiu selecionar informações e verificar, de forma preliminar, se houve ou não alterações nas atitudes ambientais, antes, durante e depois do percurso, assim como projetar algumas tendências.

Após a aplicação do Programa SAS, feito separadamente em cada fase do trajeto, surgiram três matrizes de covariância, sendo que o total de autovalores (*eigenvalue*) para a correlação matricial no início da caminhada foi de 30, com média 0,91. Durante o trajeto foram obtidos 32 autovalores, com média 0,97 e, ao final do percurso, foram obtidos 30 autovalores, com média 0,91; notando-se que a principal alteração de índices numéricos foi durante a caminhada.

Esses resultados foram reduzidos com o reconhecimento de padrões matemáticos, normalmente classificados por meio de similaridade, resultando nos seguintes atributos de correlação ou fatores, para cada fase do trajeto:

Tabela 11– Escore de fatores relacionados às atitudes ambientais na caminhada

Início da caminhada	6 fatores
Durante a caminhada	6 fatores
Final da caminhada	6 fatores

Dessa forma, para que pudesse haver comparação entre todas as fases da caminhada, optou-se pela seleção dos três primeiros fatores de cada

fase, que além de terem o maior peso (magnitude de variação compartilhada pelos itens que se agrupam para um campo ou fator), são os fatores que, mais captavam a variância comum. Assim:

- O Fator 3 (F3), inicialmente com peso 9,28, teve durante a atividade o peso alterado para 9,98 e ao final chegou a 11,66;
- O Fator 4 (F4), que no início teve 6,55, durante a atividade teve o peso de 7,03 e ao final 5,90;
- O Fator 5 (F5), inicialmente com peso 4,70, teve durante a atividade o peso alterado para 6,54 e ao final chegou a 5,63.

Da mesma forma que na análise do instrumento anterior (LEA-RI), foi verificado que cada um desses fatores originou, para cada uma das afirmativas, índices numéricos menores que um (1), tanto positivos, quanto negativos; o que expressava o quanto cada afirmação “ou variável observada estava carregada ou saturada em um fator” (ANÁLISE FATORIAL, 2006, p. 02), em termos de “atitudes ambientais” e “valores explicadores” relacionados à intenção de comportamento pró-ambiental.

Valendo-se da aplicação da regra prática de “eliminar as componentes cujos autovalores são menores que uma fração da média” (ANÁLISE FATORIAL, 2006, p. 04), dos números que apareceram em cada fator, foram selecionados todos os índices numéricos entre +/- 0,5.

Quando uma das trinta e três opiniões a cerca de temas relacionados as atitudes ambientais assumia índices maiores que 0,5 e menores que -0,5 eram

consideradas significativas, passando, então, a ser representativas ou ainda com correlações substanciais.

Os outros itens foram retirados, já que tinham baixa variância e baixa correlação com o escore total, ou seja, eram pouco sensíveis à variação de respostas dos sujeitos além de sua baixa saturação ao escore total.

Os sinais positivos e negativos das cargas fatoriais indicavam relações diretamente ou inversamente proporcionais.

Os índices numéricos de covariância zero entre as variáveis, foram considerados como *sem correlação* ou *independentes* sendo, eliminados.

Também foram excluídas cinco das trinta e três questões da “escala T&B” original (Q10, Q18, Q20, Q26 e Q30), por não apresentarem possibilidade de comparação numérica entre as três fases da pesquisa.

A seguir, serão apresentados os coeficientes principais de saturação e suas respectivas cargas fatoriais por fator; **antes, durante e depois** da caminhada, dispostos na Tabela 12, sendo que os resultados foram extraídos do Anexo 6 (p. 240 - 246), com o intuito de sintetizar os dados facilitando sua compreensão.

Tabela 12 – Coeficientes de saturação dos itens afirmações, atitudes e tendências, por fator nas três fases da caminhada:

Afirmações	Atitudes Ambient	Antes			Durante			Depois			Tendências		
		F3	F4	F5	F3	F4	F5	F3	F4	F5	F3	F4	F5
Q1- Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento	ECO												
Q2- Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	ECO		0,65	-0,59		0,54				0,51		↗	↗
Q3- Ameaças ambientais, tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio, têm sido exageradamente divulgadas.	APAT	-0,81			-0,94			-0,86			↗		
Q4- A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	ANTRO		0,84			0,87		0,60	0,69			↗	
Q5- É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	ECO	0,67	-0,52		0,82			0,95			↗		
Q6- A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	APAT	-0,56			-0,83			-0,83			↗		
Q7- Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	ECO						0,83		0,57	-0,60			↗
Q8- O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	ANTRO	0,57		0,90			-0,51	0,64		0,56	↗		↗
Q9- Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	APAT	-0,86			-0,94			-0,83			↗		
Q10- Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	APAT					0,90		-0,67					
Q11- Preocupa-me que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	ANTRO		0,79			0,70		0,51	0,82			↗	
Q12- Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	ECO	0,92			0,92			0,80			↗		
Q13- Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	ANTRO				-0,97			-0,95			↗		
Q14- O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	ANTRO		0,66			0,88		0,77				↗	
Q15- Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	APAT	-0,83			-0,57			-0,83			↗		
Q16- Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	ECO	0,82			0,51	0,66		0,95			↗		

Afirmações	Atitudes Ambient	Antes			Durante			Depois			Tendências		
		F3	F4	F5	F3	F4	F5	F3	F4	F5	F3	F4	F5
Q17- A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente	APAT									-0,60			
Q18- Os problemas ambientais não me importam.	APAT					-0,52							
Q19- Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	ANTRO	0,68					-0,59	0,57	0,65		↗		
Q20- Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	APAT												
Q21- Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	ECO			0,74	0,89			0,83			↗		
Q22- A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana.	ANTRO			-0,76			0,92	0,58		-0,71			↗
Q23- Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	ANTRO		0,84			0,78		0,66	0,70			↗	
Q24- A natureza é importante por que pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	ANTRO		0,89				0,84		0,57	-0,56		↗	
Q25- Dá-se ênfase excessiva à conservação.	APAT		0,53		-0,80			-0,67			↗		
Q26- A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	ECO				0,89								
Q27- Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	ANTRO	-0,56					0,91		0,66	-0,68			↗
Q28- Estar na natureza é um grande redutor de estresse para mim.	ECO	0,86						0,57				↗	
Q29- Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	ANTRO	0,79	0,56		0,51		0,68		0,52		↗		
Q30- Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	ECO	0,80				0,78				0,52			
Q31- O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa ideia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	ANTRO		0,75	0,59		0,62	-0,61			0,99		↗	
Q32- Às vezes os animais me parecem quase humanos	ECO	0,76			0,64			0,57			↗		
Q33- Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	ECO	-0,54					0,90		0,55	-0,69			↗

FATOR 3

O fator 3 (F3) foi classificado como um indicador global para o entendimento dos valores e das atitudes ambientais dos sete sujeitos, denominado de “intenção”.

O termo “intenção” do latim *intentione* é sugerido como “vontade, desejo, ou pensamento” (FERREIRA, 1986, p. 956), que pode ser fundamentado pela objetividade ou pela subjetividade de crenças, valores e atitudes.

Na psicologia, a intenção “é um impulso para a ação que já obteve aprovação, mas cuja execução é adiada para uma ocasião mais adequada” (CAMPBELL, 1986, p.329).

Para a composição de F3, foram selecionados os índices mais significativos ($> 0,5$ e $< -0,5$), por meio do resultado de carregamento das variáveis originais e de seus respectivos coeficientes da combinação linear.

Para facilitar a compreensão, foram mantidas as cores indicativas das atitudes avaliadas pela escala. Assim sendo:

Negrito– ECOCENTRISMO; Preto – ANTROPOCENTRISMO; Cinza – APATIA AMBIENTAL.

Antes de começar a caminhada, o Fator 3 (F3) apresentou-se da seguinte forma:

$F3 = -0,86$ (o esgotamento de recursos não é tão ruim) - $0,56$ (necessidade de preservação de recursos para manutenção da alta qualidade de vida) + **$0,80$** (razão importante para conservação é a preservação das áreas selvagens) + $0,79$ (relevância da conservação é assegurar padrão de vida bom e contínuo) - $0,81$ (exagero na divulgação sobre o desmatamento e camada de ozônio) - $0,56$ (paranóia dos ambientalistas) + **$0,67$** (tristeza com destruição das matas) - $0,83$ (Não dependência entre seres humanos e a natureza) + **$0,92$** (felicidade em passar tempo na natureza) + **$0,86$** (busca da natureza como redutora de estresse) + **$0,82$** (conforto na natureza quando se está triste) + $0,68$ (lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão) + $0,57$ (acampar/turismo acessível) - **$0,54$** (seres humanos como parte do ecossistema, assim como outros animais) + **$0,76$** (similaridade dos animais com os seres humanos)

Aglutinou-se as duas opiniões discordantes: “o esgotamento de recursos não é tão ruim” (- $0,86$) e a “necessidade da preservação de recursos para manutenção da alta qualidade de vida” (- $0,56$) por possuírem carregamento negativo e concordarem com as opiniões (positivas) de que “a razão mais relevante da conservação é assegurar um padrão de vida bom e contínuo”, com o índice de (+ $0,79$) e “uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens”, com o índice de (+ $0,80$).

Percebeu-se pelo contraponto semântico, que querem dizer a mesma coisa, ou seja, os participantes acreditavam na importância da preservação dos recursos para a manutenção da qualidade de vida.

Esse preceito é reforçado mais especificamente, ao se investigar o tema “desmatamento”, abordado como uma das respostas obtidas pelo Questionário Misto Trifásico (QMT) e que foi reflexão constante dos sujeitos, na propícia ambiência da Serra da Mantiqueira.

Assim as opiniões sobre “o exagero na divulgação sobre o desmatamento e camada de ozônio” com ($- 0,81$) e a “paranóia dos ambientalistas” com ($- 0,56$) foram inversamente proporcionais ao sentimento de “tristeza com destruição das matas” ($+ 0,67$), experimentado pelos sujeitos.

Em outras palavras, os sujeitos discordavam de que os problemas que o esgotamento de recursos causaria, o desmatamento e a degradação da camada de ozônio fossem exageros da mídia ou paranóia dos ambientalistas.

A afirmação que os “seres humanos não dependem da natureza”, com o índice de ($- 0,83$), aparece em correlação inversa; contrapondo-se a “sensação de felicidade em passar tempo na natureza” ($+ 0,92$); “busca da natureza como redutora de estresse” ($+ 0,86$); “conforto na natureza quando se está triste” ($+ 0,82$); “lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão” ($+ 0,68$) e a opinião de que “acampar é uma forma de turismo acessível” ($+ 0,57$).

Esses resultados complementam o padrão encontrado anteriormente, já que os sujeitos concordaram que os “seres humanos dependem da natureza”, não só para sobreviver ou manter a qualidade de vida, mas também

por associarem a essa relação, aspectos psicológicos, emocionais e afetivos, assim como fazerem referência ao lazer e ao turismo.

A última correlação de F3, na fase antes da caminhada, foi quanto ao posicionamento inversamente proporcional à afirmação de que os “seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais” com (- 0,54), em contraponto com a percepção de “similaridade dos animais com os seres humanos” (+ 0,76), de correlação direta.

Existe uma controvérsia nesse item, pois os sujeitos não concordam que fazem parte de um ecossistema assim como outros animais; apesar de apresentarem uma tendência predominante de atitude ecocentrista e concordarem com a outra afirmação, a de que existe “similaridade entre pessoas e animais”. Talvez essa dificuldade represente um problema semântico da escala T&B, que mereceria uma investigação mais aprofundada.

Em suma, esses resultados refletem um propósito pessoal dos participantes, envolvendo crenças, atitudes e valores, antes do início da caminhada; mas que poderia sofrer alguma interferência. Optou por condensar o fator (F3) no termo “intenção”.

Em termos de contraponto matemático, a “intenção” antes do início da caminhada tendeu a ser mais positiva em relação ao ambiente do que negativa. Os resultados, em termos de atitudes, apontaram seis atitudes negativas (dentre elas, quatro relacionadas à apatia ambiental) contra nove atitudes positivas, sendo sete delas ecocêntricas. Esse saldo de “intenção” (F3) pró-ambiental, corrobora com o maior índice numérico (+0,92) encontrado na sentença

estatística, expressa por: “preciso passar um tempo na natureza para ser feliz”, indicativo de atitude ecocêntrica.

Após quatro a sete dias caminhando pela Serra da Mantiqueira, o Fator 3 (F3), apresentou-se da seguinte maneira:

F3= - 0,97 (Ciência e tecnologia como solução de problemas ambientais) - 0,94 (Esgotamento de recursos naturais não é tão ruim) + 0,51 (Relevância da conservação é assegurar padrão de vida alto e contínuo)

- 0,94 (Exagero divulgação desmatamento e camada de ozônio) - 0,83 (Paranóia dos ambientalistas) - 0,80 (Ênfase excessiva a conservação) + **0,89 (Natureza é valiosa) + 0,89 (Tristeza em ver a destruição do ambiente natural) + 0,82 (Tristeza destruição das matas para uso agrícola e pecuário)**

- 0,57 (Não dependência entre seres humanos e a natureza) + **0,92 (Felicidade em passar tempo na natureza) + 0,64 (Similaridade dos animais com os seres-humano) + 0,51 (Conforto na natureza quando se está triste)**

Neste ponto da atividade, foi observado que basicamente as opiniões do início da caminhada, inclusive em termos de concordância e discordância (carregamentos dos sinais) foram mantidas, embora os índices numéricos tenham variado. Pode-se notar isso, por exemplo, na diminuição quanto à discordância

sobre “os efeitos ruins que o esgotamento de recursos pode causar” (de - 0,86 foi para - 0,94), ou ainda, quanto à redução da correlação direta com a “intenção” (F3) referente à “relevância da conservação como forma de assegurar um padrão de vida bom e contínuo”, que foi de + 0,79 para + 0,51.

Foram acrescentados, em F3 inicial, três itens que se identificavam em correlação direta a intensificação da “intenção” positiva a favor do ambiente. São elas: a discordância de que a “ciência e a tecnologia podem ser as soluções dos problemas ambientais”, apresentando o maior índice da sentença estatística para F3 (durante a caminhada) com o índice de (-0,97).

Uma outra afirmação relevante encontrada na sentença estatística durante a caminhada, foi de que os participantes se encontravam “tristes em ver a destruição do ambiente natural” com (+0,89) juntamente com a concordância de que a “natureza é valiosa” (+0,89), assim como negaram que existe uma “ênfase excessiva a conservação” com (-0,80).

Foram excluídas de F3, nesse novo preenchimento da escala T&B, as afirmações ligadas ao “acampar como turismo acessível” e a necessidade de manutenção de “lagos e rios limpos para recreação”, indicados antes da realização da caminhada.

É importante situar o contexto desse momento da caminhada. Os sujeitos estavam ao final da “fase de astenia e depressão” (COSTA, 1983, p. 220) iniciando a “fase de reorganização orgânica”, típicas de se manifestarem em atividades físicas prolongadas; tinham percorrido no mínimo 80 quilômetros a pé, já haviam visto uma boa amostra da ambiência, bem como vivenciado as

peculiaridades de um pedestrianismo longo em ambiente natural (bolhas, viroses etc.). Esclarecidas as circunstâncias, a “intenção” (F3), embora não estivesse tão claramente definida, tendia a ser positiva, ou seja, ainda pró-ambiental, como a tendo maior índice numérico (+0,92) para a mesma afirmação da aplicação anterior: “preciso passar um tempo na natureza para ser feliz”, que segundo a escala, reflete atitude ecocêntrica.

Em termos de atitudes gerais, para o período durante a caminhada, os sujeitos apontaram seis atitudes negativas (cinco delas de apatia) e oito atitudes positivas, dentre elas seis, mantendo sua relação com o ecocentrismo.

Ao final da caminhada, o Fator 3 (F3) mostrou-se:

F3= - 0,95 (Ciência e tecnologia como solução de problemas ambientais) - 0,83 (Esgotamento de recursos naturais não é tão ruim) **+ 0,80 (Felicidade em passar tempo na natureza)** + 0,77 (Preocupação com falta de madeiras pelo desmatamento) + 0,51 (Preocupação em ficar sem as reservas de petróleo) - 0,86 (Exagero divulgação do desmatamento e camada de ozônio) - 0,83 (Paranóia dos ambientalistas) - 0,67 (Ênfase excessiva a conservação) - 0,67 (Dificuldade em estar preocupado com temas ambientais) **+ 0,95 (Tristeza destruição das matas para uso agrícola e pecuário)** + 0,83 (Tristeza em ver a

destruição do ambiente natural) + 0,60 (Perda das florestas tropicais relaciona-se a descoberta de novos medicamentos)

- 0,83 (Não dependência entre seres humanos e a natureza) + **0,95 (Conforto na natureza quando se está triste)** + 0,66 (Melhor da reciclagem é a economia) + 0,64 (Acampar/turismo acessível) + 0,58 (Sobrevivência é a razão mais importante da conservação ambiental) + 0,57 (Lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão) + **0,57 (Busca da natureza como redutora de estresse)** + **0,57 (Similaridade dos animais com os seres-humanos)**

O resultado final apresenta pouca modificação em relação aos dados obtidos antes e durante a caminhada. Acrescentou-se com o índice (+ 0,51) obteve-se a “preocupação em ficar sem as reservas de petróleo”; com (+ 0,77) “a preocupação com falta de madeiras pelo desmatamento” e com (+ 0,60) a percepção de que a “perda das florestas tropicais relaciona-se a descoberta de novos medicamentos”; em correlação direta de concordância com as afirmações e a “intenção” pró-ambiental. Importante salientar que o tema “desmatamento”, nessa fase final da pesquisa, foi ainda mais evidenciado.

Dois outros coeficientes positivos, que ainda não haviam sido citados, apareceram: a “sobrevivência como a razão mais importante da conservação ambiental” com (+ 0,58) e uma visão utilitarista da reciclagem, por meio da afirmação o “melhor da reciclagem é a economia” com (+ 0,66); também

em correlação direta a “intenção” (F3) pró-ambiental, assinalada durante toda a pesquisa.

É importante apontar que as cargas dos índices numéricos em referência as opiniões existentes na escala, não se modificaram, não havendo alterações na bipolaridade das opiniões, apenas nos índices numéricos.

No cômputo geral de resultados após a caminhada, o número de “intenções” (F3) aumentou para vinte, refletindo uma tendência positiva dos sujeitos quanto à ambiência. Foram observadas seis atitudes negativas (todas de apatia ambiental) e quatorze atitudes positivas, sendo oito antropocêntricas e seis delas, ecocêntricas, o que representou um aumento, para a composição do fator 3, da quantidade de atitudes antropocêntricas.

No entanto, os maiores índices numéricos foram registrados para as afirmações “é entristecedor ver a destruição das matas” e “quando me sinto triste encontro conforto na natureza”, cada uma delas com (+0,95), que demonstram atitudes ecocêntricas.

De um modo geral, as “convicções” (F3) a favor do meio ambiente antes, durante e depois da caminhada, se mantiveram positivas, apesar de sofrerem algumas oscilações na fase “durante a caminhada”.

Houve uma diminuição da tendência às atitudes ecocêntricas, ao se analisar os três principais índices numéricos apontados para o F3 (“intenções”). Os resultados originados da fase “durante”, notou-se uma dissonância com relação ao aspecto “intenção ecocêntrica”, a qual diminuiu em relação tanto a fase inicial quanto a fase final da caminhada. Esse dado é bastante interessante,

entretanto, ele não foi procedente das respostas abertas dos participantes ao questionário misto trifásico; mas sim, esse resultado advém de uma inferência a partir dos dados estatísticos, recuperados pela Escala T&B, merecendo melhor destaque em futuros estudos.

O resultado obtido para F3 assemelha-se ao seguimento da pesquisa de Oliveira (2000, p. 115) que ao investigar por meio da prática, o sentido psicológico do montanhismo; o autor assinala que “uma elevação de consciência é comum a pessoas que vivenciam riscos, assim como, maior conhecimento sobre limitações e capacidades pessoais”.

Corroborando para esse entendimento, a fala de um dos sujeitos sobre a importância da caminhada para a reflexão sobre a preservação: “...a demonstração do que a destruição do ambiente e a sua falta de conservação ocasionam para o bem estar físico e espiritual”.

Fredrickson e Anderson (1999) obtiveram um resultado próximo ao que foi levantado com o grupo do “Caminho da Fé”.

Investigando os componentes afetivos que afloraram em dois grupos formados de forma diferenciada, para a realização de atividades físicas em áreas naturais (*Boundary Waters Canoe Area Wilderness/ Minnesota* e *Grand Canyon/Arizona*) por uma semana: as autoras relataram os benefícios espirituais que essas atividades do âmbito do lazer ou da recreação trazem à tona. Os benefícios espirituais são tipos de atributos biofísicos e sociais que ocorrem quando se está totalmente imerso no presente, o que possibilita que o senso de “self”, a subjetividade e objetividade sejam quebrados momentaneamente.

Essas experiências, que as autoras chamaram de “transcendentais”⁷, acontecem em lugares naturais e, normalmente, são resultados de intensas mudanças físicas e emocionais, causando alterações nos estados de consciência e nos níveis de acuidade sensorial.

Os benefícios ocorrem em diversos planos⁸. No individual tem-se saúde e bem-estar psicológico, melhora de auto-imagem e auto-satisfação, melhora do *status* na comunidade, firma uma identidade cultural. No plano social do indivíduo, gera estabilidade de relacionamentos (por exemplo, o familiar); melhora de seu *status* perante a comunidade, além de firmar a sua identidade cultural.

Thompson e Barton (1994) colocam na mesma categoria os ecocentristas e os espiritualistas, porque ambos julgam o ambiente, também, como um contexto de enriquecimento espiritual, direcionamento acompanhado nesse estudo.

Uma outra experiência semelhante aconteceu com Oliveira (2000) durante o *International Leadership Seminar* do *School Nols*. Durante o curso de educação experiencial por 21 dias, escalando o “Blanca Peak”, no Colorado (EUA), o autor descreve os diferentes aprendizados (físico, social e pessoal) propiciados pelo montanhismo.

⁷ “Frequently these types of powerful or ‘transcendent’ experiences are experienced in a natural outdoors setting, and are usually the result of intense physical and or emotional challenge” (FREDRICKSON e ANDERSON, 1999, p. 22).

⁸ Esses benefícios não atingem somente mente e corpo da pessoa. Colaboram também com a estrutura do ambiente, onde está sendo realizada a experiência. No plano ambiental da comunidade, onde ocorre o contato com a natureza, existem os benefícios econômicos que as atividades de lazer, turismo e recreação trazem. E em relação à natureza, o local ganha, pelos investimentos ali realizados, por melhorar suas condições e preservação.

A tendência de opinião para cada componente do Fator 3 pode ser observada na tabela de coeficiência (p. 211).

FATOR 4

O fator 4 (F4) entendido como a segunda componente principal, apresentou índices numéricos que focavam o uso dos recursos, em especial as florestas e matas; a questão econômica; o padrão e qualidade de vida, assim como o lazer e bem estar-humanos.

Optou-se por denominar F4 como “questionamento sobre gestão de recursos” (abreviadamente “gestão de recursos”).

O termo “gestão”, do latim *gestione* (FERREIRA, 1986, p. 849), tornou-se uma preocupação contemporânea na medida em que o gerir os recursos naturais, de forma sustentável, tornou-se uma das respostas para alguns dos problemas ambientais: poluição, concentração de recursos, degradação ambiental, pobreza entre outros.

Para Pol (2003, p. 237) a gestão ambiental remete ao “conjunto de ações preventivas e paliativas para minimizar os efeitos ambientais da atividade humana. A gestão ambiental é antes de tudo gestão do comportamento humano, tanto dentro como fora das organizações”.

O termo “gestão ambiental” está no âmbito dos macrossistemas nacionais, por estarem diretamente associado à implementação pelos governos de políticas ambientais, mediante definição de estratégias, ações, investimentos e

providências institucionais e jurídicas, com o intuito de garantir a qualidade do meio ambiente, a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável (POL, 2003; PHILIPPI JR. e MAGLIO, 2005). Entretanto, acredita-se que uma “gestão de recursos” possa ser também, pelo menos “pensada”, em pequena escala, ou seja, no dia a dia das pessoas e nas dinâmicas ocorridas com os microssistemas de que fazem parte (família, escola, local de trabalho, trajeto entre eles, etc.). Assim sendo, disponibilizou-se as análises a seguir.

Antes de começar a caminhada, o Fator 4 (F4) apresentou-se da seguinte forma:

F4 = - 0,52 (Tristeza destruição das matas para uso agrícola e pecuário) + 0,89 (Importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar humanos) + 0,84 (Perda das florestas tropicais relaciona-se a descoberta de novos medicamentos) + 0,84 (Melhor da reciclagem é a economia) + 0,79 (Preocupação em ficar sem as reservas de petróleo) + 0,75 (Desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida) + 0,66 (Preocupação com falta de madeiras pelo desmatamento) + 0,65 (Gostar de estar em ambientes naturais pelo contato com a natureza) + 0,56 (Relevância da conservação é assegurar padrão de vida alto e contínuo) + 0,53 (Ênfase excessiva a conservação)

Em F4 inicial, das dez opiniões recuperadas da “análise de componentes principais” apenas uma opinião possuía coeficiente negativo: a do sentimento de “tristeza com a destruição das matas para uso agrícola e pecuário” com -0,52.

Esse resultado de correlação inversa ao questionamento sobre “gestão de recursos” (F4), representa um contraponto com a visão utilitarista, pela qual acredita-se que as pessoas mantêm a atitude conservacionista, porque entendem que o conforto, a qualidade de vida, a saúde dependem da preservação dos recursos naturais e da saúde do ecossistema (THOMPSON e BARTON, 1994).

Os resultados para F4 inicial em termos de atitudes apontaram sete atitudes antropocêntricas, duas ecocêntricas e uma de apatia ambiental.

É relevante destacar que o maior índice apresentado foi sobre a “importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar humanos”, com (+ 0,89); seguida das duas concordâncias: “a descoberta de novos medicamentos ou não, está relacionada com a perda das florestas tropicais” e “o melhor da reciclagem é a economia”, ambas com (+ 0,84) cada, sendo esse, o segundo maior índice; todos os três antropocêntricos.

Os resultados apontados refletem uma percepção de que valores utilitários também são importantes na temática ambiental, mesmo que, em termos de microssistemas. Reforça este pensamento a declaração no questionário de um dos participantes sobre a importância de preservar a natureza e também de se

preservar, ilustrado pela declaração: *“Convive vinte e quatro horas com verde e repensa sua própria preservação”*.

Após quatro a sete dias caminhando, o Fator 4 (F4), apresentou-se da seguinte maneira:

F4= + 0,88 (Preocupação com falta de madeiras pelo desmatamento) + 0,87 (Perda das florestas tropicais relaciona-se a descoberta de novos medicamentos) + 0,78 (Melhor da reciclagem é a economia) + 0,70 (Preocupação em ficar sem as reservas de petróleo) + **0,66 (Conforto na natureza quando se está triste)** + 0,62 (Desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida) + **0,54 (Gostar de estar em ambientes naturais pelo contato com a natureza)** + **0,78 (uma das razões mais importantes para conservação é a preservação de áreas selvagens)** + 0,90 (preocupação com os temas ambientais) – 0,52 (problemas ambientais não me importam)

Com carregamento positivo em dezenove dos vinte itens, a maioria das afirmações da sentença estatística apresentou-se em correlação direta com F4, sendo que apenas a afirmação “problemas ambientais não me importam”, apresentou-se em correlação inversa (-0,52).

O maior índice apresentado foi de (+ 0,90), expresso por uma atitude apática de “para mim é difícil estar preocupado com os temas ambientais”.

Novamente na fase da pesquisa “durante” notou-se uma dissonância cognitiva, ao recuperar como principal atitude, diretamente correlacionada a “gestão pró-ambiental”: a apatia. O termo “apatia” refere-se a ausência de sentimentos do ponto de vista psíquico, um entorpecimento emocional ou desinteresse em relação ao meio ambiente (CAMPBELL, 1986, p. 48, 281).

Cabe ressaltar as circunstâncias dessa segunda aplicação, pois os sujeitos já haviam percorrido praticamente metade do “Caminho da Fé” e além de estarem bastante cansados, passavam por processos de recuperação como a virose que os acometeu. Ainda no campo hipotético, servindo-se de Worringer (1983), para o qual a relação do mundo interno com o ambiente externo resulta em conteúdos externos que podem se manifestar da expressividade a abstração; quando a interface homem e ambiente oferece afetividade, ele sente desejo de representar, como projeção sentimental. Quando essa interface não é “agradável”, ocorre uma necessidade pelo mundo interno de dissimular a realidade, reelaborá-la e reorganizá-la por meio de abstrações. Como a apatia neste momento específico mostrou-se um resultado estatístico relevante pela questão da incongruência em relação a F4, merece maior aprofundamento em estudos posteriores, ampliando o tamanho da amostra.

O segundo maior índice foi de (+ 0,88), expresso pela “preocupação com falta de madeiras pelo desmatamento”, seguido de (+ 0,87) que apontava a inquietação dos sujeitos com “a perda das florestas tropicais e a descoberta de novos medicamentos”. Vale acrescentar que já na metade do percurso, os sujeitos

já haviam tido oportunidade de ver e de refletir sobre as áreas verdes existentes na Serra da Mantiqueira.

Apresentando o índice de (+ 0,84) a questão de “economia pela reciclagem” e com (+0,75) a afirmação de que “o desenvolvimento continuado de terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida”, sendo que essas três menções já haviam sido feitas na lista do início da caminhada, alterando apenas os índices numéricos, o qual aumentou em todas elas.

Nesse ponto do percurso, o número de variáveis apontadas pelos sujeitos, se manteve em dez. Em termos de atitudes foram indicadas cinco atitudes antropocêntricas, três ecocêntricas e duas apáticas, sendo que a de maior índice numérico era uma atitude apática.

Ao final da caminhada, o Fator 4 (F4) revelou este resultado:

F4= + 0,82 (Preocupação em ficar sem as reservas de petróleo) + 0,70 (Melhor da reciclagem é a economia) + 0,69 (Perda das florestas tropicais relaciona-se a descoberta de novos medicamentos) + 0,66 (Preservação de recursos para manutenção de alta qualidade de vida) + 0,65 (Lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão) + **0,57 (Preferência pelas reservas naturais em vez dos zoológicos)** + 0,57 (Importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar humanos) + **0,55 (Seres humanos como parte do ecossistema, assim como os animais)** + 0,52 (Relevância da conservação é assegurar padrão de vida alto e contínuo)

Nove opiniões, todas correlacionadas diretamente, contribuíram para a constituição do fator “gestão de recursos” (F4) nesta última fase. Em termos de atitude, observou-se que sete delas eram antropocentristas e duas ecocentristas, reforçando o resultado inicial de que a “gestão de recursos” pensada pelos participantes, fundamentava-se em convicções pró-ambientais.

O maior índice apresentado foi a “preocupação em ficar sem as reservas de petróleo” com (+ 0,82) sendo que essa mesma afirmação, já havia aparecido no início da caminhada, com o índice de (+ 0,79).

O resultado do Fator 4 ao final da caminhada, repetiu as inquietações dos sujeitos (antes, durante e depois da caminhada) quanto “a perda das florestas tropicais e a descoberta de novos medicamentos” (+ 0,69) e “o melhor da reciclagem é a economia” (+ 0,70), porém com índices numéricos menores do que os índices apresentados nas fases anteriores. Apesar de o maior índice numérico revelar uma atitude antropocêntrica, o saldo final geral para F4, aponta uma tendência de diminuição de ambas as atitudes pró-ambientais citadas, em especial as antropocêntricas.

O fator 4 revela um interessante índice, por parte dos sujeitos, em questionar o quanto de modificações ambientais ocorreram decorrentes dos atuais padrões de consumo e de produção e como melhor administrá-las.

Independentemente das possíveis atitudes que os participantes pensavam em tomar com relação a “gestão de recursos”, é importante assinalar que ambas as convicções são expressões positivas a favor do ambiente. Para

Thompson e Barton (1994), as razões que levam as pessoas a manterem essas convicções é que são diferentes.

Os antropocentristas têm interesse de preservar os recursos, porque estes satisfazem suas necessidades humanas naturais, como a saúde, a qualidade de vida e/ou os desejos psicológicos, enquanto os ecocentristas não percebem a importância da conservação ambiental como um valor, mas como uma dimensão transcendente (THOMPSON e BARTON, 1994).

Para muitos autores (OVERTON e REESE, 1977; STOKOLS, 1990; THOMPSON e BARTON, 1994; MORAES, 1997; LOUREIRO, 2000; COELHO, GOUVEIA, MAJA e MILFONT, 2006), F4 ou a “gestão de recursos”, representa uma base motivacional fundada numa perspectiva pragmática e utilitarista do ambiente, no qual o interesse em manter a qualidade de vida, saúde e existência humana estabelece-se por meio de uma relação de troca, em que o homem preserva os recursos naturais e o ecossistema para seu próprio benefício.

FATOR 5

Ao se exporem durante 14 a 20 dias ao ambiente natural caminhando a pé, os participantes (como em inúmeras oportunidades foi mencionado por eles em seus discursos ou mesmo no preenchimento do questionário) tiveram tempo para refletir mais consistentemente sobre as dinâmicas ambientais e as inevitáveis e controversas ações humanas sobre elas.

Resume esse pensamento (LOUREIRO, 2000, p. 21) ao afirmar que “é preciso entender que a humanidade não domina a natureza, mas interage *com ela e nela*”. O que foi bastante acentuado na vivência da caminhada.

Para se estipular o fator 5, partiu-se do pressuposto de que as questões ambientais não apresentam apenas dimensões dos conhecimentos ecológico, biológico, tecnológico e cultural; ou dos valores éticos e estéticos do imaginário individual e social, mas também necessita para sua compreensão de reflexão crítica.

Se anteriormente concebia-se o ambiente como: natureza, pura e original, para ser apreciada e preservada; recurso, herança biofísica coletiva para ser gerenciada; problema a ser resolvido, poluição, deteriorização e ameaças; lugar para viver, refletindo a importância da educação para, sobre e no ambiente e os cuidados para sua preservação; biosfera, local para ser dividido, focando a interdependência dos seres vivos com os inanimados e projeto comunitário, envolvendo a análise crítica e a participação política da comunidade; o ambiente, mais contemporaneamente, também está sendo percebido a partir das inter-relações indivíduo-sociedade-natureza (SAUVÉ, 1997).

Por essa perspectiva o ambiente, é sugerido por meio de um conceito de continuum. Esse entendimento dialético de que um dos pólos determina as possibilidades do outro, impede que se façam afirmações idealistas de uma relação indivíduo-sociedade-natureza, como natural ou perfeita.

Loureiro (2000) expande a discussão ao explicitar que, por mais que se avance em termos tecnológicos, a espécie humana não conseguirá se

desvincular da natureza e da imposição de limites por ela propostos; que cada fase da humanidade construirá um tipo específico de relação com a dimensão natural e um conceito próprio e que as condições de atuação no ambiente serão definidas em função de cada modo de vida social, em interação dialética com as condições ecológicas de sustentação.

Reforçando essa tese, Gallegos, Juan e Montes (2005), ao analisarem o “Caminho de Santiago como uma caminhada longa pela natureza”, tema com maior aproximação com essa pesquisa, reconhecem que o peregrino contemporâneo é bastante distinto, dos primeiros peregrinos seculares, como também a sociedade pós-moderna e tecnológica. Os autores complementam, afirmando que, um não deixa de ser reflexo do outro; o que tem despertado na Espanha, numerosas publicações científicas e seminários, a esse respeito.

Essa idéia de contradição/mediação, que o homem pós-moderno vivencia, a psicologia, descreve como uma situação de conflito, ou seja uma circunstância de “luta mental ocasionada pela operação simultânea de necessidades, impulsos, desejos ou exigências internas ou externas antagônicas ou que se excluem mutuamente” (CAMPBELL, 1986).

É importante citar Layargues (2000) pois o autor amplia o termo, ao utilizar uma visão mais antropológica e ligada aos questionamentos da temática ambiental, sugerindo-o como “conflitos socioambientais”, que são “conflitos sociais que tem elementos da natureza como objeto e que expressam relações de tensão entre interesses coletivos/espacos públicos X interesses privados/tentativas de apropriação de espacos públicos” (LAYARGUES, 2000, p. 220).

Carvalho (1995) expande a discussão ao explicar que ao se deslocar o eixo da análise dos problemas ambientais para o dos conflitos socioambientais, deixa-se de mostrar a sustentabilidade física dos recursos, para se evidenciar a questão da sustentabilidade política.

A ressalta sobre a existência do conflito e das questões controversas dentro da temática ambiental, mesmo que percebida a nível individual, aqui foi feita, porque se acreditou necessária à compreensão dos processos reflexivos, pelos quais os participantes passaram, durante os quatorze a vinte dias que percorreram o “Caminho da Fé”.

Acompanham os resultados obtidos por Gouveia, Martinez, Meira e Milfont (2001) que, embora tivessem utilizado uma outra técnica estatística, acharam um problema parecido em sua pesquisa. Os autores asseveraram que no estudo sobre valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental não conseguiram comprovar:

no caso o conflito de valores, pode-se atribuir à natureza do objeto de estudo. A estrutura dinâmica dos valores pode ser apreciada claramente através do escalonamento multidimensional, e tem demonstrado valor preditivo em relação a variáveis externas ao modelo, como o contato social com exogrupos (GOUVEIA, MARTINEZ, MEIRA e MILFONT, 2001, p. 141).

Por meio das evidências de controvérsias em vários temas ambientais, obtidas por meio do Questionário Misto Trifásico (QMT), pressupôs-se que os sujeitos em muitos momentos, em relação a temática ambiental, experimentavam uma situação de conflito.

Vale ressaltar que os participantes possuíam um alto grau de escolaridade (91% com no mínimo terceiro grau incompleto), além de estarem predispostos a refletir, a discutir e a meditar, inclusive sobre as questões socio-ambientais do “Caminho da Fé”.

Assim denominou-se F5 como “questionamento sobre conflitos socio-ambientais” (abreviadamente “conflitos ambientais”).

Esse fator, diferentemente dos anteriores, apresentava uma variação estatística interessante, pois enquanto no início da caminhada foram indicados apenas cinco itens, durante e após a atividade enunciaram-se nove itens. O acréscimo de itens, para composição desse padrão, indicava que a partir do meio da caminhada, os sujeitos começaram a se atentar para o Fator 5.

Uma outra peculiaridade de F5 foi de que os mesmos índices, durante os três momentos de aplicação, ora eram correlacionados positivamente com o fator, ora correlacionados no momento seguinte, de forma negativa; sendo que ao final do trajeto, no preenchimento da última escala, os três itens constantes de toda a análise (**antes, durante e depois**), encontraram-se carregados positivamente, apresentando correlação direta com F5, o que dificultou trazer um sentido para o padrão estatístico.

Sendo assim, segue a análise do Fator 5 (F5) ou “conflito ambiental”.

Antes de começar a caminhada, o Fator 5 (F5) apresentou-se da seguinte forma:

F5= - 0,76 (A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana) - **0,59 (Gostar de estar em ambientes naturais pelo contato com a natureza)** + 0,59 (Desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida) + 0,90 (Acampar/turismo acessível) **+ 0,74 (Fico triste ao ver o ambiente natural destruído)**

O Fator 5 correlacionou-se diretamente com: o “acampar/turismo acessível” com (+0,90), o maior índice da sentença estatística; seguido da percepção de que o “desenvolvimento continuado das terras é bom, desde que não interfira na qualidade de vida”, com (+ 0,59). Já o “gostar de estar em ambientes naturais pelo simples fato, de estar em contato com a natureza” com (- 0,59) se relacionou inversamente a questão do “conflito socio-ambiental” (F5).

Pode-se observar um contraponto entre o “gostar de estar em ambientes naturais” e a opinião de que o “desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida”.

É necessário salientar que o “desenvolvimento continuado das terras” é um uso diferenciado do solo. Aliado às sucessivas adubações superficiais, pode resultar em alterações nos parâmetros físicos e químicos do solo, tais como compactação, o acúmulo excessivo de nutrientes e o aumento da incidência de doenças (KLUTHCOUSKI,1998). O que aparentemente poderia representar uma eficiência na gestão de recursos e tecnologia para o

desenvolvimento agrícola, também poderia ocasionar sérios danos ao solo, assim como desperdícios de nutrientes, adubos e inseticidas.

Dos cinco itens mencionados, todos pró-ambientais, três são positivos e reforçam as atitudes antropocêntricas; enquanto que uma das atitudes ecocêntricas é positiva, e a outra, de menor índice numérico, é negativa.

Após quatro a sete dias caminhando, o Fator 5 (F5), apresentou-se da seguinte maneira:

F5= – 0,61 (Desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida) + 0,68 (Relevância da conservação é assegurar padrão de vida alto e contínuo)

- 0,59 (Lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão) + 0,92 (Sobrevivência é a razão mais importante da conservação ambiental)

- 0,51 (Acampar/turismo acessível) + 0,91 (Preservação de recursos para manutenção de alta qualidade de vida)

+ 0,90 (Seres humanos como parte do ecossistema, assim como os animais)

+ 0,84 (Importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar humanos) **+ 0,83 (Preferência pelas reservas naturais em vez dos zoológicos)**

Neste ponto do percurso, o maior índice apresentado foi o da “sobrevivência é a razão mais importante da conservação ambiental” (+ 0,92), seguido pela “preservação de recursos para manutenção de alta qualidade de

vida” (+ 0,91), itens que não foram mencionados na sentença estatística anterior. A afirmação de “gostar de ambientes naturais” não foi citada nessa aplicação.

Com (- 0,61) o “desenvolvimento continuado das terras” encontrou-se em contraponto com (+ 0,68) da “manutenção do alto e contínuo padrão de vida como relevante para a conservação”. Enquanto o primeiro estava em correlação inversa com a questão do “conflito socioambiental”, o segundo item encontrava-se em correlação direta com F5.

A outra correlação é quanto à manutenção de um alto e contínuo padrão de vida e sua relação direta com o “conflito socioambiental” (F5).

O contraponto “lagos e rios devem ser mantidos limpos para diversão” (- 0,59), correlacionado inversamente a F5 e a “sobrevivência como a razão mais importante da conservação ambiental” (+ 0,92) de correlação direta a F5; foram entendidos como contrapontos em um mesmo eixo, pois se de um lado se tem a necessidade de conservar a água limpa para sobrevivência, do outro se reafirma a importância do lazer para manter a água limpa.

Com (- 0,51) foi observado que “acampar como turismo acessível, barato” se contrapôs a (+ 0,91) da opinião sobre a relevância da “preservação de recursos para manutenção de alta qualidade de vida”; sendo que a primeira afirmação foi colocada inversamente a F5 e a segunda resultou numa correlação direta.

Como os caminhantes estavam no meio do percurso, vivenciando a ambiência e haviam tido bastante tempo para reflexões, essa correlação

obedeceu similarmente a que aconteceu com a opinião contida sobre o “desenvolvimento continuado de terras”.

Como foi observado por meio de F5, em função da aplicação da escala em três momentos da caminhada, foi possível “capturar” alguns processos de reflexão em andamento, como a idéia do “conflito socioambiental”, exemplificado pelas afirmações: “acampar como turismo acessível, barato” e sobre o “desenvolvimento continuado de terras”, que inicialmente foram positivas e que durante a caminhada se apresentaram negativas.

Para compreensão dessa controvérsia, buscou-se Oliveira (2000, p. 127), que similarmente a esta pesquisa, investigou a importância do entendimento dos processos de formação de grupos, no qual programa composto por quinze indivíduos, durante 30 dias, convivendo 24 horas, os integrantes ficaram expostos em ambiente inóspito, ao realizarem atividades físicas.

Para o autor, durante a realização da atividade na natureza, os participantes passam pelas fases de: “formação do grupo”; “conflito – com o estabelecimento de objetivos e expectativas comuns”; “normatização e desempenho”. Oliveira assinala um segundo processo, pós o término da atividade em ambiente natural, que pode ou não ocorrer, denominado de “transferência”. Para Oliveira (2000, p. 130) “o processo de transferência é tanto maior, quanto maior a autonomia dos participantes formularem seus próprios conceitos e reexaminarem seus valores e hábitos”, durante a atividade.

Um outro exemplo da percepção dos sujeitos sobre a existência do “conflito socioambiental” foi com relação ao turismo, mencionado na afirmação

“acampar/turismo acessível”, que sofreu alteração ao se correlacionar com F5 nas três fases da caminhada.

Colabora para o entendimento da oscilação da correlação entre F5 e a afirmação de que “acampar é uma forma de turismo barato”; Krippendorf (1989), Pearce (1981), além de ecologistas e organizações não governamentais, bem como as próprias entidades públicas ligadas ao turismo, alertando para os efeitos negativos do deslocamento de massas turísticas ao meio ambiente, ao destino receptor e aos autóctones sem planejamento.

Os autores concordam que o recurso natural, sua população e entorno devam ser mantidos, restaurados e melhorados, contemplando a expectativa do que se convencionou chamar de turismo sustentável, que difere totalmente do turismo massificado e desorganizado, que produz impacto negativo derivado da pressão social, estrutural, econômica entre outras, na capacidade de suporte das comunidades e de seu entorno.

Articulando com a ambiência do “Caminho da Fé”, têm-se duas realidades de turismo acessível. A primeira relacionada aos romeiros excursionistas, pessoas de classe socio-econômica variada, com baixa cultura pró-ambiental, que se dirigem a Aparecida utilizando algum tipo de transporte auto-motor ou animal, para cumprir promessa ou para realizar compras. E a outra possibilidade de turismo acessível é feita pelos peregrinos, que são turistas, fiéis ou praticantes de atividades físicas na natureza que se deslocam a pé, ou utilizando bicicletas, com o intuito de cumprir promessa, explorar sua dimensão espiritual transcendente, testar seus limites, experienciar convivência social.

As três últimas opiniões sobre “participação humana no ecossistema” (+0,90), “importância da natureza” (+0,84) e “preferência pelas áreas naturais” (+0,83), não apresentaram contrapontos, possuindo carregamento positivo, ou seja, estavam diretamente relacionadas com o fator 5.

Enfim, foram ao todo, nove atitudes de concepção pró-ambiental, dentre elas duas ecocêntricas e sete antropocêntricas. A análise do índice mais representativo do fator 5 durante a caminhada, indicou que os participantes correlacionavam a questão da sobrevivência de forma direta ao “conflito socioambiental” (F5), com maior evidencia para a atitude antropocêntrica.

Ao final da caminhada, o Fator 5 (F5) revelou este resultado:

F5= - 0,71 (Sobrevivência é a razão mais importante da conservação ambiental) + 0,99 (Desenvolvimento continuado das terras é bom desde que não interfira na qualidade de vida)

- 0,69 (Seres humanos como parte do ecossistema, assim como os animais)

- 0,68 (Preservação de recursos para manutenção de alta qualidade de vida)

- 0,60 (Preferência pelas reservas naturais em vez dos zoológicos) + 0,51 (Gostar de estar em ambientes naturais pelo contato com a natureza) + 0,52 (razão importante de conservar o meio ambiente é a preservação de áreas selvagens)

- 0,60 (Tempo como solução de problemas ambientais)
- 0,56 (Importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar humanos) + 0,56 (Acampar/turismo acessível)

Na última fase da caminhada, o fator 5 foi composto por dez itens. Deles, destacaram-se três atitudes com carregamento positivo, uma delas antropocêntrica e duas ecocêntricas. Dos sete itens restantes, todos negativos, quatro representavam atitudes antropocêntricas e duas ecocêntricas.

Houve alguns contrapontos que mereceram ser destacados, como a “sobrevivência sendo a razão mais importante da conservação ambiental” com (- 0,71) e o “desenvolvimento continuado das terras aceito favoravelmente, desde que não interferisse na qualidade de vida” com (+ 0,99). O primeiro inversamente proporcional a F5 e o segundo diretamente proporcional ao fator analisado.

Com (- 0,60) a “preferência pelas reservas naturais em vez dos zoológicos” foi correlacionada inversamente a F5, contrapondo-se à afirmação de que os sujeitos “gostavam de estar em ambientes naturais pelo simples contato com a natureza”, com (+ 0,51) e a “razão importante de conservar o meio ambiente é a preservação de áreas selvagens” (+ 0,52), diretamente correlacionadas ao fator 5.

A “importância da natureza como contribuinte do prazer e bem estar” (-0,56) apresentou contraponto com “acampar – turismo acessível” (+0,56). Os outros itens não apresentaram contrapontos.

Torna-se importante destacar que as afirmações “acampar – turismo acessível” e o “desenvolvimento continuado de terras aceito como favorável” foram os itens que apareceram nas três aplicações da escala T&B, com correlações com F5 que oscilaram bastante.

O índice sobre “o uso contínuo de terra” foi o de maior valor numérico, denotava uma atitude antropocêntrica.

A análise final para F5, mostra dez atitudes, uma apática, quatro ecocêntricas e cinco antropocêntricas, sendo que de uma forma geral aponta uma tendência de diminuição de ambas as atitudes pró-ambientais citadas, em especial as antropocêntricas.

Ainda que fosse bastante interessante indicar números referentes a cada atitude e em cada fator, o estudo se propôs a apontar somente as tendências sobre esses fatores, que ficaram expressas por meio das setas ascendentes e descendentes, nas análises e discriminadas na tabela 12 “Coeficientes de saturação dos itens: afirmações, atitudes, valores e tendências, por fator e por fases” (p. 167-168).

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na triangulação de fontes apresentada a seguir, consegue-se obter uma visão mais completa sobre os principais dados obtidos pelos instrumentos utilizados na pesquisa exploratória. Por meio dessa última tabela, foi possível evidenciar os valores categorizados por Schwartz (2006).

Com isso chegou-se, de forma articulada, a conclusão de quais os estados emocionais estiveram presentes durante a atividade, se houve a internalização de valores e o desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao meio ambiente e se isso foi capaz ou não de fomentar o comportamento pró-ambiental.

Quadro 02 - Triangulação de fontes

		Antes do início	Durante o 4° ao 7° dias	Depois da caminhada
Estados de Ânimo	Disponibilidade para a caminhada (F1)	Cheio de energia	Ativo, energético	Desagradável, Feliz e Alegre
	Reação físico-emocional (F2)	Agitado, nervoso	Leve, suave	Calmo, tranquilo
Atitudes ecocêntricas e antropocêntricas	Intenção (F3)	Ecocêntrica: “Preciso passar um tempo na natureza para ser feliz”	Ecocêntrica: “Preciso passar um tempo na natureza para ser feliz”	Ecocêntrica: “Tristeza na destruição das matas”
	Questionamento sobre a gestão de recursos (F4)	Antropocêntrica: “importância da natureza para o prazer e bem-estar humanos”	Antropocêntrica: “preocupação com o desmatamento”	Antropocêntrica: “preocupação com a finitude das reservas de petróleo”
	Questionamento sobre conflitos socio-ambientais (F5)	Antropocêntrica: “Acampar como forma de turismo barato”	Antropocêntrica: “Sobrevivência é mais importante”	Antropocêntrica: “uso continuado de terras desde que não prejudique a qualidade de vida.”
Percepção sobre o trajeto/ ambiência		Bem sinalizado	Mal sinalizado	Mal sinalizado
Reflexões sobre a preservação da natureza		Percepção das alterações ambientais	Preocupação com o tema: desmatamento	Preocupação com o tema: desmatamento
Grupamento		Grupo anteriormente organizado	Companhia do grupo encontrado pelo caminho	Companhia do grupo encontrado pelo caminho
Razão da manutenção do grupamento		Incentivo	Incentivo	Incentivo
Principais obstáculos		Físico-corporal	Físico-corporal	Natural-geográfico

Em termos de disponibilidade (F1) de estados de ânimo, houve uma oscilação durante a prática, de “cheio de energia” à “feliz e alegre” junto com “desagradável”, ao término da atividade; sendo que no decorrer da caminhada, a disponibilidade esteve mais evidenciada por meio do estado “ativo, energético”.

Para as reações físico-emocionais (F2), a variação de estados de ânimo já era esperada, corroborando a literatura com diversos exemplos sobre esse assunto (COSTA, 1983; WILMORE e COSTIL, 1994; SCHMIDT e

WRISBERG, 2001). A menção inicial de “agitado e nervoso” equivale ao elevado nível de ansiedade e de ativação; do 4º ao 8º dia, já adaptados ao esforço, os participantes apresentaram-se “leves, suaves”, o que equivaleria ao nível moderado de ativação ajustado ao rendimento. Ao final, estavam “calmos e tranquilos”, que seria o relaxamento, com grau de ansiedade e ativação baixos após a atividade física.

Os estados de ânimo apresentados revelaram que os sujeitos estavam dispostos a realizar algo novo e diferente de sua rotina (o que efetivamente vivenciaram). Essas manifestações evidenciaram o valor de primeira ordem de Schwartz (2006), denominado de “**estimulação**” e o valor de ordem superior “**abertura à mudança**”.

O fato dos participantes irem sozinhos, sem familiares, indicou independência no pensamento e na tomada de decisão do que fazer em suas férias, o que remeteu a um outro valor de primeira ordem, chamado de “**autodireção**”, também ligado à “**abertura à mudança**”.

Os sujeitos antes da caminhada já eram pró-ambientais, ou seja, ambientalistas, pois, desde a escolha de um roteiro como este, para realizar em suas férias, associada à declaração de “contato com a natureza” como principal motivação, já indicava uma pré-disposição positiva em relação ao ambiente natural. **Durante todo o trajeto e ao final**, a principal atitude dos participantes foi **favorável ao ambiente**. Sua intenção (F3) “**ecocêntrica**” foi mantida do início à conclusão do programa, apesar de ter havido uma pequena oscilação durante a caminhada. **Suas intenções de relação com o ambiente**, transcenderam suas

dificuldades e limitações físicas e emocionais, mesmo que envolvendo algum desconforto, o que caracteriza as atitudes “**ecocêntricas**”.

As outras duas unidades de análise para as atitudes (F4 e F5), tiveram menor representatividade do que a intenção (F3). Correlacionavam-se à **questão prática** da relação pessoa-ambiente. Diferentemente do campo das intenções, revelaram posicionamentos **mais utilitaristas e pragmáticos** porque a **manutenção da atitude preservacionista na vida prática**, para eles, estava ligada à **gestão de recursos** (bem-estar humanos, prazer, desmatamento e combustíveis) e aos **conflitos socioambientais** (turismo acessível, a sobrevivência e ao uso continuado de terras). Articulando o resultado da escala T&B, com a resposta sobre o que aprenderam no caminho acerca de preservação ambiental, novamente, o tema “desmatamento” foi citado em dois momentos, seguido das “alterações ambientais”, citada apenas antes do início da caminhada.

Esse direcionamento aos benefícios materiais e vantagens revelou que “**os participantes, ao resolverem problemas concretos ou viabilizarem soluções, têm atitudes de ordem antropocêntricas**”; o que revela, mais uma vez o valor **autodireção**.

Em relação à **percepção da ambiência do trajeto**, os participantes evidenciaram a sinalização como o principal item observado. A **sinalização/orientação**, ao mesmo tempo em que é uma menção bem **objetiva**, pois os participantes discorreram sobre o assunto com profundidade, é, também, bastante **subjetiva**. Parafraseando Myers (1999, p. 135), e citando-o: “Percebemos o mundo não apenas como ele é, mas também como nós somos”,

pode-se inferir que os participantes, ao procurarem o “Caminho da fé”, estavam procurando também, uma sinalização (ou uma orientação), para seu estágio de transição de vida, o que é corroborado pela segunda principal motivação para a realização da caminhada: a “revisão de valores e busca de nova consciência”. Nesse sentido, novamente o valor de ordem superior **“abertura à mudança”** aparece por trás do discurso.

A presença dos valores de primeira ordem, **“benevolência”** e **“universalismo”**, foram clarificados ao se tratar do **grupamento** formado no percurso. A abertura à amizade, o apreço, os diversos apoios existentes chamados pelos membros do grupamento de “incentivo”, a tolerância, a responsabilidade e a compreensão, reforçaram o bem-estar das pessoas enquanto estavam juntas, assim como, a sensação de cuidar e ser cuidado, de colaborar e receber colaboração, de ajudar e ser ajudado e a coesão, causada pelos objetivos semelhantes e pela busca de um sentido na vida.

Vale ressaltar, no item **grupamento**, a necessidade de um aprofundamento sobre a contribuição psicológica favorável de participantes de equipe esportiva, com orientação voltada à aprovação externa e sua interligação com o comportamento pró-ambiental, que não foi possível verificar nesta investigação.

Dessa forma, de uma maneira geral, a característica de proteção ao meio ambiente, a união com a natureza, a busca de um mundo de paz, de beleza, de sabedoria, de harmonia interior e de justiça social, são evidências da presença do valor “universalismo”.

Tanto a “benevolência” como o “universalismo”, propostos por Schwartz (2006), **são abarcados por um valor de ordem superior denominado “auto-transcendência”**, que enfatiza a igualdade e a preocupação com o bem-estar dos outros.

A procura pelo contato com a natureza, por meio de uma trilha realizada a pé, tradicionalmente religiosa, num estágio de transição de vida; indica a presença de um outro valor, denominado **“tradição”** por Schwartz (2006). Esse valor, não está somente comprometido com o “romantismo” bucólico das origens do ambientalismo, mas, também, com a aceitação dos costumes e das idéias da cultura tradicional (mineira), da religião, da **devoção** (à Nossa Sra. da Aparecida), da **vida espiritual** e da **humildade**.

O valor **“tradição”** está presente na **perplexidade** e **submissão** diante da natureza relatada por um dos sujeitos: “... *insignificância humana frente à exuberância e grandiosidade da natureza*”, ou ainda no **despojamento** que acontece com os caminhantes, no momento em que se tem a real noção do que é se deslocar sem os veículos automotores, vivenciar as dificuldades de se vencer obstáculos geográficos, o tempo dispendido nesta operação, a impossibilidade de se transportar valores materiais além do necessário e a condição de exclusão daqueles que não conseguem caminhar por falta de preparo e de saúde.

Os sujeitos, ao mesmo tempo em que carregam consigo algumas “tradições”, que pertencem a um valor de ordem superior denominado **“conservação”**, também estavam pré-dispostos à **“abertura à mudança”**. Essa questão controversa, por si só, explicaria o conflito ecológico dos macrossistemas

(desenvolvimento *versus* conservação), ocorrendo no cotidiano dos microssistemas, em uma direção mais individual: a do conflito pessoal.

Os valores vivenciados no trajeto “Caminho da Fé” foram a “**estimulação**” e a “**autodireção**”, da categoria “**abertura à mudança**”; a “**benevolência**” e o “**universalismo**”, ligados à “**auto-transcendência**” e “**tradição**”, ligada ao valor de ordem superior “**conservação**”. É importante ressaltar que o “universalismo” a “auto-transcendência” e a “tradição” são apontados pela literatura como valores preditores de “**atitudes pró-ambientais**” (COELHO, GOUVEIA; MILFONT, 2006); CORTEZ, MILFONT; BELO, 2001).

Em termos de fomento de ações positivas por meio de atitudes pró-ambientais, os dados apontaram que elas dependem simultaneamente da intenção ecocêntrica, que envolve adesão a valores ambientais abstratos, mas também, à noções de ordem prática, como a gestão de recursos e de conflitos socioambientais, que estão diretamente ligados às atitudes antropocêntricas.

A transferência de conteúdos ou efetivação de comportamentos pró-ambientais necessita, ainda, ser mais bem explorada, provavelmente aumentando-se a dimensão da amostra, reduzindo-se a discrepância etária entre os sujeitos e utilizando-se uma metodologia etnográfica, capaz de promover o acompanhamento, com maior propriedade e por maior tempo os participantes dessa atividade, registrando-se, por meio de equipamentos de vídeo e outros meios, cada alteração desses aspectos.

Como considerações finais, infere-se que, mesmo que os estímulos tenham cessado ao final do trajeto com o término da atividade física e da

contextualização naquele ambiente, sua intensidade, quantidade e qualidade estimularam processos de reflexão. Associado as condições de alta interferência contextual/ambiental, que promovem melhor retenção e transferência do conteúdo aprendido; a pré-disposição ao diálogo; aos momentos em que declararam meditar e a identificação simbólica, na qual, por meio de uma analogia de sua vida com a caminhada, os participantes puderam perceber possibilidades de condução e transições de valores e novos sentidos para suas vidas.

A metodologia com aplicação trifásica, embora tenha sido responsável pela redução no número de sujeitos da amostra, em função da dificuldade de se obter os dados e acompanhar a pé os caminhantes, foi muito relevante. Por meio dela foi possível o registro por escrito dos resultados bidirecionais das interações pessoa(s)-ambiente(s), apontando as oscilações de estados de ânimo na atividade, da variação de questionamentos sobre alguns temas ambientais e dos momentos de conflito nas reflexões, em especial, aqueles que permearam as questões socioeconômicas e culturais.

Embora não indicasse diretamente o comportamento, evidenciou uma seleção de elementos que pudessem evidenciá-lo, de uma forma viável, tanto economicamente quanto em relação ao tempo disponível para a coleta em campo.

Os resultados obtidos pelo emprego da metodologia trifásica, colaboraram para o entendimento “*in loco*” acerca das ressonâncias da atividade física, mesmo do âmbito do lazer (já que não se tratava de atletas), em ambiente natural, por um período extenso de tempo.

Muitas outras articulações poderiam ser trabalhadas entre as idéias-chave (ambiente, pedestrianismo, estados emocionais) na temática estudada, pois, cada experiência adquirida na inter-relação pessoas-ambiente, em especial nas práticas que envolvem o lazer, representam mais oportunidades para o ser humano criar laços afetivos e desenvolver diversos tipos de relacionamentos (sociais e culturais), motivos e motivações, valores, atitudes, comportamentos, representações, significações e ressignificações.

Por meio dessa caminhada percebeu-se que laços, mesmo que informais, podem unir a Ciência da Motricidade às diversas áreas que tem a temática ambiental como foco. Embora em muitos aspectos ideológicos, políticos e econômicos elas se mostrem divergentes e contestem-se, a natureza integradora da palavra “ambiente” consegue permear, acolher, permitir o diálogo e a reflexão, individual e coletiva, possibilitando que se complementem em possíveis soluções integradas para um objetivo maior: a sustentabilidade e a vida.

REFERÊNCIAS

ADAS, M. **Geografia da América**: aspectos da geografia física e social. São Paulo: Moderna, 1982.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método das ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 108-178.

AMARAL, I. A. do. Educação ambiental e ensino de ciências: uma história de controvérsias. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 73-93, mar. 2001.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Thesaurus of psychological index terms**. 9th ed. Washington, 2001.

ANÁLISE fatorial: aspectos básicos. Out. 2006. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/teses96/camargo/anexo/apendice2.htm>>. Acesso em: 15 out. 2006.

ANTONIAZZI, A. As religiões no Brasil segundo o censo de 2000. **Revista de Estudos da Religião**, ano 3, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever-> Revista Eletrônica Rever> Acesso em: 14 dez. 2005.

APARECIDA. Prefeitura Municipal. Site oficial. Aparecida/MG, 2005. Disponível em: <<http://www.aparecida.sp.gov.br>>. Acessos em: 24 abr. 2005, 21 ago. 2005 e 08 dez. 2005.

ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 15.393**. Disponível em: <<http://www.hospitalidade.org.br/imprensa/releases/projeto-estimula-a-criacao-de-normas-para-o-turismo-de-aventura-no-brasil/?searchterm=definição%20hospitalidade>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

AZEVEDO, J. W. C. Quem é o Padre Donizetti Tavares de Lima. Perguntas e respostas. **Boletim Informativo da Associação de Fiéis do Pe. Donizetti**, Tambaú, ano 7, n. 65, p. 2, 2003.

BAKER *et al.* Deporte y agresión. In: _____. **Psicología del deporte**. Sevilla: Ediciones Morata, 2002. p. 91-135.

BARBEIRO, H. **História geral**. São Paulo: Moderna, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Ed. Setenta, 1977.

BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC - São Paulo, 1997.

BETRÁN, J. O. Rumo ao novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. p. 157-202.

BITTENCOURT, V.; AMORIN, S. Trekking – Enduro/Rally a pé. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, da educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 455-456.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 9-17, set. 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros: meio ambiente 2002**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/munic_meio_ambiente_2002/index.htm>. Acesso em: 07 dez. 2005.

BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, Washington, v. 32, p. 513 – 531, 1977.

_____. **The ecology of human development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 125- 140.

_____. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p. 25-46.

_____. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52.

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **O que é lazer**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMINHO da fé. Brasil. Informações. Disponível em:

< <http://www.caminhodafe.com/Brasil/informações.htm> >. Acesso em: 12 dez. 2005a.

_____. Mapa. Disponível em:

< http://www.caminhodafe.com/mapa_2er5t55/mapa.htm >. Acesso em: 14 dez. 2005 b.

CAMINHO de Santiago de Compostela. O portal do peregrino. Tabela de distâncias e altitudes. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com/tabela_dist.htm>. Acesso em: 21 jan. 2007.

CAMPBELL, R. J. **Dicionário de psiquiatria**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I. Psicologia ambiental – algumas considerações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 435-447, 1993.

_____. Pesquisas contextuais e seus desafios: uma contribuição a partir de investigações sobre arranjos espaciais em creches. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 8, n. 2, p. 289-297, 2003.

CARVALHO, I. **Conflitos sociais e meio ambiente**: desafios políticos e conceituais. Rio de Janeiro: IBASE, 1995.

CARVALHO, I. C. M. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000. p. 54-65.

COBRA, M. **Marketing básico**: uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 1983.

COELHO, J. A. P. M.; GOUVEIA, V. V.; MAJA; MILFONT, T. L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 199-207, jan./abr. 2006.

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J. Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 4, n. 1, p. 7-22, 1999.

CORREA, U. C. A interferência contextual: contribuições à aprendizagem motora. In: PELLEGRINI, A. M. (Org.). **Coletânea de estudos**: comportamento motor I. São Paulo: Movimento, 1997. p. 141-172.

CORTEZ, J. C.; MILFONT, T. L.; BELO, R. P. Significados psicológicos do lixo: um estudo através das redes semânticas naturais. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 21-27, jul./dez. 2001.

COSTA, L. P. C. Treinamento esportivo em regiões de altitude. In: PINI, M, C. (Org.). **Fisiologia esportiva**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983. p.211-228.

COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. **MotusCorporis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 96 – 112, 1998.

CRUZ, S. A. **A interferência da música e dança de salão no estado de ânimo de indivíduos da terceira idade**. 1998. 51 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEUTSCH, S. **Música e dança de salão: interferências da audição e da dança nos estados de ânimo**. 1997. 110 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

DUNLAP, R. E. et al. Measuring endorsement of the new ecological paradigm: a revised NEP scale. **Journal of Social Issues**, Oxford, UK, v. 56, n. 3, p. 425- 442, 2000.

DUPONT, P. **Parques Nacionales y Reservas de España y Europa**. Barcelona: Blume Ecologia, 1979.

ENGELMANN, A. Métodos lingüísticos na investigação de estados subjetivos. **Almanaque**, São Paulo, v. 5, p.93-95, 1977.

_____. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. LEP: Uma lista de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 38, n. 01, p.121–146, jan. 1986.

EXPEDITO, J. Mãe Aparecida, Missionária e discípula na vida do povo. **Revista de Aparecida**, Aparecida, SP: Santuário, Ano 5, número 54, setembro 2006.

FARINA, M. **A psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgar Blücher, 1982.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FESTINGER, L. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FIXX, J. **Guia completo de corrida**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

FORNI, L.S. **[Sem título]**. 2006. 01 fotografia.

FREDRICKSON, L. M.; ANDERSON, D. H. A qualitative exploration of the wilderness experience as a source of spiritual inspiration. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, Canada, v. 19, p. 21- 39, 1999.

GABRIEL, R.; SILVA, E. **Metodologia para avaliar as atitudes face ao ambiente**. Working Paper Series: CEEApIA WP No. 02/2005. Disponível em: <<http://www.uac.pt/~ceeapla/pt/pdf/papers/Paper02-2005.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

GALLEGOS, A. G.; JUAN, F. R.; MONTES, M. E. G. El Camino de Santiago como sendero de gran recorrido en la naturaleza. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 87, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 11 jan. 2007.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. O corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19 - 40.

GOMBRICH, E. **A história da arte**. São Paulo: LTC, 1996.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir**. Corporeidade e educação. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

GOUVEIA, V. V.; MARTINEZ, E. ; MEIRA, M. ; MILFONT, T. L. A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 6, n. 2, p. 133-142, 2001.

GREEMBERG, J. S. **Administração do estresse**. São Paulo: Manole, 2002.

GUERRA, L. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 1- 23, 2003.

GUILLAUMON, J. R. et al. **Análise das trilhas de interpretação**. São Paulo: Instituto Florestal, 1977. 57 p. (Boletim Técnico, 25).

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PASQUALI, Luiz. **Instrumentos psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM; IBAPP, 1999. p. 231-257.

HARRES, H. H. **História da arte brasileira**. Porto Alegre: Sagra, 1979.

HEVNER, K. Experimental studies of the elements of expression in music. **American Journal of Psychology**, Illinois, USA, v. 48, p. 246-268, 1936.

HOUAISS. Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=preserva%E7%E3o>> Acesso em: 05 mai. 2007.

ITAÚ CULTURAL. Site oficial. São Paulo/SP, 2005. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/cd_pagina=2125&cd_materia=1193> – *link* busca: “Marco Paulo Rolla – *site* Itaú Cultural – Educação - encontros com professores”. Acessos em: 15 mai. 2005 e 11 jan. 2007.

JOHNSTON, R.J. et al. **Diccionario de geografia humana**. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1981.

KARP, D. G. Values and their effect on pro-environmental behavior. **Environment & Behavior**, Beverly Hills, v. 28, p. 111-133, 1996.

KATES, R. W. De que modo o homem percebe sua ambiência. In: UNESCO. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O homem e seu ambiente**: coletânea de artigos da Internacional Social Sciences Journal, v. 22, n. 4, 1970. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975. p. 161-181.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KLUTHCOUSKI, J. 1998. **Efeito de manejo em alguns atributos de um latossolo roxo sob cerrado e nas características produtivas de milho, soja, arroz e feijão, após oito anos de plantio direto**. Disponível em : <<http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/busca.jsp?baseDados=ACERVO&fraseBusca=desenvolvimento%20continuado%20de%20terras&formFiltroAction=N&view=152186>>. Acesso em: 16 jan. 2007.

KOTLER, P. **Administração de marketing**: análise, planejamento e controle. São Paulo: Atlas, 1979.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LAYARGUES, P. P. Educação para a gestão ambiental: a cidadania do enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000. p. 87-156.

LEE, T. **Psicologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LEME, L. Z. **A solicitação do meio e a construção das estruturas operatórias em crianças com dificuldades de aprendizagem**. 1996. Tese (Doutorado) – Instituto, Universidade, Campinas, SP, 1996.

LIMA, P. **[Sem título]**. 2006. 3 fotografias.

LOPES, J. R. Imagens e devoções no Catolicismo Brasileiro. Fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 1-16, 2003. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_lopes.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2006.

LOUREIRO, C. F. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000. p. 13- 52.

LUCARELLI, M. D. M.; LIPP, M. E. N. Validação do inventário de sintomas de stress infantil – ISS-I. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 1, p. 1-19, 1999.

MACHADO, A. **Neuroanatomia funcional**. São Paulo: Atheneu, 2000.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: da Educação Física Escolar ao Esporte de Alto Nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre, RS: Sulina, 1997.

MAGILL, R. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgar Blucher, 1984.

MAGLISCHO, E. W. **Nadando ainda mais rápido**. São Paulo: Manole, 1999.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

MARINHO, A. Do bambi ao rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas, SP, n. 3, p. 33-41, 1999.

_____. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 2, p. 143-153, 2001.

_____. ; SCHWARTZ, G. Atividades de aventura como conteúdo da Educação Física: reflexões sobre seu valor educativo. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 88, p. 1-7, set. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 07 fev. 2006.

MARQUES SILVA, L. C. **Caminho da fé: passo a passo**. São Paulo: Scortecci, 2005.

_____. **Caminho: De Tambaú a Aparecida**. São Paulo: Scortecci, 2004.

McARDLE, W. D.; KATCH, F. T.; KATCH, V. L. **Exercise physiology: energy, nutrition and human performance**. 4th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

MENDES, G.; MARCOVICCHIO, M. **Nossa Senhora Aparecida. Aparecida Santa Cidade**. Roteiro de Dorinho Marques e Dori Neto. Aparecida: Reserva Especial Cinema e Vídeo; Mário Marcovicchio Produções, 1995. 1 videocassete (40 min.), VHS, son., color.

MINGOTI, S. A. **Análise de dados através de método de estatística multivariada**: uma abordagem aplicada. Belo Horizonte : UFMG, 2005.

MORAES, A. C. R. **Meio ambiente e ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOREIRA, J. C. C.; PALOMARES, C. A interação social torcida-atletas em competições de *down-hill*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE DE AVENTURA., 1., 2006, Camboriú, SC. **Anais...** Rio Claro: UNESP/Instituto de Biociências/LEL - Laboratório de Estudos do Lazer, 2006. v. 1.

MORI, P. M. **A interferência da música na ginástica rítmica**: estados de ânimo e qualidade de movimento. 2003. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

MYERS, D. **Introdução à psicologia geral**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

NABO FILHO, M. Conselhos do doutor. **Simbora**, Águas da Prata, ano 1, n. 1, p.09, out./nov. 2005.

OLIVEIRA, F. R. Aventura, aprendizagem e desenvolvimento pessoal. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras**: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p.11-134.

ORTIZ, R. **Um outro território**. São Paulo: Olhos D'Água, 1996.

OVERTON, W.; REESE, H. General models for man-environment relations. In: Ambrose (Org.). **Ecological factors in human development**. Netherlands: North-Holland Publishing Company, 1977.

PADOVANI, E. G. R. **O caminho da fé e o turismo religioso**. Artigos do Centro Universitário Salesiano de São Paulo/2004. UNISAL. Disponível em:

<<http://www.am.unisal.br/publicacoes/artigos-68.asp>>. Acesso em: 18 dez. 2005.

PARLEBAS, Pierre. **Elementos de sociologia del deporte**. Málaga: Junta de Andalucía/Universidad Interntional Deportiva de Andalucía, 1988.

PATTON, M. **Qualitative evaluation methods**. London: Sage, 1990.

PEARCE, D. **Tourist development**. Nova Yorque: Longman. 1981.

PHILIPPI JR, A.; MAGLIO, I. C. Política e gestão ambiental: conceitos e instrumentos. In: PHIPIPI JR, A; PELICIONE, M. C. F. (Org.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri: MANOLE, 2005. p. 217-256.

PINHEIRO, J. Q. et al. **A escala de ecocentrismo e antropocentrismo como base de indicadores do vínculo pró-ambiental de estudantes universitários**. Natal: Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

(Apostila).

POL, E. A gestão ambiental, novo desafio para a psicologia do desenvolvimento sustentável. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 8, n. 2, p. 235- 243, 2003.

PORTO, J. B.; TAMAYO, A. Escala de valores relativos ao trabalho – EVT. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 145-152, maio-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n2/a06v19n2.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

REICHARDT, R. Como medir a ambiência. In: UNESCO. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O homem e seu ambiente**: coletânea de artigos da Internacional Social Sciences Journal, v. 22, n. 4, 1970. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975. p.183-202.

RIBEIRO, G. L.; BARROS, F. L. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 27 – 42.

RIBEIRO, I. C. **Ecologia de corpo & alma e transdisciplinaridade em educação ambiental**. 1998. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas. 1989.

RICHENA, A. 430 km: seu corpo está preparado para este desafio? **Simbora**, Águas da Prata, ano 1, n. 1, p. 06 – 07, out./nov. 2005.

RODRIGUES, A. M. et al. **Antologia da literatura brasileira**: textos comentados. São Paulo: Marco, 1979.

RODRIGUES, S. M. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 109-124, jun. 2003.

ROTEIRO metodológico para gestão de área de proteção ambiental. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/guiadechefe/guia/anexos/anexo9e.pdf>>. Acesso em: 05 mai 2007.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTIN, S. Corpo simplesmente corpo. Temática: Escola X movimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, ano 8, n. 15, p. 57-73, dez. 2001.

SANTOS, J. F. B. Dia mundial da caminhada – Brasil. In: LAMARTINE DACOSTA (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, da educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p 582-587.

SANTUÁRIO Nacional Nossa Senhora de Aparecida. Aparecida: Canal 20, 2005. Apresenta informações sobre a basílica brasileira. Disponível em:

<http://www.santuaronacional.com.br/index.php?id_canal=20> Acesso em: 18 dez. 2005.

SAUVÉ, L. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 6, n. 10, jul./dez. 1997. Disponível em: <www.ufmt.br/revista>. Acesso em: 10 dez. 2006.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. **A aprendizagem e performance motora**: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SCHMIDT, R. F. **Fisiologia sensorial**. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SCHULTZ, P. W.; ZELEZNY, L. Values as predictors of environmental attitudes: evidence for consistency across 14 countries. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, Canada, v. 19, p. 255-265, 1999.

SCHULTZ, P. W. et al. Implicit connections with nature. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, Canada, v. 24, p.31-42, 2004.

SCHWARTZ, G. M. **Atividades lúdicas e educação física**: possível dissonância? 1997. 181 p + anexos. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. Homo expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, H. T. **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.87 – 99.

_____. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 139-168.

_____. **O conteúdo virtual do lazer**: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

_____. et al. Atividades na natureza e turismo de aventura: (des)envolvimento e (dês)compromissos éticos. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER – ENAREL, 17., 2005, Campo Grande. **Caderno de Resumos...** Campo Grande: UCDB, 2005, p.28.

SCHWARTZ, S. H. Basic human values: theory, methods, and applications. **Basic human values: an overview**. Disponível em: <<http://www.fmag.unict.it/Allegati/convegno%207-8-1005/Schwartzpaper.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2007.

SELTIZ, J.; DEUTSCH, C. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder; Universidade de São Paulo, 1971.

SERRANO, C. **A educação pelas pedras**: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000.

SILVA, A. L. Devoções populares no Brasil: contextualizando algumas obras das ciências sociais. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 30-49, 2003.

SILVA, R. L. **Gênero, discriminação, homossexualidade feminina e lazer**. 2000. 86 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2000.

_____. **As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a ressignificação do papel feminino**. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

SPOSITO, C. **Corridas em trilhas**. Disponível em: <http://sposito.com.br/artigowebventure_2003_09_18.asp>. Acesso em: 25 jan. 2007.

STEIL, C. A. Aparições de Nossa Senhora, tradição e atualidade. **Revista Grande Sinal**, Petrópolis, ano 49, n. 5, p. 545-555, set.-out. 1995.

STERN, P. C.; DIETZ, T. The value basis of environmental concern. **Journal of Social Issues**, Durham, v. 56, p. 407-424, 1994.

STOKOLS, D. Environmental psychology. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, USA, n. 29, p. 253-295, 1978.

_____. Conceptual strategies of environmental psychology. In: STOKOLS, D. (Org.). **Handbook of environmental psychology**. New York: John Wiley, 1987. p. 41- 70.

_____. Instrumental and spiritual views of people-environment relations. **American Psychologist**, Washington, n. 45, p. 641- 646, 1990.

TABANEZ, M. F. et al. Avaliação de trilhas interpretativas para a educação ambiental. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. Brasília: CDU, 1997. p.89-102.

TANNER, R. T. **Educação ambiental**. São Paulo: Summus; Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

TEIXEIRA, F. et al. **Pedestrianismo**. Disponível em:

<<http://www.kennedy.br/deprtransportes/pedestrianismo.html>>. Acesso em: 03 fev. 2006.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Cortez; AA, 1985.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMPSON, S. C. G.; BARTON, M. A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, Canadá, n. 14, p.149-157, 1994.

VASCONCELLOS, J. M. **Avaliação da visitação pública e da eficiência de diferentes tipos de trilhas interpretativas no Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato – PR**. 1998. 141 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

VÁZQUEZ GALLEGO, J.; SOLANA, M. R.; QUINTAS FERNÁNDEZ, C. **Consejos médicos para el peregrino**. Barcelona: Paidotribo, 2004.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril, 1974.

VENDITTI JÚNIOR, R.; WINTERSTEIN, P. J. Aspectos da liderança na Pedagogia do Movimento: Um fator psicológico no ambiente dos esportes, jogos e atividades físicas. **Revista Lecturas**, Educación y Deportes. Buenos Aires: v.10, n. 83. 2005.

VOLP, C. M. **LEA para populações diversas**. Rio Claro: UNESP, 2000. Relatório Trienal apresentado à CPRT, UNESP, 2000.

WANDERLEY, M. G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, G. J.; MELHEM, A. M. T. S. **Flora fanerogâmica do estado de São Paulo, Brasil**. v. 1. Disponível em:

<http://www.ibot.sp.gov.br/PESQUISA/florasp/flora_introducao.htm>. Acesso em: 25 jan. 2007.

WEBRUN. Brasil. **Corridas de rua**. Disponível em: <http://www.webrun.com.br/corridasderua/index.php?destinocomum=historico_mostra&id_noticias=43>. Acesso em: 05 fev. 2006.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

WILLMORE, J. H; COSTILL, D. L. **Physiology of sport and exercise**. Champaign: Human Kinetics, 1994.

WINTERSTEIN, P. J. **Motivação, Educação Física e Esporte**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo: editora USP. Vol.6, n. 1, p.53-61, jan/jun. 1992.

WORRINGER, W. **Abstracción y naturaleza**. 3. ed. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1983.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, RESOLUÇÃO 196/96)

EU, _____, RG. _____,
DO SEXO _____, NASCIDO EM _____, MORADOR E
DOMICILIADO À (RUA/AV.) _____, Nº _____, NA
CIDADE DE _____, ESTADO DE _____,
TELEFONE _____ DECLARO ESTAR INFORMADO E PLENAMENTE
ESCLARECIDO pela Sra. JAQUELINE COSTA CASTILHO MOREIRA, mestranda de Pedagogia da
Motricidade Humana, no INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS da UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO" – CAMPUS DE RIO CLARO, localizada na Av. 24-A, 1515 – Bela Vista,
na cidade de Rio Claro – SP- CEP 13506-900, FONE 19-35264125, sobre a minha participação no projeto de
de pesquisa, cujo título é "Lazer, corpo e ambiência: as sensações e emoções na perspectiva da Educação
Ambiental", tendo como ORIENTADORA a Sra. GISELE MARIA SCHWARTZ, Profª. Dra. dessa
Instituição, FONE: 19- 35264335.

Fui informado de que o propósito da pesquisa é investigar as percepções e sensações vivenciadas
durante a participação em experiências corporais em trilhas, valores despertados e no desenvolvimento de
atitudes e ações mais positivas em relação ao meio ambiente, capazes de fomentar a conscientização
ecológica.

Minha participação envolverá o preenchimento de um questionário, ação que não envolve riscos ou
desconfortos previstos. Fui também informado que não serei remunerado pela minha participação, bem como
pelo uso de imagens.

Compreendo que os resultados do estudo da pesquisa podem ser publicados, mas que meu nome ou
identificação não serão revelados. Para manter a confiabilidade de meus registros, a Sra. Jaqueline Costa
Castilho Moreira, usará códigos para os sujeitos, como esse o que garante o sigilo da informação, bem como
restrição de acesso à informação confidencial.

Fui também informado de que quaisquer dúvidas que tiver em relação à pesquisa ou à minha
participação, antes ou depois de meu consentimento, serão respondidas por JAQUELINE COSTA
CASTILHO MOREIRA, RG. 13.071.510, RESIDENTE À RUA CEARÁ, 2766 – RIBEIRÃO PRETO – SP,
FONE: 16-6270920.

Declaro ter sido plenamente esclarecido sobre a natureza, demanda e riscos e benefícios do projeto e
compreendo que posso interromper minha participação a qualquer momento.

Declaro ainda, que recebi cópia deste Termo.

Data, _____

RG. _____

Jaqueline Costa Castilho Moreira
Pesquisadora Responsável
RG. 13.071.510
Fone: 16-6270920

Profª. Dra. Gisele Maria Schwartz
Orientadora

ANEXO 2

ANEXO 2

Questionário: “----- antes do início da “Caminhada da Fé”

Data: ____/____/____

IDADE: _

SEXO: ☐ Masculino

☐ Feminino

ESTADO CIVIL: ☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Outro, especificar: _

ESCOLARIDADE:

☐ Primeiro grau incompleto

☐ Primeiro grau completo

☐ Segundo grau incompleto

☐ Segundo grau completo

☐ Terceiro grau incompleto

☐ Terceiro grau completo

☐ Pós graduação. Especificar: _

☐ Técnico. Especificar: _

☐ Outro. Especificar: _

OCUPAÇÃO:

☐ Profissional liberal, técnico ou assemelhado

☐ Trabalhador em serviços, esporte e diversões

☐ Trabalhador em transportes e comunicações

☐ Empregado de escritório

☐ Autônomo (tipo vendedor)

☐ Militar

☐ Artesão, operário ou servente

☐ Diretor, gerente ou proprietário

☐ Estudante

☐ Outro. Especificar:.....

a)QUAL(IS) O(S) MOTIVO(S) QUE O LEVOU(RAM) A ESCOLHER ESTA TRILHA “CAMINHO DA FÉ”? (É possível assinalar mais de uma alternativa)

☐ Pagamento de promessa

☐ Testar limites físicos

☐ Rever valores e buscar nova consciência

☐ Buscar novos conhecimentos, experimentar novas sensações e emoções

☐ Lazer e divertimento

☐ Contato com a cultura das comunidades que fazem parte do caminho

☐ Convite de amigos

☐ Incentivo ocasionado pelas reportagens na TV, revistas, internet, jornais, folders e outras formas de publicidade sobre o percurso

☐ Possibilidade de turismo acessível

☐ Contato com a natureza

☐ Contato com grupamentos sociais diferenciados: peregrinos, caminhantes, turistas

☐ Aventura

☐ Outros. Especificar: _

1) ASSINALE EM CADA DESENHO O GRAU DE COMO ESTÁ SE SENTINDO, NESS
MOMENTO:



Feliz, alegre

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Ativo, energético

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Pesado, Cansado, carregado

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Agitado, nervoso

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Agradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Desagradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Triste

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Calmo, Tranquilo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Espiritual, Sonhador

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Inútil, Apático

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Leve, Suave

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Tímido

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Cheio de Energia

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Com medo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2) COMO VOCÊ IMAGINA QUE ESTEJA O TRAJETO DA TRILHA?

3) VOCÊ PENSA EM FAZER A CAMINHADA:

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> SOZINHO | <input type="checkbox"/> TANTO FAZ |
| <input type="checkbox"/> EM UM GRUPO JÁ ORGANIZADO (FAMILIARES/AMIGOS) | <input type="checkbox"/> NÃO SEI |
| <input type="checkbox"/> EM COMPANHIA DE PESSOAS QUE CONHECERÁ PELO CAMINHO | <input type="checkbox"/> OUTROS |
- POR QUE?**

4) “ESTA CAMINHADA PODE AJUDAR OS PARTICIPANTES A PENSAREM NA PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE”?

- ☐ SIM ☐ NÃO ☐ NÃO SEI

EXPLIQUE SUA OPINIÃO:

5) VOCÊ ESPERA VENCER ALGUNS OBSTÁCULOS OU DIFICULDADES DURANTE A CAMINHADA?

- ☐ SIM ☐ NÃO ☐ NÃO SEI

EXPLIQUE SUA ESCOLHA:

6)A seguir aparecem várias frases sobre temas relacionados com o meio ambiente. Em relação a elas você pode "discordar muito", ou "discordar"; pode considerar "indiferente"; pode "concordar", ou "concordar muito". Assinale o número que melhor expressa sua opinião para cada uma das frases.

POR FAVOR, RESPONDA TODAS AS FRASES. (Se achar que marcou errado, risque a resposta incorreta e volte a marcar a resposta correta).

Discordo Muito = 1 Discordo = 2 Indiferente = 3 Concordo = 4 Concordo Muito = 5

1 - Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento	1	2	3	4	5
2 - Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	1	2	3	4	5
3 - Ameaças ambientais tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio têm sido exageradamente divulgadas.	1	2	3	4	5
4 - A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	1	2	3	4	5
5 - É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	1	2	3	4	5
6 - A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	1	2	3	4	5
7 - Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	1	2	3	4	5
8 - O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	1	2	3	4	5
9 - Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	1	2	3	4	5
10 - Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	1	2	3	4	5
11 - Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	1	2	3	4	5
12 - Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	1	2	3	4	5
13 - Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	1	2	3	4	5
14 - O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	1	2	3	4	5
15 - Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	1	2	3	4	5
16 - Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	1	2	3	4	5
17 - A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	1	2	3	4	5
18 - Os problemas ambientais não me importam.	1	2	3	4	5
19 - Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	1	2	3	4	5
20 - Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	1	2	3	4	5
21 - Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	1	2	3	4	5
22 - A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana	1	2	3	4	5
23 - Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	1	2	3	4	5
24 - A natureza é importante por que pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	1	2	3	4	5
25 - Dá-se ênfase excessiva à conservação.	1	2	3	4	5
26 - A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	1	2	3	4	5
27 - Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	1	2	3	4	5
28 - Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	1	2	3	4	5
29 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	1	2	3	4	5
30 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	1	2	3	4	5
31 - O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa idéia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	1	2	3	4	5
32 - Às vezes os animais me parecem quase humanos.	1	2	3	4	5
33 - Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	1	2	3	4	5

ANEXO 3

Questionário: "Percurso intermediário da trilha"

Data: __/__/__

1) ASSINALE EM CADA DESENHO O GRAU DE COMO ESTÁ SE SENTINDO, NESSE MOMENTO:



Feliz, alegre

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Ativo, energético

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Pesado, Cansado, carregado

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Aagitado, nervoso

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Agradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Desagradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Triste

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Calmo, Tranquilo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Espiritual, Sonhador

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Inútil, Apático

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Leve, Suave

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Tímido

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Cheio de Energia

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Com medo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco

2) COMO ESTÁ O TRAJETO NA TRILHA?

3) VOCÊ PENSA EM CONTINUAR A CAMINHADA:

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> SOZINHO | <input type="checkbox"/> TANTO FAZ |
| <input type="checkbox"/> EM UM GRUPO JÁ ORGANIZADO (FAMILIARES/AMIGOS) | <input type="checkbox"/> NÃO SEI |
| <input type="checkbox"/> EM COMPANHIA DE PESSOAS QUE CONHECERÁ PELO CAMINHO | <input type="checkbox"/> OUTROS |
- POR QUE?**

4) “ESTA CAMINHADA ESTÁ AJUDANDO OS PARTICIPANTES A PENSAREM SOBRE A PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE”?

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> SIM | <input type="checkbox"/> NÃO | <input type="checkbox"/> NÃO SEI |
|------------------------------|------------------------------|----------------------------------|

EXPLIQUE SUA OPINIÃO:

5) OCORRERAM OBSTÁCULOS OU DIFICULDADES NA CAMINHADA ATÉ O MOMENTO?

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> SIM | <input type="checkbox"/> NÃO | <input type="checkbox"/> NÃO SEI |
|------------------------------|------------------------------|----------------------------------|

EXPLIQUE SUA ESCOLHA:

6)A seguir aparecem várias frases sobre temas relacionados com o meio ambiente. Em relação a elas você pode "discordar muito", ou "discordar"; pode considerar "indiferente"; pode "concordar", ou "concordar muito". Assinale o número que melhor expressa sua opinião para cada uma das frases.

POR FAVOR, RESPONDA TODAS AS FRASES. (Se achar que marcou errado, risque a resposta incorreta e volte a marcar a resposta correta).

Discordo Muito = 1 Discordo = 2 Indiferente = 3 Concordo = 4 Concordo Muito = 5

1 - Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento	1	2	3	4	5
2 - Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	1	2	3	4	5
3 - Ameaças ambientais tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio têm sido exageradamente divulgadas.	1	2	3	4	5
4 - A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	1	2	3	4	5
5 - É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	1	2	3	4	5
6 - A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	1	2	3	4	5
7 - Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	1	2	3	4	5
8 - O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	1	2	3	4	5
9 - Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	1	2	3	4	5
10 - Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	1	2	3	4	5
11 - Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	1	2	3	4	5
12 - Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	1	2	3	4	5
13 - Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	1	2	3	4	5
14 - O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	1	2	3	4	5
15 - Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	1	2	3	4	5
16 - Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	1	2	3	4	5
17 - A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	1	2	3	4	5
18 - Os problemas ambientais não me importam.	1	2	3	4	5
19 - Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	1	2	3	4	5
20 - Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	1	2	3	4	5
21 - Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	1	2	3	4	5
22 - A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana	1	2	3	4	5
23 - Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	1	2	3	4	5
24 - A natureza é importante por que pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	1	2	3	4	5
25 - Dá-se ênfase excessiva à conservação.	1	2	3	4	5
26 - A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	1	2	3	4	5
27 - Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	1	2	3	4	5
28 - Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	1	2	3	4	5
29 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	1	2	3	4	5
30 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	1	2	3	4	5
31 - O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa idéia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	1	2	3	4	5
32 - Às vezes os animais me parecem quase humanos.	1	2	3	4	5
33 - Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	1	2	3	4	5

ANEXO 4

Questionário: “Chegada em Aparecida/SP”

Data: __/__/__

1) ASSINALE EM CADA DESENHO O GRAU DE COMO ESTÁ SE SENTINDO, NESSE MOMENTO:



Feliz, alegre

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Ativo, energético

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Pesado, Cansado, carregado

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Agitado, nervoso

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Agradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Desagradável

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Triste

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Calmo, Tranquilo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Espiritual, Sonhador

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Inútil, Apático

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Leve, Suave

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Tímido

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Cheio de Energia

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco



Com medo

Muito Forte	Forte	Pouco	Muito Pouco

2) COMO ESTAVA O TRAJETO NA TRILHA?

3) VOCÊ FEZ A CAMINHADA:☐ SOZINHO☐ ACOMPANHADO☐ AMBOS**EXPLIQUE?** _____

4) “ESTA CAMINHADA AJUDOU OS PARTICIPANTES A PENSAREM SOBRE A PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE”?☐ SIM☐ NÃO☐ NÃO SEI**EXPLIQUE SUA OPINIÃO:** _____

5) VOCÊ VENCEU OBSTÁCULOS OU DIFICULDADES NO CAMINHO?☐ SIM☐ NÃO☐ NÃO SEI**EXPLIQUE SUA ESCOLHA:** _____

6)A seguir aparecem várias frases sobre temas relacionados com o meio ambiente. Em relação a elas você pode "discordar muito", ou "discordar"; pode considerar "indiferente"; pode "concordar", ou "concordar muito". Assinale o número que melhor expressa sua opinião para cada uma das frases.

POR FAVOR, RESPONDA TODAS AS FRASES. (Se achar que marcou errado, risque a resposta incorreta e volte a marcar a resposta correta).

Discordo Muito = 1 Discordo = 2 Indiferente = 3 Concordo = 4 Concordo Muito = 5

1 - Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento	1	2	3	4	5
2 - Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	1	2	3	4	5
3 - Ameaças ambientais tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio têm sido exageradamente divulgadas.	1	2	3	4	5
4 - A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	1	2	3	4	5
5 - É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	1	2	3	4	5
6 - A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	1	2	3	4	5
7 - Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	1	2	3	4	5
8 - O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	1	2	3	4	5
9 - Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	1	2	3	4	5
10 - Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	1	2	3	4	5
11 - Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	1	2	3	4	5
12 - Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	1	2	3	4	5
13 - Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	1	2	3	4	5
14 - O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	1	2	3	4	5
15 - Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	1	2	3	4	5
16 - Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	1	2	3	4	5
17 - A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	1	2	3	4	5
18 - Os problemas ambientais não me importam.	1	2	3	4	5
19 - Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	1	2	3	4	5
20 - Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	1	2	3	4	5
21 - Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	1	2	3	4	5
22 - A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana	1	2	3	4	5
23 - Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	1	2	3	4	5
24 - A natureza é importante por que pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	1	2	3	4	5
25 - Dá-se ênfase excessiva à conservação.	1	2	3	4	5
26 - A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	1	2	3	4	5
27 - Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	1	2	3	4	5
28 - Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	1	2	3	4	5
29 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	1	2	3	4	5
30 - Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	1	2	3	4	5
31 - O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa idéia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	1	2	3	4	5
32 - Às vezes os animais me parecem quase humanos.	1	2	3	4	5
33 - Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	1	2	3	4	5

ANEXO 5

The SAS System

Obs Q1 Q2 Q3 Q4 Q5 Q6 Q7 Q8 Q9 Q10 Q11 Q12 Q13 Q14

```

1 4 3 2 2 4 4 4 3 4 4 3 4 3 3
2 3 2 4 1 3 4 4 4 3 4 3 4 3 4
3 3 3 1 3 3 4 4 3 2 4 3 4 3 4
4 3 3 1 3 4 4 4 3 4 4 4 4 4 4
5 4 3 3 4 3 4 4 3 3 4 2 4 3 3
6 3 4 2 3 4 4 4 4 4 4 2 4 4 4
7 3 3 1 2 4 4 4 3 2 4 3 4 4 4

```

The SAS System

2

The FACTOR Procedure

Initial Factor Method: Principal Components

Prior Communality Estimates: ONE

Eigenvalues of the Correlation Matrix: Total = 10 Average = 0.71428571

	Eigenvalue	Difference	Proportion	Cumulative
1	3.28327180	0.62848545	0.3283	0.3283
2	2.65478635	0.78760305	0.2655	0.5938
3	1.86718330	0.43694306	0.1867	0.7805
4	1.43024024	0.90129941	0.1430	0.9235
5	0.52894083	0.29336333	0.0529	0.9764
6	0.23557749	0.23557749	0.0236	1.0000
7	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
8	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
9	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
10	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
11	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
12	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
13	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
14	0.00000000		0.0000	1.0000

4 factors will be retained by the MINEIGEN criterion.

	Factor Pattern			
	Factor1	Factor2	Factor3	Factor4
Q1	-0.71841	0.62079	-0.06295	0.27835
Q2	0.46369	0.71576	0.35715	-0.31899
Q3	-0.73126	-0.36871	0.51719	0.11108
Q4	-0.03313	0.73837	-0.08553	-0.50427
Q5	0.70331	0.41084	0.16404	0.47689
Q6	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q7	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q8	0.01897	-0.49257	0.86317	-0.06872
Q9	0.08213	0.39605	0.56594	0.60884
Q10	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q11	0.43107	-0.31429	-0.56761	0.55132
Q12	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q13	0.90145	0.15336	0.20607	-0.01042
Q14	0.71841	-0.62079	0.06295	-0.27835

The SAS System

3

The FACTOR Procedure

Initial Factor Method: Principal Components

Variance Explained by Each Factor

Factor1	Factor2	Factor3	Factor4
3.2832718	2.6547863	1.8671833	1.4302402

Final Commuality Estimates: Total = 9.235482

Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	
0.98293129	0.95663934	0.95051066	0.80790125	0.91777598	
Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	
0.00000000	0.00000000	0.99276531	0.85457530	0.00000000	
Q11	Q12	Q13	Q14		
0.91074031	0.00000000	0.87871094	0.98293129		

The SAS System

1

Obs Q1 Q2 Q3 Q4 Q5 Q6 Q7 Q8 Q9 Q10 Q11 Q12 Q13 Q14

1	4	3	2	1	3	4	4	4	4	4	2	4	3	4
2	3	3	2	1	3	4	3	3	4	4	3	4	3	4
3	4	4	2	2	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4
4	3	3	2	2	4	4	3	3	4	4	4	4	3	3
5	3	3	2	2	3	4	4	3	3	4	3	4	3	4
6	4	4	2	2	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4

The SAS System

2

The FACTOR Procedure

Initial Factor Method: Principal Components

Prior Commuality Estimates: ONE

Eigenvalues of the Correlation Matrix: Total = 11 Average = 0.78571429

	Eigenvalue	Difference	Proportion	Cumulative
1	4.65806351	1.47769948	0.4235	0.4235
2	3.18036403	1.36784064	0.2891	0.7126
3	1.81252339	0.84103298	0.1648	0.8774
4	0.97149041	0.59393175	0.0883	0.9657
5	0.37755866	0.37755866	0.0343	1.0000
6	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
7	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
8	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
9	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
10	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
11	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
12	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
13	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
14	0.00000000		0.0000	1.0000

3 factors will be retained by the MINEIGEN criterion.

Factor Pattern			
	Factor1	Factor2	Factor3
Q1	0.78946	-0.46970	-0.13238
Q2	0.92399	0.03050	0.17035
Q3	0.00000	0.00000	0.00000
Q4	0.47958	0.55717	0.64335
Q5	0.63948	0.62066	0.18218
Q6	0.00000	0.00000	0.00000
Q7	0.63865	-0.59932	0.30971
Q8	0.78946	-0.46970	-0.13238
Q9	-0.08814	0.26595	-0.93851
Q10	0.00000	0.00000	0.00000
Q11	0.32796	0.92733	0.01070
Q12	-0.80594	-0.24705	0.40229
Q13	0.80594	0.24705	-0.40229
Q14	0.31081	-0.79412	-0.02894

The SAS System

3

The FACTOR Procedure

Initial Factor Method: Principal Components

Variance Explained by Each Factor

Factor1	Factor2	Factor3
4.6580635	3.1803640	1.8125234

Final Commuality Estimates: Total = 9.650951

Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	
0.86138291	0.88370684	0.00000000	0.95433339	0.82733906	
Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	
0.00000000	0.86298675	0.86138291	0.95930598	0.00000000	
Q11	Q12	Q13	Q14		
0.96761469	0.87241772	0.87241772	0.72806296		

The SAS System

1

Obs	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14
1	4	4	2	2	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4
2	3	2	1	1	3	3	3	2	4	2	4	2	4	
3	4	3	2	3	4	4	3	3	4	4	4	4	3	4
4	4	3	2	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
5	4	4	2	1	4	4	4	3	3	4	3	4	4	4
6	4	4	1	4	4	4	3	1	4	4	4	4	4	4
7	4	3	1	1	3	4	4	4	4	3	4	3	4	

The SAS System

2

The FACTOR Procedure

Initial Factor Method: Principal Components

Prior Commuality Estimates: ONE

Eigenvalues of the Correlation Matrix: Total = 11 Average = 0.78571429

4

	Eigenvalue	Difference	Proportion	Cumulative
1	6.02789950	3.39046411	0.5480	0.5480
2	2.63743539	1.64307620	0.2398	0.7878
3	0.99435919	0.12249019	0.0904	0.8782
4	0.87186900	0.54150752	0.0793	0.9574
5	0.33036148	0.19228604	0.0300	0.9874
6	0.13807544	0.13807544	0.0126	1.0000
7	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
8	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
9	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
10	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
11	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
12	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
13	0.00000000	0.00000000	0.0000	1.0000
14	0.00000000		0.0000	1.0000

2 factors will be retained by the MINEIGEN criterion.

Factor Pattern		
	Factor1	Factor2
Q1	0.94296	0.17794
Q2	0.82796	-0.10982
Q3	0.55855	0.43444
Q4	0.46466	-0.86002
Q5	0.84595	-0.15103
Q6	0.94296	0.17794
Q7	0.33790	0.86325
Q8	-0.20308	0.91761
Q9	0.83416	0.03586
Q10	0.00000	0.00000
Q11	0.90582	-0.14328
Q12	0.00000	0.00000
Q13	0.80545	0.04296
Q14	0.00000	0.00000

The SAS System
The FACTOR Procedure
Initial Factor Method: Principal Components
Variance Explained by Each Factor

3

Factor1	Factor2
6.0278995	2.6374354

Final Communality Estimates: Total = 8.665335					
Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	
0.92083617	0.69757826	0.50071916	0.95554183		0.73844657
Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	
0.92083617	0.85937947	0.88324923	0.69711157		0.00000000
Q11	Q12	Q13	Q14		
0.84103339	0.00000000	0.65060306	0.00000000		

ANEXO 6

The SAS System

1

O QQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQQ
 BQQQQQQQQQQ11111111112222222223333
 S123456789012345678901234567890123

1541252541115111511215223154544452
 2441244131125211411115423154434255
 3252142521114221441215424154444244
 4551142521133111411111514155422115
 554225243212421132221542325552224
 645154253115512151121555525555555
 745443453414221231111522425522425
 The SAS System 2

Initial Factor Method: Principal Components

Prior Communality Estimates: ONE

Eigenvalues of the Correlation Matrix: Total = 30 Average = 0.90909091

	1	2	3	4	5
Eigenvalue	9.2775	6.5509	4.6999	3.9165	3.1596
Difference	2.7266	1.8509	0.7834	0.7569	0.7639
Proportion	0.3092	0.2184	0.1567	0.1306	0.1053
Cumulative	0.3092	0.5276	0.6843	0.8148	0.9201

	6	7	8	9	10
Eigenvalue	2.3957	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	2.3957	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0799	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	11	12	13	14	15
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	16	17	18	19	20
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	21	22	23	24	25
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	26	27	28	29	30
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	31	32	33
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000

6 factors will be retained by the PROPORTION criterion.
The SAS System 3

Initial Factor Method: Principal Components

Factor Pattern

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4	FACTOR5	FACTOR6
Q1	-0.07144	-0.31411	0.26051	0.88380	-0.21308	-0.04304
Q2	-0.35601	0.65484	-0.59268	-0.14258	0.04284	-0.26646
Q3	-0.80991	0.17391	0.29732	-0.28557	0.35065	-0.14456
Q4	-0.13646	0.84384	0.43459	0.22531	-0.04261	0.16692
Q5	-0.67606	-0.51511	0.14761	0.38308	0.32990	0.01529
Q6	-0.56610	0.01113	0.44050	-0.38557	-0.51348	0.27026
Q7	-0.07566	0.39248	-0.23443	0.24928	0.47616	-0.70456
Q8	0.29063	-0.00598	0.89999	0.27176	-0.10398	-0.14445
Q9	-0.85854	0.16785	0.43042	-0.02548	0.20233	-0.08878
Q10	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q11	-0.37329	0.78616	-0.05757	0.39890	-0.18437	0.21489
Q12	0.92799	-0.01490	0.19890	-0.00390	-0.12086	0.29056
Q13	-0.44555	-0.26862	0.22159	-0.61888	0.30967	0.44869
Q14	0.42623	0.66401	-0.36683	-0.36679	0.32144	0.07071
Q15	-0.82835	0.30207	0.37687	-0.15441	-0.02285	-0.23706
Q16	0.82139	0.33038	-0.05066	0.10025	-0.35139	-0.28297
Q17	0.16113	-0.12580	-0.36241	-0.63531	0.65048	-0.01094
Q18	-0.09059	-0.40268	0.16067	0.38678	0.67553	0.44486
Q19	-0.67615	0.15475	0.12218	0.05054	0.70317	-0.08334
Q20	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q21	0.22538	0.23322	0.74147	-0.42630	0.33154	0.23105
Q22	0.24035	0.14559	-0.76108	0.21389	-0.03137	0.54320
Q23	0.39262	0.83809	0.17145	0.13442	0.09062	0.29626
Q24	-0.07227	0.88745	-0.44789	0.04453	0.02513	-0.06316
Q25	-0.39598	0.52906	0.33936	0.36987	0.45421	0.32407
Q26	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q27	-0.55535	0.36415	-0.18494	0.67131	0.21978	0.16069
Q28	0.85616	-0.13920	-0.05833	0.40465	0.21737	0.18226
Q29	0.79328	0.56125	0.04929	-0.21255	-0.00391	-0.08989
Q30	-0.79827	0.45723	0.10561	-0.30954	-0.19677	0.08956
Q31	0.16488	0.75197	0.59225	0.11708	0.01619	-0.20644
Q32	-0.76264	0.26974	0.38918	-0.36033	-0.23255	0.10120
Q33	-0.54022	0.37412	-0.40823	-0.03302	-0.27604	0.56943

Variance explained by each factor

FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4	FACTOR5	FACTOR6
9.277459	6.550854	4.699907	3.916513	3.159587	2.395679

The SAS System 4

Initial Factor Method: Principal Components

4

Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	21	22	23	24	25
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	26	27	28	29	30
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000

	31	32	33
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000
Difference	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000

6 factors will be retained by the PROPORTION criterion.
The SAS System 3

Initial Factor Method: Principal Components

Factor Pattern

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4	FACTOR5	FACTOR6
Q1	-0.17252	0.22009	0.19812	0.65327	-0.50125	-0.45225
Q2	0.10195	0.54239	-0.46217	-0.64259	0.09165	-0.24596
Q3	-0.94370	0.12127	-0.19182	-0.08403	0.22549	0.00540
Q4	-0.15849	0.87599	-0.13681	0.29134	0.12029	-0.29909
Q5	0.81916	-0.47917	-0.03086	0.26771	0.16101	0.02873
Q6	-0.82996	0.36631	-0.28429	0.10502	0.02229	0.29092
Q7	-0.33647	0.29648	0.83336	-0.27565	0.12916	-0.10834
Q8	0.56827	0.34173	-0.51014	0.52383	0.15964	0.01291
Q9	-0.94077	0.17881	-0.21644	0.14145	0.02273	-0.12495
Q10	-0.37891	0.90398	-0.03660	0.15066	0.09422	-0.07960
Q11	0.15554	0.70520	0.42696	0.51970	0.04693	0.15463
Q12	0.92026	0.18537	-0.23711	0.22322	0.05538	0.09820
Q13	-0.97714	0.06373	-0.00444	-0.02782	0.02945	0.19869
Q14	0.32685	0.87946	0.08243	0.15927	0.17210	0.24069
Q15	-0.57144	0.07701	0.33052	0.09563	-0.59273	0.44475
Q16	0.51161	0.66560	-0.38818	-0.18195	-0.26974	0.19669
Q17	-0.30765	-0.24065	0.02279	-0.48681	0.71940	0.30398
Q18	-0.14601	-0.52347	0.04454	0.66089	0.46223	-0.22857
Q19	-0.15950	0.26502	-0.59358	0.18514	0.69427	0.18896
Q20	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000	0.00000
Q21	0.89210	-0.35330	0.23128	0.07885	0.13135	0.04876
Q22	-0.13340	0.33297	0.91942	0.12523	0.09030	0.04650
Q23	0.30672	0.78591	0.10188	0.37018	0.32404	0.18937
Q24	0.34231	0.20780	0.84021	-0.20090	0.14685	-0.26789
Q25	-0.80412	-0.13181	-0.14465	0.45085	0.25630	-0.21482

5

```

Q26  0.89210 -0.35330 0.23128 0.07885 0.13135 0.04876
Q27 -0.10444 0.06525 0.91418 0.19855 0.13091 -0.30421
Q28  0.46418 -0.00600 -0.04774 0.81903 -0.10504 0.31683
Q29  0.51524 0.42153 0.67958 -0.30195 0.04755 0.03968
Q30  0.29194 0.78164 0.03989 -0.44043 -0.28207 0.16935
Q31  0.22359 0.61938 -0.60784 -0.03670 -0.09531 -0.43183
Q32  0.63737 0.25387 -0.34369 -0.50479 0.27723 -0.28200
Q33 -0.18546 0.22010 0.89943 -0.10577 0.29874 0.08799

```

Variance explained by each factor

```

      FACTOR1 FACTOR2 FACTOR3 FACTOR4 FACTOR5 FACTOR6
9.977888 7.030794 6.540734 4.175260 2.596075 1.679249
The SAS System                                4

```

Initial Factor Method: Principal Components

Final Commuality Estimates: Total = 32.000000

```

      Q1  Q2  Q3  Q4  Q5  Q6  Q7
1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000

      Q8  Q9  Q10  Q11  Q12  Q13  Q14
1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000

      Q15  Q16  Q17  Q18  Q19  Q20  Q21
1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 0.000000 1.000000

      Q22  Q23  Q24  Q25  Q26  Q27  Q28
1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000

      Q29  Q30  Q31  Q32  Q33
1.000000 1.000000 1.000000 1.000000 1.000000

```

The SAS System 1

```

O      Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q
B Q Q Q Q Q Q Q Q Q Q 1 1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 3 3 3 3
S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 1 2 3

```

```

1 4 5 1 2 5 2 2 4 1 1 1 5 1 2 1 5 1 1 2 1 5 2 2 1 1 5 2 5 2 4 5 5 1
2 4 4 1 2 4 1 5 2 1 1 2 5 2 2 1 4 1 1 2 1 5 4 2 2 1 5 4 4 2 2 2 5 5
3 2 5 2 1 4 2 5 2 1 1 1 4 2 2 1 4 4 1 2 1 5 4 2 4 1 5 4 4 4 2 5 5
4 5 5 1 2 4 2 5 1 1 1 2 5 2 1 1 4 2 1 1 1 5 4 2 4 1 5 5 4 2 4 2 1 4
5 4 4 2 2 4 1 4 3 1 2 2 3 2 1 1 4 2 1 2 1 5 5 2 4 2 5 5 5 5 2 2 2 4
6 5 5 1 5 5 1 5 5 1 1 5 5 1 5 1 5 1 1 4 1 5 5 5 5 1 5 5 5 5 5 4 5 5
7 4 5 4 2 2 4 5 2 4 2 2 2 4 1 2 2 1 1 2 1 4 2 2 2 2 5 4 4 2 4 4 2 4
The SAS System                                2

```

Initial Factor Method: Principal Components

Prior Commuality Estimates: ONE

Eigenvalues of the Correlation Matrix: Total = 30 Average = 0.90909091

	1	2	3	4	5	
Eigenvalue	11.6578	5.9040	5.6383	3.0531	2.2074	
Difference	5.7538	0.2657	2.5852	0.8457	0.6680	
Proportion	0.3886	0.1968	0.1879	0.1018	0.0736	
Cumulative	0.3886	0.5854	0.7733	0.8751	0.9487	

	6	7	8	9	10	
Eigenvalue	1.5394	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	1.5394	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0513	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	

	11	12	13	14	15	
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	

	16	17	18	19	20	
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	

	21	22	23	24	25	
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	

	26	27	28	29	30	
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	1.0000	

	31	32	33	
Eigenvalue	0.0000	0.0000	0.0000	
Difference	0.0000	0.0000		
Proportion	0.0000	0.0000	0.0000	
Cumulative	1.0000	1.0000	1.0000	

6 factors will be retained by the PROPORTION criterion.
The SAS System 3

Initial Factor Method: Principal Components

Factor Pattern

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4	FACTOR5	FACTOR6
Q1	0.25008	0.36036	0.24598	-0.18608	-0.80970	0.23844
Q2	-0.02595	0.10400	0.51412	0.68702	0.17517	0.47066
Q3	-0.86290	0.38386	0.10496	-0.03945	0.30801	-0.02459
Q4	0.60234	0.69452	0.31642	-0.01813	-0.23213	-0.02223

